ANO 38. SÁBADO, 9 DE AGOSTO DE 1958 N.º 12.813

Diario de Lisbôa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR — NORBERTO LOPES

TELEF.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
ENDEREÇO TELEGRAFICO: DIBOA RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NUMERO AVULSO: UM ESCUDO

O novo Presidente da República

foi hoje solenemente investido na sua alta magistratura durante a sessão conjunta da Assembleia Nacional e da Câmara Corporativa em que leu a sua mensagem à Nação

Ficou hoje investido no alto cargo para que foi eleito o sr. contra-almirante Américo Tomás, que sucede na Presidência da Republica ao sr. general Craveiro Lopes. O acto da posse obedeceu ao costumado cerimonial, que teve a imponência e o brilho requeridos. As formalidades oficiais, que se revestem sempre de uma gravidade protocolar, foram precedidas pelo primeiro contacto do novo Chefe do Estado com a população da capital, que dispensou ao sr. contra-almirante Américo Tomás carinhoso acolhimento, tanto ao dirigir-se para a Assembleia Nacional, como no regresso a Belém, depois de investido nas suas altas funções.

Extintos os ultimos ecos de uma luta eleitoral que revelou divergências profundas entre os Portugueses, e que não foi de todo inutil, pelas perspectivas que abriu de regeneração de costumes, reforma de métodos e substituição de quadros, inicia-se na vida portuguesa uma nova fase, não isenta de perigos e dificuldades, em que todos nos devemos empenhar por conseguir um clima de apaziguamento indispensável para que o País possa viver com dignidade e progredir com segurança.

O sr. contra-almirante Américo Tomás, pelas suas nobres qualidades de carácter e pelo exemplo dignificante da sua vida, consagrada ao bem comum, não iludirá — estamos certos disso — as esperanças que depositaram nele quantos contribuiram para o elevar á mais alta magistratura nacional.

*

O sr.. Almirante Américo Tomás, que saiu, esta manhã, da sua residência, em Cascais, deu entrada, ás 9 e 30, no Palácio de Belém, acompanhado pelo seu ajudante de campo sr. capitão-tenente Guilherme Tomás. O novo Chefe do Estado, que, bem como o seu ajudante, trajava civilmente, foi recebido, á porta do Palácio, do lado da Calçada da Ajuda pelo sr. dr. Luís Pereira Coutinho, secretário da Presidência da Republica, dirigiu-se para os seus aposentos, onde se fardou para a cerimónia da investidura.

Pouco depois chegavam, envergando já uniforme de gala, os srs. brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da

(Continua na página central)

O sr. Presidente da Republica sauda a multidão, da varanda do Palácio de S. Bento

EM CIMA — O Chefe do Estado, tendo á direita o sr. Presidente do Conselho, lendo a sua mensagem

EM BAIXO — O almirante Américo Tomás, quando se dirigia para a sala das sessões da Assembleia Nacional, seguido do Chefe do Governo

A mensagem à Nação

lida pelo almirante Américo Tomás durante a sessão na Assembleia Nacional

É a seguinte a mensagem lida pelo sr. almirante Américo Tomás, durante a sessão na Assembleia Nacional, para a sua investidura como novo Presidente da Republica:

Senhores presidentes da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa, senhores deputados e dignos procuradores:

O juramento que perante vós prestei nesta solenissima sessão, para formal investidura nas funções de Presidente da Republica, impõe-me a obrigação de manter e cumprir leal e fielmente a Constituição, de observar as leis, de promover o bem-estar geral da Nação e de sustentar e defender a integridade e a independência da Pátria Portuguesa. Nas circunstancias actuais, em que os espíritos se mostram, não só entre nós mas por toda a parte, perigosamente perturbados, o juramento a que fiquei vinculado exprime-se, e talvez mais do que nunca, por uma tarefa extremamente pesada e difícil, que só poderá ser integralmente executada desde que me não falte a indispensável ajuda dos Portugueses e possa verificar-se uma favorável evolução nos acontecimentos mundiais.

Salvo episódicas ocasiões, conseguimos viver em quietação política nos ultimos trinta anos, com manifesta utilidade para o progresso e bom nome do País. Ocorreu recentemente uma dessas ocasiões, que se caracterizou por nefasto clima de paixões, apto a envenenar a paz e harmonia

(Continua na 3.ª página)

«Diário de Lisboa»
publica hoje
32 páginas
nas quais se inclui
MAGAZINE

Oito ciclistas na meta de Setúbal

com oito minutos de avanço sobre os imediatos entre os quais o «camisola amarela», que mantém a sua posição

SETUBAL, 9—(Pelo telefone)—A partida foi dada ás 6 e 15, em Portimão. Amanhecia, mas fazia ainda escuro. Temperatura um quanto desagradável. Pouca gente assistiu, como se esperava, á largada dos ciclistas, agora em numero de 52.

A primeira fuga

Com meia hora de prova—15 quilómetros percorridos. Precisamente nesta altura, em Odiaxere, fugiram ao pelotão Alberto Carvalho, Aquiles dos Santos, Sousa Santos e Azevedo Maia, que, ás 6 e 50, passaram em Lagos.

Notaram-se algumas pessoas na estrada e nas ruas daquela cidade, apesar da hora matutina.

Com uma hora de corrida, haviam-se devorado 34 quilómetros.

Neste momento, os quatro fugitivos levavam um minuto de avanço sobre o pelotão.

Aljezur estava á vista e foi precisamente naquela vila que os fugitivos foram apanhados por Henrique Castro, Artur Carreira, Agostinho Ferreira e Antonino Baptista. Formou-se, assim, na vanguarda um grupo constituído por oito unidades.

Cronometrámos, aos 54 quilómetros, a diferença que os separava do pelotão: 5 m. e 30 s.

(Continua na 6.ª página)

Visado pela Comissão de Censura

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

TURISMO E TURISTAS

SENTE-SE que o assunto «turismo» continua na ordem do dia. O conselho nacional, ontem reunido, pôs diversos problemas — alguns deles relacionados com outros serviços: mendicidade e pé descalço. São títulos a apagar, com uma esponja de energia. Falou-se também: das deficiências de policiamento na zona da Costa do Sol, da criação de novos circuitos turisticos, da diminuição dos limites de preços dos quartos com casas de banho e de nova orientação para o sistema de alojamento em regime de pensão completa. São aspectos que cada um entendera. Mas para alem de tudo isso, há um problema de expressão maior: que oferecemos nos aos turistas, além do belo sol que quando nasce é para todos? O sol, o clima, a cor do céu, a areia fina das praias — e que mais? Temos condições naturais para instalar uma industria de turismo, mas não soubemos ainda criar toda aquela rede de atractivos, de toda a ordem que o turista espera encontrar. Para lição de muitos poderá inscrever-se esta fórmula: vamos a explorar mais o turismo — e a explorar menos os turistas.

FEIXE DE IMAGENS

FOI mandado para o «Diário do Governo» um decreto abrindo um crédito especial de 17 mil contos, destinado a custear novos encargos da luta contra a tuberculose. Diz o texto justificativo das disposições que «o ritmo a que está a ser cumprido o programa situou-o, no presente momento, numa fase de execução mais avançada do que a prevista». E' bom que assim seja e só temos que nos regozijar. Mas sem que isso nos faça perder a consciência do peso do mal e do atraso em que permanecemos.

*** Em Viana do Castelo, um pequenito de 15 anos (José Manuel Gomes) morreu de um choque eléctrico em sua casa. A falta (que confessamos) de conhecimento técnico do problema faz que persista em nós a convicção de que há qualquer coisa que não está certa, dada a frequência de desastres tais. Esperamos que os técnicos responsáveis nos desmintam — ou nos esclareçam.**

*** Um homem da povoação de Areia de Vilares, perto de Braga (Manuel Simões Loureiro) estava na rua com um filhinho de 16 meses ao colo. Veio um automobilista (português residente na Califórnia a férias em Portugal) a pedir-lhe um esclarecimento de caminhos. O pai pôs o menino no chão, deu o esclarecimento pedido, o automobilista agradeceu, repôs o carro em marcha — e o carro esmagou o menino.**

*** Seguiram para os Estados Unidos mais dois bolseiros portugueses: o dr. José Correia Alves, do Teatro Universitário do Porto, e o engenheiro agrónomo Armando Madail. Cada um na sua especialidade ganhará novos conhecimentos que valorizarão a sua actividade profissional.**

*** Dos desastres na estrada apontam-se dois mortos: Armando Afonso dos Reis, perto de Castelo Branco, por se ter voltado o carro, depois de ter chocado com uma árvore (mais duas senhoras hospitalizadas); José Duarte, que ia de moto e foi chocar numa camioneta, perto do Cercal.**

JORNAL PEQUENO

COM o Presidente do Conselho trabalhou ontem o ministro da Economia. * Foi nomeado adido naval em Londres o sr. capitão-de-fragata Jaime Rodrigues Lopes, que segue amanhã a tomar conta do seu posto. * O ministro da Economia entregou as insígnias do Mérito Agrícola ao eng.º Mendes Frazão, director-geral dos Serviços Florestais. * Chegou a Lisboa para férias (tem residência própria entre nós) o antigo embaixador holandês no nosso País, sr. Van Kleffens. * Afundou-se ao largo da Terra Nova o lugre «Cruz de Malta», de Aveiro. Salvaram-se os 44 tripulantes.

O 1.º Festival do Fado

Maria Helena Meneses «princesinha do fado castiço» e finalista no Porto-Lisboa em Fado, como representante da capital. E' natural de Lisboa e representou o pitoresco Bairro da Madragoa no Concurso de Fados de 1958, onde conquistou o cartão de profissional. Por iniciativa do jornal «A Voz de Portugal», no próximo dia 15, vai ao Pavilhão dos Desportos, para cantar no I Festival do Fado, em competência com as representantes de Lisboa, do Porto e do Ultramar

O 103.º aniversário
da Academia de Recreio Artístico

Amanhã, pelas 15 horas, na Academia de Recreio Artístico, que comemora o 103.º aniversário, será distribuido um bodo a alguns pobres. Agradecemos o envio de duas senhas destinadas a pobres protegidos do nosso jornal.

Academia de Ex-Libris

A Junta Directiva da Academia Portuguesa de Ex-Libris, na sua ultima reunião, exarou em acta um voto de agradecimento pela colaboração que a Imprensa e a Rádio lhe têm oferecido, sobretudo na organização da Exposição de Super-Libros que, recentemente, se efectuou no Palácio Foz, com verdadeiro êxito.

Associações de instrução
e educação de pobres

Segundo parecer emitido pela Procuradoria-Geral da Republica, as associações de instrução ou de educação de pobres e indigentes continuam a dever considerar-se, legalmente, associações beneficentes e pessoas colectivas de utilidade publica administrativa.

Um colóquio internacional sobre os direitos do homem

A Liga Belga dos Direitos do Homem acaba de dirigir o seu convite a várias personalidades e entidades, para que tome parte num Colóquio Internacional que organiza, no quadro da Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, nos dias 17, 18, 19 e 20 de Outubro.

O lema geral do Colóquio é: «O homem ao serviço do homem—para um mundo mais humano», que se divide nos seguintes temas: «Situação dos Direitos do Homem em 1958 sobre o plano nacional e internacional: tentativa de um inventário»; «Estudo de um projecto de convenção internacional tendente a assegurar o respeito dos direitos da defesa nos processos políticos, especialmente pela criação de um Tribunal Internacional e pela admissão de observadores estrangeiros»; e «Contribuições das doutrinas filosóficas, morais e religiosas com a referência aos direitos do homem».

A Liga Belga entende, que dez anos passados sobre a aprovação da Declaração Universal dos Direitos do Homem, adoptada pelas Nações Unidas, em 10 de Dezembro de 1948, merecem um exame os progressos verificados e os obstáculos que se lhe têm oposto.

A posição da «Sagres» na regata Brest-Las Palmas

LAS PALMAS (Canárias), 8. — O navio-escola português «Sagres», que está a disputar a grande regata de vela entre Brest e Las Palmas, está a navegar, segundo informa a corveta espanhola «Descubierta», a 200 milhas dos veleiros que seguem na vanguarda, com vento fraco do Norte, á velocidade de 6 a 7 nós e com boa visibilidade.

O navio-escola argentino «Fortuna» voltou ao comando, seguido pelas embarcações inglesas «Bloodhound», «Jocasta», «Marabu» e «Capella», pela francesa «Striana» e pela italiana «Artic II».

Sessenta milhas atrás navegava o iate francês «Aile Noire» e, outras 60 milhas atrás deste, os barcos «Flying Clipper» (sueco), «Urania» (holandês) e os franceses «Farewell» e «Seretine».

Finalmente, a 200 milhas do «Fortuna» navegavam, a seguir á «Sagres», os navios «L'Etoile», francês; o «Mercator», belga; e o norueguês «Christian Badich». — (A. N. I.).

Afogado no rio Ave

CALDAS DAS TAIPAS, 8. — Morreu afogado, quando, na companhia de vários colegas, tomava banho no rio Ave, no local de Brito, o operário fabril de Creixomil, Domingos Oliveira.

O cadáver do desditoso banhista ainda não apareceu.

RESTAURANTE TIPICO
LOBOS DO MAR
Ao fundo da Calçada de Carriche
Tel. 051146
NOVA GERÊNCIA
*
EM PLENO EXITO
o conjunto dirigido por
Bartolo Valença
RAPSÓDIA PORTUGUESA
Jantares — Ceias
Banquetes
FADOS e GUITARRADAS
Aberto toda a noite (17 anos)

Vai casar a Fátima?
Mande fazer o banquete ou «copo de água» no Café-Restaurante Avé Maria Sala própria Telefone 41

CASA DE REPOUSO
dos Alfaiates de Portugal
Para comemorar o X aniversário da inauguração da Casa de Repouso dos Alfaiates, em Albarraque, resolveu a sua direcção promover amanhã, ás 16 horas, uma pequena festa de confraternização com os internados, dois dos quais são admitidos nessa ocasião. Será descerrado um retrato do sócio benemérito, sr. comendador João Ferreira dos Santos, já falecido.

PEPSI-COLA
A SOCIEDADE CENTRAL DE CERVEJAS, leva ao conhecimento do Comércio de Lisboa que, em virtude de se terem levantado duvidas sobre a composição da «PEPSI» — muito embora ela seja produzida e vendida na nossa Provincia de Angola e em 77 Paises — resolveu suspender temporáriamente a produção do respectivo produto, até seu esclarecimento.

TÁGIDE
EM LISBOA
«Os Vossos Restaurantes — Music-Hall»
EM CASCAIS
PALM BEACH
O «Programa de Oiro» 1958 do «Music-Hall» em Portugal
ANNY GOULD
BALLET CROIX DU SUD
JEAN PAUL VIGNON
HELENA TAVARES — PATRICIA
Adultos (Maiores de 17 anos)

Sal de Fruta
ENO
dá
boa saúde
todos os dias!

Tome sal de fruta ENO, todas as manhãs para manter essa sensação de bem estar.
ENO com as suas propriedades anti-ácidas, estimula o fígado e actua como laxante suave.
SAL DE FRUTA **ENO**
ENO e SAL de FRUTA são marcas registadas

Não se afigurando sério negar ou minimizar

o muito que de bom se faça, não há também que falar apenas no que resulte bem, escondendo o que ficou por fazer ou se realizou mal

— disse o sr. almirante Américo Tomás na sua mensagem

(Continuação da 1.ª página)

em que vivemos. Convém, no entanto, estar atento a sentimentos ou críticas que pareçam justificados. Em toda a obra humana nem tudo resulta bem feito ou executado em conformidade com os melhores intentos e, não se afigurando sério negar ou minimizar o muito que de bom se faça, não há também, que falar apenas no que resulte bem, escondendo o que ficou por fazer ou se realizou mal. A quem administra cabe estar atento aos erros que se cometem e ás deficiências que forem surgindo e animado do firme desejo e da preocupação constante de só ser util á causa que serve. A obra a realizar, dentro desta orientação, é ainda imensa e para a sua consecução poderá contribuir, em muito, o II Plano de Fomento, cuja execução começará no próximo ano; e não deverá olvidar-se que entre os problemas mais instantes e só parcialmente resolvidos, avultam os do nível de vida das classes mais desfavorecidas, da habitação dessas classes, da saude e da educação. A eles terá de ser dedicado imediato e especial cuidado e para a sua realização serão necessárias a ajuda e a compreensão de todos os Portugueses.

Apesar das aparências, têm-se vincado, cada vez mais, os dissidios entre os dois grandes blocos em que o Mundo se encontra dividido, caracterizando-se um pela sua orientação desconcertante, mas sempre objectiva e dinamica, e o outro por procedimentos muitas vezes desconexos, hesitantes, senão contraditórios. Dessa diferença de orientações têm resultado apreciáveis ganhos para um deles e perdas, praticamente irrecuperáveis, para o outro. Nós estamos directamente interessados no caso, porque aos Portugueses deve em grande parte o Ocidente a influência que dele perdurou em várias partes do Mundo durante alguns séculos e a eles deve ainda um dos pontos de resistência consciente aos abandonos geralmente consentidos. Para se evitarem as maiores catástrofes parece indispensável que o bloco ocidental defina e siga uma política homogénea e firme, não só capaz de lograr a paz geral entre os povos, mas de preservar-lhes a sua integridade e independência. Nem há que cuidar, sómente, da defesa do Ocidente sob o ponto de vista militar, porque se é indispensável, apesar dos pesados sacrifícios que impõe, para evitar o maior mal de todos, não tem ela conseguido obstar a que o Oriente, por caminhos menos aleatórios, vá atingindo os objectivos que visava alcançar.

Senhores deputados e dignos procuradores:

Não se me tendo afigurado legítimo esconder as apreensões que naturalmente suscitam as dificuldades e os perigos do momento em que se inicia o meu mandato, não podem umas e outros dominar, e felizmente não dominam, a fé e a esperança de que estou possuído ao dirigir ao País, do seio da representação nacional, a minha primeira mensagem como Chefe do Estado, como resposta á confiança que em mim quis depositar.

Nela me cumpre agradecer, e desvanecidamente o faço, ás palavras cativantes que acabei de ouvir e constituirão precioso incentivo no limiar da tarefa árdua que terei de enfrentar. Nela sinto, ainda, o dever de endereçar as mais cordiais saudações ás Nações Aliadas e Amigas, cujos representantes vejo presentes. E nela ofereço a todos que nasceram portugueses, vivam ou não em território pátrio, o que humanamente possa ser exigido em esforço e dedicação.

Crente de que a Providência continuará velando por Portugal e de que todos os Portugueses, esquecendo as suas divergências de ocasião e unidos num mesmo patriótico pensamento, darão ao novo Chefe do Estado a colaboração de que venha a carecer, inicio o desempenho das funções em que fui investido com o firme propósito de acertar e de não desmerecer do exemplo deixado pelos meus ilustres antecessores, marechal Oscar Carmona e general Craveiro Lopes.

Eisenhower e outros chefes de Estado enviaram saudações ao almirante Tomás

WASHINGTON, 9 — E' o seguinte o texto da mensagem enviada pelo presidente Eisenhower ao almirante Américo Tomás, novo Chefe do Estado português:

«Recordando com satisfação o nosso encontro pessoal em Lisboa, em Janeiro de 1951, e a antiga tradição de relações amigáveis e íntimas entre os nossos dois países, é com prazer que envio as minhas felicitações e melhores votos na hora em que assume os altos deveres do seu cargo de presidente de Portugal». — (A. N. I.).

Uma mensagem do presidente das Filipinas

MANILA, 9 — O presidente Carlos P. Garcia enviou a seguinte mensagem ao almirante Américo Tomás, por motivo da sua investidura no cargo de presidente da Republica de Portugal.

«Faço votos pelo êxito do vosso mandato, iluminado por uma política de trabalho, não apenas em defesa dos interesses, prosperidade e felicidade do povo de Portugal, mas, também, dos povos de todo o Mundo, que amam a liberdade e a paz». — (A. N. I.).

Felicitações de Chang Kai Chek

TAIPEH, 9—O presidente Chang Gal Chek, enviou umamensagem de felicitações ao contra-almirante Américo Tomás, pela sua posse do cargo de presidente da Republica de Portugal. — (A. N. I.).

Elogio do novo presidente no «Mundo Português», do Rio de Janeiro

RIO DE JANEIRO, 9 — O jornal «O Mundo Português», referindo-se á posse solene do contra-almirante Américo Tomás, escreve, em artigo de fundo: «O novo Presidente da Republica Portuguesa é um velho servidor da sua pátria. Em toda a sua longa e gloriosa carreira de marinheiro, foi o contra-almirante Américo Tomás um trabalhador infatigável. Deu sempre o melhor da sua inteligência e da sua capacidade de trabalho á carreira que abraçou e na qual alcançou destacada projecção. É, na verdade, o novo Chefe do Estado um homem equilibrado, sereno, digno, patriota como poucos. Daí, a rutilancia da sua vida publica, que atinge agora esse ponto culminante que é a Presidência da Republica de Portugal.

«Nos ultimos anos, ocupando a pasta da Marinha, á qual renunciou para participar no pleito em que foi eleito presidente da Republica, o contra-almirante Américo Tomás trabalhou intensamente,

(Continua na 14.ª página)

ESTÁDIO—ALVALADE

HOJE

pelas 21,30 horas

HOMENAGEM DO SPORTING CLUBE DE PORTUGAL

AOS

CASAIS DE SANTO ANTONIO

Jantar dos 36 Casais no Restaurante «Parque das Laranjeiras» na Feira Popular de Alvalade, pelas 20 horas

DANÇAS e CANTARES

do Grupo Artístico de Amadores do Sado

que pela primeira vez se exibe em Lisboa

Queima de FOGO PRESO DE ARTIFICIO, só visivel no interior do Estádio

Apresentação no ESTÁDIO, pelas 21,30 horas

dos

CASAIS DE SANTO ANTONIO

A população da Cidade de Lisboa vai prestar homenagem no Estádio Alvalade aos CASAIS DE SANTO ANTÓNIO

Espectáculo para maiores de 6 anos

Bilhetes á venda na Feira Popular e na Sede do Sporting Club de Portugal

Os Sócios do Sporting entram para a bancada lateral com bilhetes de 5$00

NO TERRAÇO DAS ESTRELAS

— do —

HOTEL EMBAIXADOR

APRESENTA-SE HOJE À NOITE

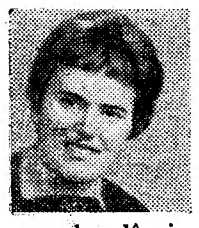
Cécilia Bert

a MARILYN MONROE da canção francesa

(Maiores 17 anos)

Amanhã: «Matinée»-dançante — Chá completo 25$00

Isso é que ela ficou contente!



— Não sabia que era tão fácil!

— Podes ter a certeza! — disse-lhe eu. — O meu marido e o meu filho dantes também não gostavam muito de hortaliças. Mas agora!... Antes de serem levadas para a mesa deito-lhes sempre margarina superfina Vaqueiro em abundância. Ficam tão boas! Tão suculentas e saborosas!

Escreve-nos a Sra. D. Dora Edla dos Santos Ferreira Rosa
Av. Dr. António Oliveira Salazar, 13 - Alhandra.

Esta carta pode ser consultada na Fábrica Imperial de Margarina, Lda. R. dos Fanqueiros, 278-3º — LISBOA

A MARGARINA

Todas as senhoras acham que a margarina Vaqueiro dá resultados excelentes nas sopas, peixes, carnes, hortaliças e doces. Preparada nas mais perfeitas condições higiénicas, com os óleos vegetais mais puros, a margarina superfina Vaqueiro é digestiva, saborosa e vitaminada. Com margarina Vaqueiro a cozinha é nutritiva, deliciosa e leve!

FIMA - FÁBRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA. - SACAVÉM 58-VA-15

TORNA TUDO MAIS APETITOSO

TAUROMAQUIA

A quem deitar as culpas?

O grande «Lagartijo» lembrou-se um dia de ser ganadero, mas logo se arrependeu porque, dizia ele, quando me gritavam como toureiro, eu deitava a culpa ao dono dos touros, mas, agora, sendo meus os touros, a quem deito as culpas? Grande cavaleiro, o dr. Fernando Salgueiro, pai do ganadero de ontem em Algés, poderá agora dizer o mesmo: a quem vou eu deitar as culpas se o ganadero é meu filho? A verdade é que não recordamos touros e novilhos mais mansos que os de ontem, e tão iguais, na mansidão e nas coisas feias que fizeram. Foram tirados a papel químico — ouvimos — e Wenceslao Fernandez Florez teria escrito — como já fez — que saia sempre o mesmo touro, depois de arrancadas as farpas. Que poucas farpas conseguiram colocar, o grande cavaleiro de Valada e o jovem D. Luís de Aatide, ambos procurando fazê-lo em todas as sortes, mas sempre sem sorte, apesar da boa vontade, pelo que ambos ouviram aplausos.

Aos forcados de Tomar quis o publico «tomar el pêlo», nem sempre com razão porque aos touros não havia por onde pegá-los, nem á volta, porque não tinham volta possivel para eles.

Fazia a sua apresentação em Portugal um novilheiro que na Andaluzia já se aponta como esperançosa figura, Emilio Oliva, de Chiclana, da terra de Montes e deRedondo. Deixou boa impressão, com a capa e especialmente com a «muleta», e arriscou o fato e a pele para conseguir alguns passes que nos deram ideia do que poderia fazer com touros que investissem. Foi justamente aplaudido, como o valente artista que é José Julio, também jogando tudo para dar satisfação ao publico, conseguindo belos lances com a capa, bandarilhando e usando da «muleta» com ambas as mãos, não só com muita valentia como com muita arte, porque o toureiro de Vila Franca reune todas as qualidades.

A noite de ontem confirmou-nos a opinião de que é arriscado fazer na capital a apresentação de uma ganaderia antes de lhe ver os resultados nas provincias, evitando que a apresentação seja logo também despedida. E a propósito vem dizer que os novilhos-touros do Festival da Imprensa são de uma ganaderia bem experimentada, a do sr. José Pedrosa, e que há tempos está apartada, bonita e com boas notas. Não haverá que apurar a quem pertencem as culpas, e quem estas linhas escreve vai amanhã, com o pundonoroso Manuel dos Santos, ver no campo os novilhos do sr. José Pedrosa. No Festival da Imprensa teremos novilhos-touros e toureiros: Manuel dos Santos, «Litri», Mendes, Trincheira e José Julio, e dois grandes cavaleiros, o dr. Fernando Salgueiro e o eng. José Rosa Rodrigues, este reaparecendo após larga ausência, e os forcados são do Grupo de Amadores de Vila Franca, comandados por António Porto que está empenhado na afirmação do mérito dos seus rapazes. — «El T. P.».

Atenção ao Festival da Imprensa

«LITRI»

Para o Festival da Imprensa abriu hoje a bilheteira da OTA, no Largo Martin Moniz, que estará fechada amanhã e reabrirá segunda-feira das 10 ás 20 horas, e terça e na própria quarta-feira, se então ainda não estiver esgotda a lotação, que é grande a afluência para ver «Litri» ao lado de Manuel dos Santos, Mendes, Trincheira, José Julio e os cavaleiros dr. Fernando Salgueiro e José Rosa Rodrigues. Atenção, pois, á bilheteira do Largo Martim Moniz.

As corridas de amanhã

Amanhã, domingo, haverá corridas de touros: na Nazaré, com os cavaleiros Simão da Veiga e David Teles e os novilheiros José Julio e Armando Soares; na Figueira da Foz com o dr. Fernando Salgueiro e Manuel Conde e os matadores Diamantino Viseu e António Santos: em Beja com Pedro Louceiro e D. José de Ataíde e os novilheiros Manuel Durão e António Alberto, e na Póvoa do Varzim com D. Francisco de Mascarenhas e D. Luís de Ataíde, o matador de touros Pepe Caceres e o grande José Trincheira.

Festejos regionais

Em honra de Santa Suzana, no Maxial (Oeste)

Na pitoresca localidade do Maxial, sede de uma das mais importantes freguesias do concelho de Torres Vedras, vão realizar-se grandiosos festejos em honra de Santa Susana.

O programa é o seguinte:

Dia 10 de Agosto — alvorada com repique de sinos e girandolas de foguetes; ás 8 h., chegada da banda de musica da Serra de El-Rei que percorrerá as ruas da localidade; ás 13 h., missa solene, pregação por um distinto orador sagrado e acompanhamento pelo Grupo Coral de Santa Susana, do Maxial.

Em seguida haverá procissão, na qual se incorporarão todos os estandartes das organizações religiosas, andores e as restantes insignias; ás 17 h., abertura do arraial, com quermesse e bufete, que se prolongará até ás 2 h.

Dia 11 (Dia de Santa Susana) — ás 8 h., chegada da banda da Sociedade Incrível de Aldeia Grande, que cumprimentará os habitantes da terra; ás 12 h., missa cantada; ás 14 h., imponente procissão com a imagem de Santa Susana e bênção do gado de todos os lugares da freguesia; ás 14.15 h., passagem dos corredores da XXI Volta a Portugal em bicicleta; ás 16 h., reabertura do arraial e quermesse e leilão de prendas; ás 20.30 h., chegada da Orquestra-«Jazz» «Montejunto», que se fará ouvir até de madrugada.

Dia 12 — Grandiosa tarde desportiva.

Marinha mercante

Os Sindicatos dos Homens do Mar comemoram amanhã o 13.º aniversário da promulgação do Despacho n.º 100, da autoria do então Ministro da Marinha, sr. almirante Américo Tomás, documento que é o ponto de partida do ressurgimento da nossa marinha mercante. Entre as solenidades previstas destacam-se uma missa de sufrágio pelos mortos da marinha mercante e de pesca, na igreja das Chagas, ás 10 horas, sendo celebrante monsenhor Moreira das Neves; e uma romagem, ás 11 e 30, ao cemitério do Alto de S. João, onde serão colocados ramos de flores na cripta dos Combatentes da Grande Guerra e no jazigo do saudoso extinto sr. Bernardino Alves Corrêa.

VIDA MUSICAL

«Pró Arte», no Funchal

Para tomar parte no concerto organizado pela Delegação da «Pró-Arte» com o patrocínio da Camara Municipal do Funchal, seguiram para a Madeira o dr. Ivo Cruz, director do Conservatório Nacional, e os professores Campos Coelho e Croner de Vasconcellos, que durante a sua permanência na ilha constituirão o juri de exames da Academia de Musica.

Tomam também parte naquele concerto a cantora Maria Amélia Abreu e a pianista Lisette Zarone Vieira.

CARREIRAS AÉREAS

A partir de 24 do corrente, a Swissair efectuará os voos da sua carreira entre a Suíça e Portugal, com aviões DC-SB, reduzindo o tempo da viagem em 1 hora e 15 minutos.

— As Linhas Aéreas Argentinas terão aviões de jacto, a partir de 1959, os quais utilizará nas suas carreiras entre Buenos Aires e a Europa, com escala pelo aeroporto de Lisboa.

Teatros e Cinemas

Atrás do reposteiro

O Teatro Experimental do Porto deve realizar espectáculos em Viana do Castelo, Guimarães, Fafe e Póvia de Varzim.

— Desde ontem, o actor Artur Semedo, está a substituir o seu colega Paulo Renato, no desempenho da comédia «A rainha do ferro-velho», em cena no Monumental.

— O maestro-compositor Carlos Dias é um dos autores da musica da revista que vai ensaiar-se no Teatro Maria Vitória.

— Na segunda-feira começam no Teatro ABC, os ensaios do poema e musica da nova revista «Vira o disco».

— Está a realizar espectáculos em Borba, de onde seguirá para Reguengos de Monsaraz, o Grande Circo Alegria, em digressão pelo Alentejo.

— A parelha de baile Yola e Paulo, deixou de actuar na «boite» Tágide», seguindo brevemente para Espinho.

— Concluida a digressão que anda a fazer pela Província, a companhia brasileira de revistas voltará a ensaiar a revista «Batuque no morro», com vista á sua estreia no Coliseu.

— Segundo consta, no fim do ano, a companhia de revistas do Teatro ABC irá ao Brasil.

Primeiras exibições

«Quando nasce o amor», no Eden

E' a juventude, embora os gerontes petrificados não o reconheçam, quem conduz o Mundo. E nada há mais belo, sejam quais forem as circunstancias, do que viver, intensamente, com louca alegria, vemente paixão, mesmo dura fatalidade, esse tema crucial e sentimental que é o o amor.

A obra que, ontem, se estreou no Eden gira á volta de uma rapariga que não se dobra aos convencionalismos da disciplina escolar. Quer ser livre; a exaltação do amor, numa embriagante primavera, perturba-lhe a alma e os sentidos. Audaciosa, rebelde, como que marcada pelo destino, fará tudo para encontrar o rapaz por quem o seu coração estremece.

Não se julgue, todavia, que o realizador tratou o tema romanticamente, ou nos moldes clássicos. Pelo contrário, conseguiu caracterizar a mocidade inconformista de hoje, captando o que ela sente e pensa, talvez com rebeldia, mas com uma decisão que acaba integralmente por nos conquistar.

«Quando nasce o amor» é um filme alacre, assaz feminino, com lindas garotas e repleto de imprevistas aventuras. Desabrocham as rosas, mas é preciso ter cuidado com os espinhos. O que começa em efervescente comédia de seda cor-de-rosa, sorrisos e galantaria, num confuso despertar prustiano de sentimentos, termina, em crescendo, com cenas empolgantes de emoção. Significa isto que o realizador soube analisar os dois lados do problema neste genuino romance ora brutal, ora grave, mas sempre verista, como se copiasse do natural não, apenas, a psicologia das figuras, mas os ambientes onde se movimentam. O amor voluntarioso, determinado, irresistivel, afinal, eterno, contra o qual não há força que se oponha, eis a lição do conflito, através do qual tão bem se caracteriza a juventude lutando contra os falsos preconceitos e as ridiculas rotinas que socialmente pretendem impor-lhe.

«Quando nasce o amor» é um jardim de graciosas raparigas,

Mylene Demongeot, vedeta internacional, é uma actriz criadora e arrebaatdora. Encarnou de uma maneira total todas as vicissitudes do seu dificil papel. A seu lado, citemos um «bouquet» de belezas, cada uma com o seu tipo, e de várias nacionalidades: Regine Lovi, Suzet Maïs, Svoly Ker, Vera Talchi, Meta Gaberi e Lojic Drenovel. A acção decorre na Jugoslávia, país cinematográficamente por explorar, e que bem merece ser visto, através das imagens desta produção. Complementos diversos. — *Visor 45.*

«Querido assassino», no Condes

Enquanto os belos filmes policiais americanos se embrenham em complicadas intrigas, num sensacional labirinto, os «policiais» ingleses escrevem-se numa aparência de sobriedade, em linha recta. O filme policial inglês «Querido assassino» (Dear murder), realizado por Arthur Creabtree, está a meio caminho entre os tipos clássicos inglês e americano nos filmes do género.

«Querido assassino» é a história de um perfeitíssimo crime passional, que, de tão perfeito, acaba por ser descoberto pela acusadora consciência do próprio assassino. O marido descobre que a esposa lhe é infiel, infidelíssima, e decide matar um dos objectos dessa infidelidade lançando as culpas sobre o outro objecto. Terminada a criminal acção, o «querido assassino» volta a ser vítima dos seus furiosos amores.

Na interpretação, Eric Portman, Greta Gynt e Dennis Price arcam perfeitamente com a acção que o realizador lhes pede que a vivam.

Um curioso complemento fala-nos da Bélgica, da Bélgica de sempre, da Bélgica de antes e depois da Expo 58. — **Visor K.**

«O estudante mendigo», no Avis

Johann Strauss, Franz Lehar e tantos outros constituem desde há muito grandes ídolos dos povos germanicos. As suas operetas foram e são constantes êxitos de bilheteira. Os teatros encheram-se e indicaram ao cinema uma boa fonte de sucessos. Todos se lembram ainda dos filmes de Marika Rökk!

«O estudante mendigo», ontem estreado no Avis, inscreve-se nesta linha de operetas filmadas, tão cara á cinematografia germanica. Desta vez, a opereta é colorida em magnificas cores e filmada em superscope. O progresso ao serviço da opereta! Werner Jacobs realizou dentro do estilo habitual e dirigiu com eficiência Gerhard Riedmann e Waltraut Hass. As danças foram coregrafadas por Igor Bartzimsky. — **Visor 93.**

Music-hall

Quem é Cecilia Bert que esta noite se estreia no Embaixador

Alta, bela, elegante e caracteristicamente parisiense, uma das mais expressivas intérpretes da canção francesa, Cecília Bert estreia-se hoje no «Terraço das Estrelas» do Hotel Embaixador. Alinhando na primeira fila das novas vedetas de Paris, Cecília Bert, pela doçura e encanto da sua voz, foi cognominada «A Valquíria da canção», e pela estilização do recorte da sua linha, um crítico belga chamou-lhe a Marilyn Monroe francesa.

Entrou em sete filmes e a sua presença galante tem sido assinalada nos principais teatros de Paris e casinos de Cannes, Nice, Biarritz e Deauville.

O Teatro Popular

nos Açores

HORTA, 9—Cerca de metade da população desta cidade assistiu ao primeiro espectáculo da Companhia do Teatro Nacional Popular, de Francisco, pois registou-se a entrada de cerca de quatro mil pessoas.

O T. N. P. dá quatro espectáculos na ilha do Faial, seguindo daqui para as ilhas do Pico e Flores, antes de partir para as de Santa Maria e da Madeira.—(A. N. I.).

Colónia de Férias

«David Mendes», em Almada

ALMADA, 8. — Pela primeira vez, depois de um interregno de mais de 10 anos, volta a funcionar na Escola Primária da Costa da Caparica, a Colónia de Férias «David Mendes», a cargo da Comissão Municipal de Assistência de Almada. A colónia entrou já em funiconamento, com o primeiro turno com 100 crianças pobres, do sexo feminino, que ali permanecerá durante quinze dias.

«Janela Aberta»

no S. N. I.

Na sala do S. N. I. foi projectado o filme «Janela Aberta», documentário da paisagem portuguesa e de quadros de Anunciação. Silva Porto e Malhoa, que a reflectem.

A exibição despertou aplausos que se dirigiram ao realizador Silva Brandão, ao produtor da fotografia, Abel Escoto, e ao locutor, Raul Feio.

A localização

do novo cine-teatro de Leiria

LEIRIA, 8.—Com o fim de manifestar ao ministro das Obras Publicas o seu desacordo, quanto á escolha do novo local para ser edificado o cine-teatro de Leiria, que passaria a ser junto á Rua Eng.º Duarte Pacheco e á Avenida dos Combatentes, esboçou-se na cidade um movimento, de muitos Leirienses que não concordam com tal solução.

O desagrado de alguns deles, baseia-se no facto de vir a ser mais morosa a construção naquele local, por haver diversas dificuldades a vencer, privando assim a cidade de um teatro condigno que estaria concluido dentro de pouco mais de dois anos, receando-se agora que com tal mudança nem dentro de quatro anos esteja pronto.

Para se avaliar dalgumas dessas dificuldades, basta dizer que o terreno vai ser expropriado, constando que os proprietários não concordam com o preço. Além disso, uma parte do terreno está pendente duma partilha judicial; há que fazer novo projecto (o anterior levou cerca de dois anos a aprovar); a impossibilidade da empresa poder mandar executar a obra, dada a demora, com o prejuizo de, aumento do preço de materiais, etc.

Receia-se pois, que este problema venha trazer inconvenientes á cidade, privando os Leirienses — que desde há tantos anos, anseiam por um teatro moderno — da sala de espectáculos que tanto ambicionam e que tanto prestígio traria a Leiria.

VIDA ARTÍSTICA

Exposição de Artes Plásticas de Almada

Sob a presidência do dr. Emílio Aquiles Monteverde, e estando presentes os drs. Artur Nobre Gusmão, Francisco d'Avillez e Joaquim Solles Pais de Villas Boas, reuniu-se o juri para atribuição dos prémios da III Exposição de Artes Plásticas que a Camara de Almada levou a efeito nas salas do Convento dos Capuchos. Foi resolvido, por unanimidade, não atribuir o prémio «Camara Municipal de Almada» destinado, segundo o regulamento, á melhor obra sobre a vida, a história ou a paisagem do concelho.

O juri propôs a aquisição do quadro «Murfacem-Almada», do pintor José Neves de Azevedo. Em seguida, foi deliberado atribuir o prémio «Columbano Bordalo Pinheiro» á obra apresentada por Julio Resende e o «Prémio Especial» ao pintor Bernardo Marques.

IV Salão Internacional de Fotografia da Costa do Sol

No intuito de satisfazer os pedidos que tem recebido a Junta de Turismo da Costa do Sol, resolveu prorrogar até ao dia 20 o prazo para a entrega das fotografias concorrentes ao IV Salão Internacional.

1.º Salão de Arte Infantil de Ovar

OVAR, 8 — Organizado pelo Grupo Académico Vareiro, vai efectuar-se de 11 a 16 do corrente o 1.º Salão de Arte Infantil de Ovar, na Assembleia do Furadouro.

O salão é aberto a todas as crianças dos 5 aos 15 anos, residentes no concelho de Ovar e ás veraneantes na Praia do Furadouro.

Os trabalhos são recebidos até amanhã.

HOJE, AS 22 H. e AS 23 HORAS
SOM E LUZ
NO CLAUSTRO DO MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS
«NOITE DO TEJO»
As 21 h.—REPRESENTAÇÃO POPULAR A PREÇOS REDUZIDOS
(Maiores de 12 anos)

II SALÃO DE ARTES DOMÉSTICAS

NO PAVILHÃO DA F. I. P. — À Junqueira
Uma organização do jornal «O SÉCULO»

APROVEITE A PENÚLTIMA NOITE DE FUNCIONAMENTO DO SALÃO PARA ADMIRAR TUDO O QUE INTERESSA À ECONOMIA DOMÉSTICA, AO ARRANJO, EMBELEZAMENTO E MODERNIZAÇÃO DE UM LAR

ABERTO DAS 19 AS 24 HORAS — ENTRADA 2$50

H O J E — NOITE DO VELHO PORTO

Os primeiros 2.400 visitantes receberão uma garrafinha de delicioso Vinho do Porto.

Às 23 horas, entrarão no Salão o **SENHOR VELHO PORTO.** Quem o encontrar receberá **QUINHENTOS ESCUDOS.**

Às 23 horas e 45 realizar-se-á o **GRANDE SORTEIO DA NOITE DO VELHO PORTO,** ao qual ficarão habilitadas todas as pessoas que visitarem hoje o Salão. Os prémios são os seguintes: 1.° três caixas de Vinho do Porto, com 96 garrafinhas; 2.°, duas caixas de Vinho do Porto com 96 garrafinhas; 3.°, uma caixa de Vinho do Porto com 96 garrafinhas; 4.° a 12.°, uma caixa de Vinho do Porto com 48 garrafinhas.

Com o seu bilhete de entrada ser-lhe-á entregue uma senha numerada que o habilitará ao sorteio de uma magnífica

CASA DESMONTÁVEL

Realização de JOÃO NUNES DA ROCHA, fabricante das portas, painéis e tacos «Bom Sucesso». Representantes em todo o País: SOMACO (Lisboa), ERSIPE (Coimbra), J. PINTO LEITÃO (Porto), ASSIS COSTA & SAMPAIO (Braga)

TOIROS

nas Caldas da Rainha

O maior de todos os tempos

João Núncio

reaparecerá em 15 de Agosto
alternando com

Manuel Conde
José Julio
José Trincheira

— E —

Forcados Amadores de Santarém

Toiros de Faustino da Gama e Joaquim Mendes Nuncio Junior
SOMBRA, 75$00 — SOL, 30$00
Marcação de bilhetes: Casa Zaira, Telefone 22288—Caldas da Rainha
Maiores de 6 anos

CIRCO AMERICANO

TARDE, 18.15 (Maiores de 6 anos) ☆ **NOITE, 21.45** (Maiores de 6 anos)

EMPRESA ERICO BRAGA

¡¡ÚLTIMOS 2 DIAS!!

I R R E V O G Á V E I S

PREÇOS POPULARISSIMOS

BANCADAS, desde ... ... 15$00
CADEIRAS DE PISTA, desde ... ... 30$00

¡¡2 ULTIMOS DIAS!!

AMANHÃ, DOMINGO — DESPEDIDA
3 ÚLTIMAS SESSÕES
às 15 e 18 h. e 21,45 — O ADEUS A LISBOA

CAVALHEIRO

V. Ex.ª encontra: Café de Timor em balão — inconfundível!
Doçaria caseira. Uma pega 6$50 no
BAR RIBATEJO — Praça do Areeiro, 11-D.

PENSÃO MONUMENTAL

COMPLETAMENTE REMODELADA
Casa recomendada serviço de bom hotel
R. da Glória, 21 — Tel. P. B. X. 29807

Coliseu

Hoje, ás 21.30 sensacional programa duplo de cinema português, com os grandes filmes «Fátima Terra de Fé» e «Canção da Terra». Amanhã, espectáculo à tarde e à noite. Os grandes filmes «Cerro dos Enforcados» e «Os vizinhos do rez-do-chão»

Tem sido verdadeiramente notável a semana de cinema português que o Coliseu tem apresentado a todo o publico. Hoje, no maior «ecran» do País, os grandes filmes «Fátima terra de fé», uma película cheia de unção religiosa que foca um problema de consciência com Barreto Poeira, Maria Lalande e outros grandes artistas; e o «clássico» «Canção da Terra», um drama forte, vigoroso, brutal, com Elsa Rumura, Oscar de Lemos, Barreto Poeira, numa espantosa realização de Jorge Brum do Canto. Amanhã espectáculo á tarde e á noite, com «Cerro dos enforcados» e «Os vizinhos do rés-do-chão». Preços populares.

SOLAR DA HERMINIA

Largo Trindade Coelho—Tel. 20164
BANQUETES
Jantares e Ceias
Fados e Guitarradas
com
HERMINIA SILVA
e o seu elenco privativo
(Maiores de 17 anos)

* TEATRO * MONUMENTAL

Emp. Laura Alves T. 55133
Adultos—M/17 anos
HOJE, ás 21.45 h.

4.ª SEMANA TRIUNFAL

A peça que todos falam com

LAURA ALVES
em «A CORISTA»
DE
A RAINHA DO FERRO-VELHO
um grande elenco
COM
ASSIS PACHECO
ARTUR SEMEDO

Preços: Plateia, 30$00 e 20$00
Balcão, 5$. 7$50, 12$50, 20$

Amanhã, espectáculo á tarde ás 16 h.—«Ar refrigerado 20°»

Em MOURA é o «Diário de Lisboa» vendido pelo sr. José Jorge Benites.

GRANDE FESTIVAL DE VARIEDADES

NO ESTÁDIO DO RESTELO — H O J E. ás 22 horas

Todo o elenco de «VOZES DE PORTUGAL» com

ANITA GUERREIRO — MANUEL FERNANDES

ZURITA DE OLIVEIRA, MARIA DO PILAR, MARIA LUCIANA, ISABEL WOLMAR, ODETE SANTIAGO, PLÍNIO SÉRGIO, FRANCISCO ARMANDO, PAULO ALEXANDRE, FERNANDO LA RUA, SÉRGIO, DANIEL GARCIA e ainda o **Conjunto da E. N. «4 DE ESPADAS»** — **Orquestra sob a direcção do maestro** Manuel Barão
CONCURSOS — SURPRESAS

PREÇOS: — **Bancadas, 15$00 - 12$50; Geral (sentada), 7$50; SÓCIOS, 7$50 - 5$00.**

BILHETES A' VENDA NA SECRETARIA DO BELENENSES E NAS AGÊNCIAS — (MAIORES DE 12 ANOS)

Meninas e Meninos Atenção!

Se disserem aos vossos Pais: «Apenas por 15 escudos, poderemos assistir hoje, quatro pessoas, ao maravilhoso espectáculo **SOM E LUZ» — é possível que os convençam a que os levem esta noite, ás 21 horas, ao MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS.**

Apresentando este anuncio, na bilheteira, recebereis gratuitamente um bilhete de Esc. 2$50, o que vos permitirá convidar um amigo da vossa idade.

Todas as noites: para maiores de 12. Sábados, para maiores de 6 anos.

4.ª SEMANA TRIUNFAL

Pasapoga

O «BALLET» - ATRACÇÃO - ESPECTACULO
— APLAUDIDO COM LOUCO ENTUSIASMO —

SOPHISTICATES

NUM VIBRANTE «CHARLESTON»
em COLABORAÇÃO COM O PÚBLICO

O ÊXITO DE QUE TODOS FALAM!

EM PLENA CONSAGRAÇÃO:
A SURPREENDENTE ATRACÇÃO ESCULTURAL
BALLET ROSALIN ROY
8 PRÉMIOS DE BELEZA — 8 ESTATUAS DE CARNE

HERMANAS ZAMORA — **MARY VICENTE**

Musica de baile por **SERGIO E SUA ORQUESTRA**

TELEF. 23584
AV. LIBERDADE, 137
(ADULTOS M. DE 17 ANOS)

Cartaz dos Cinemas

SÃO LUIZ TEL. 27172
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
Uma história autêntica extraída dos arquivos criminais de S. Francisco
O HOMEM DO REVOLVER SILENCIOSO
com **Eli Wallach**

EDEN TEL. 20768
15.30 - 18.30 e 21.30
Um filme de Maurice Cloche
Quando nasce o amor
com **Mylene Demongeot—Evelyne Kerr — Miland Milosevic**
Os primeiros amores da juventude com toda a sua beleza e tragédia.
Adultos — Maiores 17 anos

CONDES TEL. 22523
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/17 anos)
O ciume leva um homem a praticar o «crime perfeito»
QUERIDO ASSASSINO
com **Eric Portman** e **Greta Gynt**

ALVALADE Telefone 765080
A's 15.45 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
Uma loira perturbante serve de isca para o assalto
PERFUME E VIOLÊNCIA
com **Dan Duryea** e **Jane Mansfield**

AVIS Telefone 47163
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/12 anos)
Uma das mais belas operetas alemãs num filme luxuoso, alegre e romantico em Superscope
O ESTUDANTE MENDIGO
com **Waltrant Haes** e **Gehardt**

ROYAL Telefone 845057
A's 21 (M/17 anos)
Ep. Verão p. r.)
DINHEIRO POR UM CORPO
No programa:
VIVIA COM ELA O PECADO

TIVOLI TEL. 50595
DANY ROBIN e DANIEL GELIN
na deliciosa comédia francesa
POSTAL DE PARIS
(Paris Canaille)
A's 3 e 6.15 da tarde (a p. r.) e 9.30 da noite (M/17 anos)

POLITEAMA TEL. 26301
15.15 - 18.15 e 21.30
Vibrante êxito do filme que revela uma face sinistra de Nova York
A SELVA DA ALTA COSTURA
com **Lee J. Cobb** e **Valerie French**
Megascope — (Adultos — M. 17 anos)

ROMA Telefone 727778
A's 15.30 (p. r.) e 21.45 (M/17 anos)
O sensacional reaparecimento de **PAULO MUNI** no mais notável drama neo-realista
O HOMEM ESQUECIDO
com **Joan Larring** e **Vittorio Manunta**

TERRAÇO DO CAPITÓLIO Tel. 27493
21.30 (M/17 anos)
O ESCORPIÃO NEGRO
c/ **Richard Denning**
PARIS EM ABRIL
Col. com **Doris Day**
FUGINDO AO PASSADO
com **Dale Robertson**

RESTELO Telefone 610375
21.15 (M/12 anos)
Metroscope
A ÁGUIA VOA AO SOL
c/ **Maureen O'Hara**

ESPLANADA PORTUGÁLIA Telefone 56145
21.30 (M/17 anos)
Vistavision
PINTORES E RAPARIGAS
BEAU GESTE

CINEMA IDEAL Telefone 24104
A's 21 (M/17 anos)
Cinemascope
O CONQUISTADOR
Nunca fomos cobardes

TERRASSE TEL. 20917
A's 21 (M/12 anos)
S O L NO CORAÇÃO
GENTE DA NOITE

IMPÉRIO Tel.: 55134-?
15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (M/12 anos)
A excelente película inglesa, de verdade impressionante
PRENDA DE ANOS
com **Tony Britton** e **Sylvia Sims**
Uma página aberta da vida

SÃO JORGE BALCÃO 54154 PLATEIA 54153
15.15 - 18.15 e 21.30
(M/12 anos)
RAY MILLAND na melhor actuação da sua carreira
ASAS REBELDES
em Cinemascope — Technicolor
com **Bernard Lee** e **Helen Cherry**
Temp. primaveril — Ar condicionado

MONUMENTAL TEL. 55131
A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M/17 anos)
O drama de dois jovens em «Lua de Mel» ameaçados por um bando de malfeitores
NOITE CANDENTE
com **Leslie Nielsen** e **Colleen Miller**

ODEON Telefone 26263
A's 15.15 e 21.15 (M/12 anos)
Um filme que surpreende pela sua inédita e empolgante história
O DINHEIRO NÃO É TUDO
com WILLIAM HOLDEN
No prog.:
ESCOLA DE VAGABUNDOS
Epoca de Verão. Preços reduzidos

LIZ TEL. 48560
A's 21 (M/17 anos)
O AMOR QUE A MULHER DESEJA
JUVENTUDE EM PERIGO

PAVILHÃO PORTUGUÊS (Parque Mayer) Tel. 366783
21.30 (M/17 anos)
LUZES DO RINGUE
O signo de Venus

CASINO ESTORIL
A's 21.30 (M/17 anos)
O SONHO DE CINDERELA
com **Vera Ellen**

A Volta a Portugal em bicicleta

(Continuação da 1.ª página)

E estava-se em plena Serra do Espinhaço do Cão.

O avanço aumenta em Odemira, perigando a posição do «camisola amarela»

Aguardámos. em Odemira. a passagem dos corredores. Eram 8 e 50 quando surgiram os oito fugitivos, que haviam aumentado para 9 minutos o avanço sobre os mais próximos perseguidores.

No grupo da vanguarda. seguia um corredor. Henrique Castro. do Benfica. que era quem mais ameaçava a posição do «camisola amarela». do qual o separavam 17 minutos na classificação geral. Se Henrique Castro. até Setubal, conseguisse aumentar gradualmente o avanço, Alvés Barbosa poderia ficar privado do célebre distintivo.

Por isso, não surpreende que no pelotão. o «camisola amarela». secundado. com mais tenacidade. pelos colegas da equipa do Sangalhos. António Catela e Lusitano Cadima. passasse a ser o «leader» das operações relativas á tentativa de alcançar o grupo dos oito fugitivos. Henrique Castro como principal ponto de mira. como é óbvio.

O Sol continuava encoberto e soprava uma aragem fresca, que facilitava. como é natural. o esforço dos ciclistas nesta longa e rude tirada

Na subida para o Cercal. em relação ao pelotão perseguidor. constituido por 31 unidades. pedalavam. com atraso: João Barbosa. José da Costa. Carlos André e Sá Gomes.

Seguiam-se: Eurico Manga e Jorge Corvo. Depois. mais distanciados: José Anastácio da Silva Inácio Raimundo e José Firmino, todos do Benfica

Atrasadissimo: Fernando Dias de Oliveira do Salgueiros.

O sofrimento de José Firmino

O benfiquista José Firmino. a sofrer ainda de uma infecção inguinal pedalava penosamente. com um ritus de sofrimento estampado no rosto Os colegas de equipa amparavam-no. persistentemente. mas havia a impressão de que José Firmino não resistiria por muito tempo, coagindo-o á desistência.

Com 3 horas de prova. tinham-se percorrido 104 quilómetros.

Depois do Cercal por ligeira rampa, com 115 quilómetros percorridos o avanço dos oito fugitivos cifrava-se em 8 m. e 30 s. Tinha, pois, diminuido um pouco, indício de que o pelotão encetava a sério a perseguição.

Em Santiago do Cacém, quase tudo na mesma

A situação pouco se modificara, quando os corredores apareceram, ás 10 e 26, em Santiago do Cacem. Apenas se registava a conquista de mais 30 segundos do pelotão perseguidor em relação ao grupo da frente.

Em Santiago do Cacem, onde já se viam muitas pessoas, os oito corredores da vanguarda levavam 10 minutos de avanço sobre o horário previsto. A temperatura fresca e o Sol encoberto continuavam a beneficiar os ciclistas.

Integrados no pelotão que movia a caça, viam-se os principais componentes das equipas do Sporting. Sangalhos e F. C. Porto. Alves Barbosa persistia no comando das operações.

E Armindo Gonçalves. do Académico, levava o atraso de 10 minutos.

Vem a propósito a notícia de que ontem a equipa do F. C. Porto ameaçou abandonar a prova, em sinal de protesto. porque o juri havia atribuido a Sousa Cardoso. 2.º classificado. mais uns. quantos segundos. Reconhecido o lapso os mais segundos desapareceram da tabela e o F. C. Porto desistiu dos seus intentos...

Em Alcacer do Sal o avanço dos fugitivos passou a ser de 12 minutos!

Adiante de Santiago do Cacem. os corredores atacaram a subida para Grandola, uma subida pouco pronunciada, que nem foi considerada para a pontuação do prémio da montanha.

Os perseguidores. mantendo-se os três homens do Sangalhos no comando (Armando Melo, Lusitano Cadima e Alves Barbosa), pareciam desejosos de encurtar a distancia que os separava dos oito da vanguarda.

Os mais atrasados continuavam a fornecer a ideia de que marchavam com dificuldade.

Em 4 h. e 30 m. haviam-se percorrido 160 quilómetros. O andamento podia considerar-se bom.

Nas proximidades de Grandola demos pela presença do sr. Vicente Paulo Martins. presidente do juri e da Federação Portuguesa de Ciclismo que estivera uns dias ausente da prova, conforme oportunamente noticiámos.

Atingiu-se Grandola ás 11 e 7 e a meta local foi. em primeiro lugar cortada pelo benfiquista Henrique Castro.

De novo se tomou contacto com um ambiente de franco entusiasmo popular Muita gente nas ruas da localidade e nas bermas da estrada

Aqui e além. grandes cartazes com saudações aos representantes do Sporting e do Benfica.

Em Grandola. um piquete de bombeiros. de agulhetas em punho. quis ter a gentileza de refrescar os ciclistas.

O Sol ia aparecendo timidamente. como que envergonhado.

Com 183 quilómetros de prova e a 17 de Alcácer do Sal. os fugitivos haviam conseguido aumentar o avanço para 9 m. e 30 s. E em Alcácer do Sal surgiram ás 12 e 41. atravessando a meta pela seguinte ordem:

Alberto Carvalho (Ac.). Henrique Castro (Benf.). Antonino Baptista (Sang.). Azevedo Maia (F. C. Porto). Agostinho Ferreira (Ac.) Artur Carreira (Spt.), Aquiles dos Santos (Sang.) e Sousa Santos (F C. Porto).

O pelotão perseguidor apareceu com 12 minutos de atraso. Comandavam-no António Catela, Alves Barbosa e Sousa Cardoso.

E continuavam a ser os homens do Sangalhos os mais esforçados.

A prova, nesta altura. atingiu uma fase de justificada expectativa. pois os fugitivos pareciam dispostos a não perder a sua posição, pedalando em bom ritmo.

Os esforços de Alves Barbosa para recolar eram extraordinários. Alcácer do Sal ficou para trás e o pelotão reduziu a diferença (11 m. e 30 s.).

Observou-se. no final da tirada, grande movimento na estrada com a intromissão de numerosos veículos motorizados pertencentes na maior parte. a entusiastas do ciclismo Mais uma vez envolveu a caravana uma atmosfera de vibração e curiosidade.

Tornou-se. sem surpresa, conhecimento de que José Firmino, do Benfica. havia desistido.

Abrandamento de velocidade até à meta

Nos ultimos 30 quilómetros, os fugitivos abrandaram a velocidade, com o propósito evidente de reservar energias para o «sprint» final.

A chegada verificou-se próximo do Liceu de Setubal, perante milhares de pessoas. De Lisboa veio muita gente, com realce para os adeptos do Benfica e do Sporting

No «sprint» final. que o publico seguiu com emoção. o sangalhense Antonino Baptista conseguiu um êxito.

FERNANDO SOROMENHO

Luta entre dois pelotões

sob «contrôle» de Alves Barbosa

nem sempre vitorioso

por TAVARES DA SILVA

SETUBAL, 9 (Pelo telefone) — A etapa que começou no Algarve, em Portimão, e acabou na Estremadura, em Setubal, passando pelo Alentejo, tem tradições na prova — quem não se recorda? — no que diz respeito a fugas de sensação. Para não rebuscar mais longe, basta citar o exemplo de António Maria, um autêntico especialista desta tirada, que duas vezes ganhou com avanços substanciais.

A ideia de que a história voltaria hoje a repetir-se fixou-se em Lagos, um pouco depois, quando se iniciou a escalada da Serra de Espinhaço do Cão, por entre filas de amendoeiras. Começou cedo, a 17 quilómetros da partida... E logo se registou a primeira tentativa, saindo do pelotão Alberto Carvalho, Azevedo Maia, Aquiles Santos e Sousa Santos (Académico, Porto e Sangalhos), aos quais, minutos depois, em Portela, se juntaram Carreira, Castro, Antonino e Agostinho Ferreira.

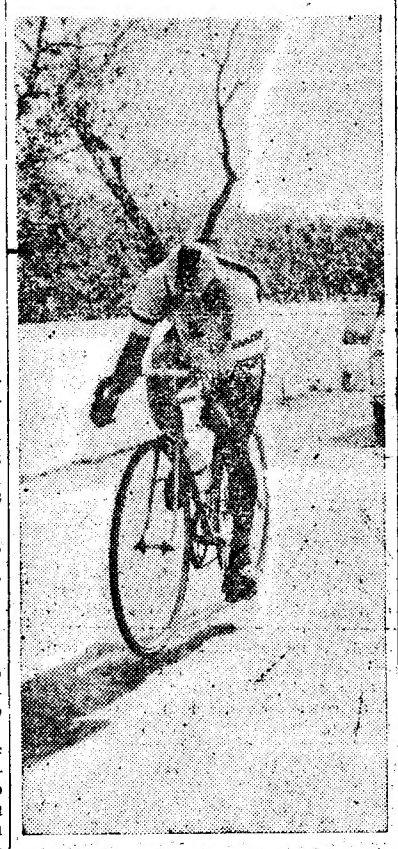
Completado o pelotão com oito unidades, logo se confirmou a fuga com o seu quê de audácia, aumentando o ritmo da pedalada.

E estes oito corredores—com asas nos pés — chegaram a 9 minutos de vantagem, em Odemira, deixando para trás, á sua direita, a Serra do Caldeirão.

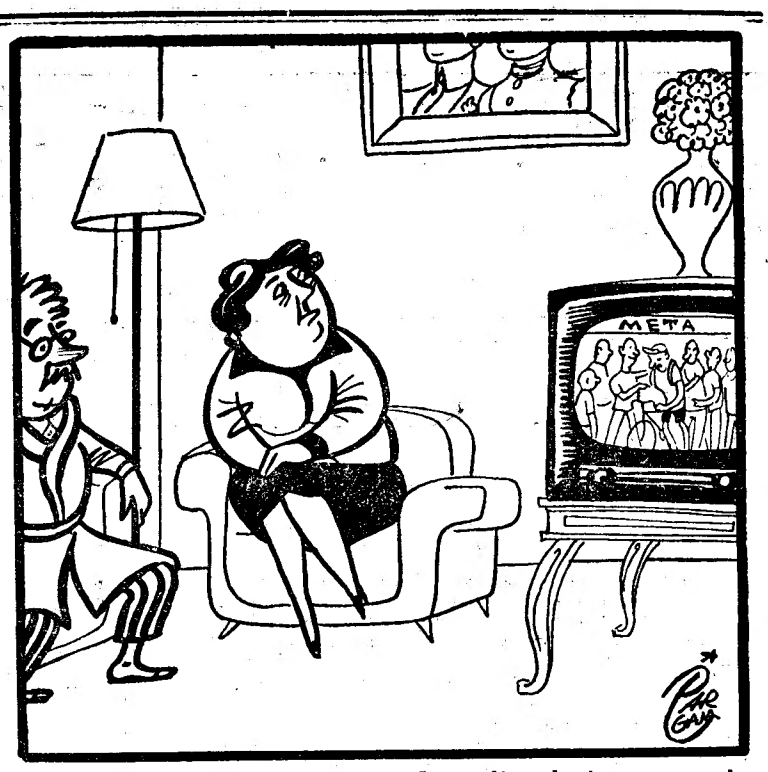
O pelotão, ou melhor, Alves Barbosa, que de princípio não se afligira muito com o caso — iam dois homens do Sangalhos no lote dos fugitivos — passou então á ofensiva. O impulso, como é lógico, partiu do homem da camisola amarela, secundado pelos seus companheiros de equipa, porque o perigo já o ameaçava. Dos fugitivos, Castro e Carreira, uma «entente» Benfica-Sporting, estavam a cerca de 20 minutos.

A fuga, impressionante, estava a ser conduzida na média de mais de

(Continua na 11.ª página)



O corredor António Joaquim dos Santos, do Académico, no momento em que iniciou a fuga que lhe permitiu chegar em 1.º lugar á Praia da Rocha



— Na Caravana da Volta vão muitos doutores para dar conselhos, mas nenhum para dar... medicamentos.

Uma rivalidade escondida?

Quando Carlos André fugiu a caminho de Tavira, e o seu avanço se tornou considerável, estranhou-se que Alves Barbosa não procurasse diminuir a vantagem do corredor «leonino», apesar da camisola amarela não estar em perigo, visto que na tabela da classificação geral o sportinguista se encontrava a cerca de 19 minutos do sangalhense. Este, no entanto, tratou de informar-se, constantemente, do avanço de André e, segundo julgamos saber, teria pedido até ao seu orientador técnico Ivo Neves que lhe desse nota da altura em que a fuga proporcionasse o avanço de 12 minutos. Porquê? Alves Barbosa explicou que era seu intuito facilitar a fuga de André, por forma a desalojar Sousa Cardoso do 2.º lugar da classificação geral, que passaria a ser então ocupado pelo jovem «leonino». Sousa Cardoso, interpelado sobre este plano de Alves Barbosa, confessou a sua ignorancia, quer dizer: nem um nem outro quiseram esclarecer as duvidas. Dar-se-á a circunstancia de estarmos em face de uma rivalidade escondida? — F. S.

Decisões do juri

O juri da prova resolveu hoje:

Rectificar a classificação geral de Sousa Cardoso, por no comunicado de ontem ter o seu tempo geral sido aumentado de 1 minuto por lapso; multar os corredores Pedro Polainas e José Calquinhas em 25$00; Armando Melo em 50$00; Carlos André, Manuel Azevedo, Sá Gomes e Gomes da Cunha, em 100$00; eliminar Eurico Manga, de Tavira, por ter sido visto agarrado a um automóvel e Fernando Dias de Oliveira, do Salgueiros, por ter cortado a meta de Setubal depois de encerrado o «controle».

Uma equipa organizada

PORTIMÃO, 9 (Pelo telefone) — O desporto actual, exigente e absorvente. não se coaduna com rasgos de improvisação, que, invariávelmente, conduzem a resultados ilusórios, que se desfazem como a espuma do sabão. A imagem poderia até aplicar-se á própria contextura da 21.ª Volta e ainda ás boas médias registadas ultimamente. Mas não é esse o nosso intuito, porquanto os factos não podem ser subestimados. Falaremos sobre uma «equipa organizada» e sem desprimor para as restantes, focaremos o exemplo do Sporting. Aristides Martins é um orientador técnico meticuloso e os ciclistas formam um conjunto disciplinadissimo. Desde os fatos de treino, de desenho moderno, até aos cuidados após o esforço, em cada etapa, transparece a ideia da harmonia. Os novos e os antigos, os calmos e os impulsivos, os ambiciosos e os realistas encaixam-se num mesmo figurino, constituindo bloco verdadeiramente homogéneo.

O programa do dia a dia reflecte também as virtudes de uma boa organização. Terminada a etapa os corredores tomam leite frio com sal e repousam durante 15 minutos. Segue-se um duche frio. Depois, entra em acção o enfermeiro e toma-se o aperitivo para um almoço de alimentos leves. As massagens precedem um longo repouso e o jantar, a horas fixas, é o remate. Nesta Volta, devido ao começo das etapas, o pequeno almoço é tomado uma hora antes, obedecendo, regra geral, á seguinte ementa: sopa de flocos, compota, doce, café com leite e pão com manteiga. Alimentação leve, á base de calorias, com repudio pelos empanturramentos que provocam digestões morosas e afectam o rendimento muscular. Na estrada também a acção dos corredores «leoninos» fornece exemplos magníficos de método, coesão e de perfeito companheirismo. O Sporting, sem duvida, tem uma equipa organizada... e bem preparada.

FERNANDO SOROMENHO

FLAGRANTES

■ O corredor Manuel Simões, do Benfica, ganhou á passagem em Loulé o prémio de 500$00, apesar de ter sido o 18.º na chegada á Praia da Rocha. O seu clube recebeu, por seu vez, uma taça.

■ Sousa Santos, que não se encontra ainda refeito da lesão no joelho, contraida antes da Volta, disse-nos que se estivesse de posse da camisola amarela nunca mais a largaria.

■ Não há duvida de que o ciclismo goza de extraordinária popularidade no Algarve. A ligação Tavira-Praia da Rocha foi eloquente testemunho desse facto.

■ O juri já progrediu num aspécto: a entrega dos comunicados tem sido agora mais rápida. Registamos o acontecimento com todo o prazer.

■ Américo Raposo é o chefe da equipa do Sporting e Manuel Graça o subchefe. No entanto, este ocupa melhor lugar na classificação.

■ A equipa do Académico, formada por dois veteranos e seis novatos, já mereceu esta pitoresca designação: os «babies de Pinto Valongo».

■ António Joaquim dos Santos, o triunfador na Praia da Rocha, foi um dos ciclistas que bateu o «record» no recente Porto-Lisboa. No «Grande Prémio Vilar» obteve duas segundas classificações. E' um corpo de miudo com alma de gigante.

■ Por falta de alojamentos, na Praia da Rocha, os corredores tiveram de hospedar-se em Portimão, Lagos e Silves.

■ Se os ciclistas estrangeiros estivessem ainda na prova, teriam, para quebrar o jejum, a seguinte ementa: café com leite ou chá, sopa ou puré de legumes, ou massa com queijo ralado e manteiga, dois ovos, dose normal de carne com batatas, sobremesa (marmelada ou fruta e doces secos), meia garrafa de vinho tinto ou branco ou água mineral. E chá, a pedido. Além disso, a organização destinava-lhes mais duas refeições, a do almoço e a do jantar, verdadeiramente substanciais.

■ Sousa Cardoso, o 2.º classificado, é por muitos considerado o inimigo n.º 1 de Alves Barbosa. Todavia, quando o interrogámos sobre os seus futuros planos, o jovem portista limitou-se a sorrir.

■ Duas figuras do futebol assistiram á chegada dos ciclistas na Praia da Rocha: Augusto Silva e Hernani.

■ Martins de Almeida, do F. C. Porto, é o pupilo predilecto de Artur Coelho. Este desistiu, mas o aluno continua na prova.

■ O Académico apresentou três estreantes na Volta: António Joaquim dos Santos, Vítor Ferreira e Alberto Carvalho.

CURIOSIDADES

O que nos disse o unico representante do Belenenses na prova

José da Costa, o unico belenense da Volta, tentou uma fuga á entrada de Faro, mas sem êxito.

Afirma-nos:

— Gosto muito de subir! No ano passado ainda pertencia á categoria de populares. Com 21 anos de idade, poderei progredir muito no ciclismo. Onde nasci? Na Charneca da Caparica. Se gosto das etapas curtas, como a de hoje? Não, gosto mais das longas como a de amanhã. Quem ganha a Volta? Pois quem há de ser? Alves Barbosa, claro!

DESPORTOS

ATLETISMO INTERNACIONAL

A selecção francesa
é poderosa mas pode perder hoje
pela primeira vez no Restelo

A equipa gaulesa que chegou ontem ao cair da tarde a Lisboa, depois de uma viagem de cerca de vinte horas, vinda de Hendaia, é um conjunto poderoso que define com clareza as possibilidades da França na modalidade.

Dos trinta e três atletas esperados e que formam a equipa do Sul da França, apenas um — Le Blanc — não se pôde deslocar, devido a imposições do serviço militar. Todos os restantes, apesar da longa viagem que fizeram, encontram-se em boas condições físicas e esperam confirmar as anteriores vitórias.

A equipa portuguesa que sofreu ligeiras modificações impostas por diversas circunstancias, está baseada práticamente nos mesmos elementos, da temporada passada. Os portugueses, que quase sempre se agigantam nas competições internacionais, podem com um pouco de «chance» sair vencedores, bastando para tal que aproveitem ao máximo, os factores desfavoráveis da deslocação da equipa gaulesa e, ainda, o facto dos franceses terem que «dobrar» várias provas com o mesmo atleta.

E' certo que nunca ganhámos aos franceses, mas alguma vez há-de ser a primeira. Devemos aproveitar neste momento, o receio justificável dos adversários que trazem até nós uma equipa com forte maioria de atletas juniores, enquadrados entre uma duzia de seniores com bom «palmarés» desportivo.

A ronda desta tarde não é a mais favorável aos portugueses, mas se estes não quebrarem é possivel que se entre na jornada seguinte com uma pontuação que não tire as esperanças de uma boa classificação.

O conjunto português tem uma tarefa difícil. Contudo, que está agora, mais preparado, pois há seis domingos sucessivos que a maioria dos atletas, tem intervindo em competições oficiais.

A situação do atletismo português, e da equipa nacional, é, realmente, delicada, mas, o publico sempre generoso, não faltará, mais uma vez, a aplaudir os seus compatriotas, que bem precisam do seu apoio nestas difíceis circunstancias. E' natural que se perca o encontro, mas como se disse, não devemos deixar também de pensar numa possivel vitória.

Ontem, á noite, os federativos portugueses e franceses estiveram reunidos a fim de sortearem as pistas nas diversas provas. Assim, na ronda de hoje, os portugueses alinharão do seguinte modo:

110 m. bar. — (pistas 2 e 4) Mário Lourenço e Cumura Imboá;

Vara — (1 e 3) — Mota Maia e Fernando Marques.

200 metros — (pistas 2 e 4) — António Faria e Miguel Prazeres.

Peso — (1 e 3) — José Galvão e Xara Brasil.

800 metros — (2 e 4) — Ramiro Filipe e Dias Santos.

5.000 metros — (pistas 1 e 3) — Dias Santos e Manuel Faria.

300 metros obstáculos — (pistas 1 e 3) — Joaquim Ferreira e Feliciano Marques.

Comprimento — (2 e 4) — Eugénio Lopes e Miguel Andrade.

Martelo — (1 e 3) — Eduardo Albuquerque e Carlos Portugal.

4×400 metros — (pista 1) — Artur Dias, Fernando Castro, Valentim Baptista e Alberto Araujo.

Os franceses são francamente favoritos em diversas provas, tais como nos lançamentos do peso e disco, no salto em altura, vara, e nas corridas de 400 e 800 metros. Há equilíbrio patente nos 5.000 m., 3.000 m. obstáculos e 1.500 metros. No triplo, no lançamento do martelo, nos 110 e 400 m. barreiras. Os nossos devem ser superiores. Nas duas estafetas a supremacia pende para o lado gaulês.

MANUEL DA SILVA — o «capitão» da equipa nacional que apesar dos seus 45 anos de idade espera contribuir mais uma vez para a vitória do atletismo português

Várias provas de amanhã

ANIVERSÁRIOS

O Clube Oriental de Lisboa continua amanhã a comemorar o seu 12.º aniversário. O programa é o seguinte: ás 7 horas, alvorada por um terno de clarins do Albergue da Mitra, com lançamento de morteiros, durante o qual se procederá á cerimónia do hastear da bandeira; ás 10 horas, disputar-se-ão as regatas promovidas pela secção náutica do clube; ás 22 horas, concerto pela banda da Sociedade Musical União do Beato, na sede do C. O. L.

— O Clube Desportivo da Charneca continua amanhã a comemorar o seu 25.º aniversário, promovendo, ás 16 horas, uma sessão solene, com a presença de diversas entidades de desporto e recreio.

CICLISMO

A Federação Portuguesa de Ciclismo, dentro de um plano estabelecido, faz disputar amanhã uma corrida para amadores, com partida ás 8 horas, da Avenida Rio de Janeiro, onde, também, se realizará a chegada depois de os corredores terem passado por Sacavém, Vila Franca de Xira, Carregado, Alenquer, Olhalvo, Maxial, Torres Vedra, Turcifal, Gradil, Murgeira, Paz, Mafra, Malveira, Venda do Pinheiro, Lousa, Loures, Bucelas, Cabeço da Rosa, Alverca e Sacavém.

— Em Alenquer disputa-se amanhã uma prova para populares, denominada «Circuito de Alenquer» na distancia de 50 quilómetros e num total de 10 voltas, estando a meta instalada na Avenida Eng.º Duarte Pacheco.

DESPORTO CORPORATIVO

Disputam-se amanhã os encontros da 1.ª «mão» das meias-finais da 2.ª fase do 12.º Campeonato Nacional de Voleibol, jogando a Casa do Pessoal da Sécil contra a Shell Portuguesa, no campo da Sécil, em Outão, ás 10,30 h.; Bombeiros Municipais de Coimbra contra os Ferroviários de Campanhã, no campo da A. C. Mocidade, em Coimbra, ás 10,30 h.

— Termina amanhã o 9.º Campeonato nacional de handebol de 11, da 2.ª Divisão (distrito de Lisboa). No campo de Belém, ás 9 horas, defrontam-se as equipas do Lisgás e do Cinema Condes.

— A F. N. A. T. realiza amanhã um passeio-pescaria á Barragem da Póvoa (Castelo de Vide), disputando-se um certame com classificação individual e colectiva.

HOQUEI EM PATINS

O Campeonato regional do Sul da 1.ª Divisão, em hóquei em patins, entra amanhã na sua 9.ª «ronda», com a qual se encerra a 1.ª volta da prova. O Sintra defrontará o Campo de Ourique, no «rink» de Sintra, ás 16, 17 e 18 horas.

A contar para o campeonato da 2.ª Divisão está marcado o encontro Vilafranquense-Queluz, em Vila Franca de Xira, ás 22 horas.

Para conclusão da 2.ª fase do campeonato regional de juniores, realizar-se-ão dois desafios da série. A: Mundet c. Fut. Benfica, no Seixal, e S. L. Benfica c. Cascais, na Av. Gomes Pereira, em Benfica — ambos ás 9,30 h.

NATAÇÃO

A jornada de amanhã é reservada á 1.ª reunião do Torneio Regional de Escolas de Nadadores (infantis), que a Associação de Natação de Lisboa promove pela 2.ª vez.

As provas (eliminatórias e meias finais) em numero de oito, realizam-se na piscina de Pedrouços e principiam ás 16 horas.

*

O nadador de fundo, Fernando Alves, que em breve, vai tentar bater o «record» ibérico, de permanência dentro de água, realiza amanhã um treino de 45 quilómetros, com partida da doca de Pedrouços e chegada a Sacavém, regressando ao ponto de partida O nadador inicia a prova ás 8 horas.

TÉNIS

Está prevista para amanhã a conclusão dos Campeonatos Oficiais de Ténis das Caldas da Rainha, estando a elaboração do programa pendente dos resultados que hoje se verificarem.

TIRO AOS PRATOS

Sob a organização da Junta de Turismo da Ericeira, com a colaboração da Sociedade União Ericeirense, disputa-se amanhã, no Parque de Santa Marta, o 1.º Campeonato da Costa Atlantica — uma prova a 50 pratos, em duas séries, á distancia de 15 metros. Antes, ás 10,30 horas, disputa-se uma «poule» de ensaio.

VELA

Na baía de Cascais prossegue amanhã a disputa da taça «Dr. Ferreira dos Santos», em regatas de «stars».

VOLEIBOL

O campeonato regional, de Lisboa, da 2.ª Divisão, prossegue amanhã, já prestes a atingir o seu termo. Estão marcados os seguintes encontros: Estoril c. L. A. G., no Estoril, ás 11 h.; Atlético c. Acad. Amadora, na Tapadinha, ás 10 e 11 horas.

HÓQUEI EM PATINS

O Benfica venceu o Sintra
e colocou-se a par do Paço de Arcos

Benfica e Sintra, duas grandes forças do hóquei patinado, defrontaram-se, ontem, na pista da Avenida Gomes Pereira.

Era uma partida de extraordinário interesse para as prtensões de ambas as equipas. Para o Benfica o triunfo era como que o regresso ao trilho do título, pois qualquer outro desfecho, o deixava bastante abalado; para o Sintra o êxito era, além do mais, o prosseguimento na competição sem desaires.

Deste choque de objectivos saiu vencedor o campeão nacional que, após os quarenta minutos de despique, tinha a seu favor a expressão numérica de 3-1.

O desafio foi bem disputado. Quer os vencedores, quer os vencidos, lutaram, incessantemente, pela obtenção da vitória. Conseguiu-a o Benfica e, em boa verdade, com inteiro merecimento. A sua exibição primou pela regularidade. Os seus homens não demonstraram quebra ao longo do tempo regulamentar e, no entanto, no segundo trecho da partida, os seus «raids» foram desenvolvidos com velocidade diabólica. A preparação atlética falou de forma impressionante.

Já o mesmo não poderá ser dito do lado dos forasteiros. Edgar, por exemplo, durante o quarto de hora inicial, movimentou-se constantemente, um esforço formidável para conseguir vantagem no marcador. Após esses quinze minutos, o médio «azul» exteriorizou, de modo inequivoco, cansaço. Contudo, Edgar cotou-se, ainda, como o melhor jogador dos onze que pisaram a pista. Na segunda parte, não terá acompanhado o seu binário, como convinha, mas na zona perigosa da sua baliza só não podemos dizer que esteve inexcedível por ter introduzido nas redes, á guarda do seu companheiro Alvaro Rodrigues, o tento do empate.

*

Os campeões nacionais e vencedores da Taça de Honra, que, há dois dias, tinham, feito exibição muito aquém do que é lícito exigir-se. Mas voltaram, ontem, a actuar em plano aceitável. Menos apáticos, evidenciaram vivo interesse em arrecadar a preciosa vitória.

Ter-se-á, porventura, verificado a melhoria devido á modificação no «xadrez» da equipa? Talvez a entrada de Pires Gonçalves para o lugar de Mário Lopes haja dado maior vivacidade no traçado dos golpes ofensivos. Todavia, é difícil, senão impossivel, afirmar-se outra coisa, que não seja esta: Se Mário Lopes estava em baixa de forma, Perdigão — e ontem foi flagrante — também não atravessa um bom momento. Por outro lado, se o regresso de Vítor Rocha trouxe certas vantagens á vortina defensiva, também não é menos verdade que Gui servia em melhores condições a ideia do ataque. O que, para já, nos pareceu absolutamente bem foi a entrada de José Ferreira para guarda-redes. Acusou algumas hesitações, devido á responsabilidade do lugar, mas que é melhor elemento que os dois outros anteriores não temos duvida alguma, embora saibamos que Carlos Alberto, por exemplo, nos treinos é quase imbativel...

Sob a arbitragem de Frederico Peyssoneau, que voltou a desempenhar a grande altura a sua missão, tal como sucedera no desafio Sporting-Benfica, as equipas alinharam e marcaram:

BENFICA — Ferreira, Vítor Rocha, José Lisboa (1), Perdigão (1), Pires Gonçalves e Mário Lopes.

SINTRA — Alvaro Rodrigues, Vieira, Edgar (1 nas próprias redes), Pompílio e Fernando Santos (1).

*

Nos outros encontros verificaram-se os seguintes resultados: Campo de Ourique, 3-Sporting, 1; Mundet, 7-Parede, 4.

*

A classificação geral é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	G.	P.
CASCAIS ..	8	5	2	1	27-22	20
P. Arcos ...	8	5	1	2	41-19	19
Benfica	8	5	1	2	35-23	19
Sintra	7	5	1	1	41-19	18
C. Ourique	8	5	-	3	26-19	18
Oeiras	9	4	-	5	24-35	17
Sporting ...	7	3	1	3	20-22	14
Parede	8	2	-	6	25-33	12
F. Benfica.	9	-	3	6	14-42	12
Mundet	8	1	1	6	22-41	11

HIPISMO

Concurso das Caldas
principia amanhã

No campo da Mata, principia a disputar-se amanhã o 46.º Concurso Hípico Oficial das Caldas da Rainha, que é um dos mais importantes do nosso calendário hípico e que este ano está a despertar um interesse verdadeiramente excepcional e fornecerá cinco animadas jornadas.

A de amanhã inclui a «Omnium», desdobrada em três séries, sob a designação de «Alberto Rosado», «Regimento de Infantaria 5» e «Hospital Rainha D. Leonor», de inscrição obrigatória para cavalos com menos de 2.000$00 de prémios ganhos, para cavalos sem «handicap» e para cavalos com «handicap». Todas as provas são disputadas pela tabela A, com cronómetro.

CARLOS GOMES
treinou no Granada

GRANADA, 8—Carlos Gomes foi a grande atracção do primeiro treino desta temporada do Clube de Futebol de Granada, hoje efectuado sob a direcção do argentino Alejandro Scopelli, antigo jogador e treinador do Belenenses.

Ao treino, que foi ligeiro, assistiu muito publico e, principalmente, os sócios e simpatizantes do Granada particularmente interessados em seguirem, com a máxima atenção, a actuação do guarda-redes da selecção de Portugal, que na segunda quinzena deste mês seguirá já integrado na equipa do seu novo clube numa digressão pela França e Suíça, onde disputará alguns encontros.—(A. N. I.).

PELOS CLUBES

Atletismo no Sporting

O Sporting Clube de Portugal leva a efeito na segunda-feira, no Estádio «José Alvalade», ás 21 e 30 horas, mais um torneio de atletismo para sócios e simpatizantes com vista á captação de novos valores, disputando-se as seguintes provas: 80 e 700 metros planos; lançamento do peso, saltos em altura e com vara.

Futebol no Casa Pia

Orientados pelo antigo casapiano José do Carmo, os treinos do Casa Pia efectuam-se ás 2.as, 3.as, 5.as e sextas-feiras, depois das 18 horas, no Estádio «Pina Manique», para as categorias de seniores e aos domingos, ás 10 horas, para os juniores e principiantes.

HOJE, Á NOITE

Boxe — A's 21 horas, no Estádio da Luz, realizam-se as finais do torneio interno, promovido pelo Sport Lisboa e Benfica.

Festivais — O Belenenses promove, ás 22 horas, no Estádio do Restelo, um festival de variedades, em homenagem ás secções de basquetebol e natação.

Futebol — A's 22 horas, na sede da Federação Portuguesa de Futebol, sorteio dos campeonatos dos II e I Divisões.

Hóquei em patins — II Divisão, ás 22,30 horas: Azeitonense-C. U. F. e Liga de Algés-Salátia. *Juniores*, ás 22 horas: Azeitonense-Oeiras, e Campo de Ourique-Sintra.

Os jogos realizam-se nos rinques dos clubes indicados em primeiro lugar.

Natação — A's 21,30 horas, festival do «Trofeu Olimpico» na piscina do Sport Algés e Dafundo.

Domingo, 17 de Agosto 1958
EXCURSÃO DA C. P.
a ESPINHO
3.ª Classe — 125$00

Lisboa (St.ª Apolónia) ... ... p. 8.40
Espinho .. .. c. 13
Espinho .. .. p. 19.02
Lisboa (Santa Apolónia) ... c. 23.35

Bilhetes á venda na estação de Lisboa (Rossio) desde as 8 horas do dia 11 do corrente (2.ª-feira. Lotação limitada.

MOTORISMO
V Volta a Portugal em motos e «scooters»

Organizada pelo Sport Lisboa e Benfica, realiza-se nos dias 14, 15, 16 e 17 do corrente, a «V Volta a Portugal» em motos e «scooters», num total de 1.650 quilómetros, tendo como finais de etapas, Evora, Portalegre, Seia, Braga, Leiria, Alpiarça, e Lisboa.

No final das etapas, disputar-se-ão provas completas. Esta prova conta para o Campeonato Nacional de Condutores de 1958.

A organização, além dos prémios oficiais que indica no Regulamento — salvas aos três primeiros classificados em cada classe, taças para todos os concorrentes que terminem a prova, taças de prata para os vencedores absolutos em motos e scooters e taças para todas as senhoras que completem a prova — entregará prémios oferecidos pelo S. N. I., taça Governador Civil de Evora, taça Governador Civil de Alpiarça, três taças oferecidas em Leiria e vários prémios particulares, oferta de entidades comerciais.

AUTOMOBILISMO
Gincana no Alenquer e Benfica

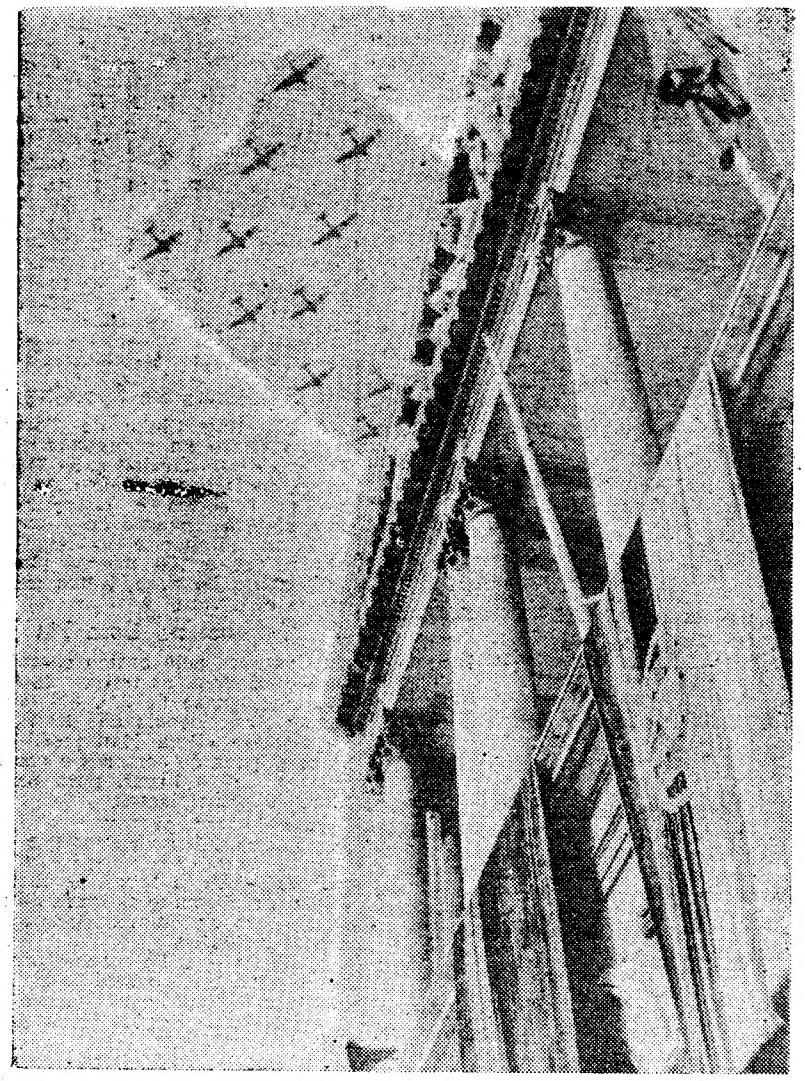
No próximo dia 24 o Sport Alenquer e Benfica promove uma gincana de automóveis, destinando-se a receita a melhoramentos no seu campo de jogos.

Na sessão solene de investidura na sala

o deputado Costa Ramalho saudou o novo P

e recordou as virtudes dos seus a

O sr. almirante Américo Tomás, á sua chegada ao Palácio da Assembleia Nacional



Uma formação aérea, durante a parada militar, voando sobre o edifício da Assembleia Nacional

(Continuação da 1.ª página)

Casa Militar do sr. Presidente da Republica, e capitão Gaspar Amaral e 1.º tenente Carlos Benvindo da Fonseca, ajudante de campo e oficial ás ordens respectivamente.

Do Palácio de Belém à Assembleia Nacional

À hora marcada para a saída do cortejo presidencial, o sr. almirante Américo Tomás, com o fardamento de gala de almirante e ostentando a banda das Três Ordens, que é apanágio do Chefe do Estado em Portugal, abandonou o palácio, acompanhado do pessoal da sua Casa Militar.

Pouco antes formara na Calçada da Ajuda, com frente para o Palácio, o Regimento de Cavalaria da G. N. R., de grande uniforme, com o seu calção branco, com bandeira, guião e fanfarra, sob o comando do sr. coronel Pires Monteiro, comandante do Regimento. Ao chegar o automóvel presidencial á Calçada da Ajuda, a formatura prestou continência ao sr. almirante Américo Tomás e, em seguida, organizou-se o vistoso cortejo, que se pôs logo em movimento com a seguinte constituição: esquadrão de cavalaria em batedores; carro da Polícia de Segurança Publica, com o respectivo comandante-geral, coronel Mário Cunha, e comandante daquela corporação em Lisboa, coronel Carlos Maria do Carmo, e a primeira parte da escolta. Depois, dois automóveis fechados da Presidência da Republica, o primeiro, com os ajudantes de campo oficiais ás ordens, e o segundo, com o sr. almirante Américo Tomás, tendo a seu lado o sr. brigadeiro Teixeira Pinto. À estribeira cavalgava o sr. coronel Pires Monteiro. Logo a seguir,, a segunda parte da escolta, constituida por dois esquadrões de cavalaria montada.

Ao abandonar o palácio, o Chefe do Estado, recebeu os primeiros aplausos dos populares, que se haviam juntado no passeio fronteiro ao portão. O sr. almirante Américo Tomás pôde ainda ver a antiga sede do Belenenses, a cuja direcção presidiu já, vistosamente engalanada com bandeiras e colchas.

O cortejo desceu a Calçada da Ajuda, em direcção á Praça Afonso de Albuquerque, ornamentada com dezenas de mastros onde ondulavam bandeiras nacionais da cidade, da Legião e da Mocidade Portuguesa e pendões verde-rubros.

Seguidamente, o cortejo meteu pela Avenida da India, em direcção á Avenida 24 de Julho. À sua passagem por Alcantara-Mar, o Governador Militar de Lisboa, sr. general Valente de Carvalho, comandante das forças em parada, que momentos antes passara revista ás tropas, incorporou-se no cortejo, tomando o seu carro lugar imediatamente á retaguarda do automóvel presidencial. Acompanhavam o general governador o seu chefe do Estado Maior, sr. tenente-coronel Luciano de Barros, e o seu ajudante sr. capitão Judice.

De Alcantara-Mar até ao Palácio da Assembleia Nacional, o cortejo presidencial passou por formaturas militares postadas em alas, que se estendiam através das Avenidas 24 de Julho e D. Carlos I e largo fronteiro ao Palácio de S. Bento.

Constituiam aquelas formaturas batalhões das seguintes unidades com bandeiras, guiões, bandas de musica ou fanfarras: Legião Portuguesa, Brigada Naval, Polícia de Segurança Publica, Guarda Fiscal, Guarda Nacional Republicana, Regimento de Cavalaria 7 e Lanceiros 2, Batalhão de Metralhadoras 1, Grupo de Artilharia Contra Aeronaves, Regimentos de Artilharia Antiaérea Fixa, Artilharia de Costa e Infantaria 1; Escola Prática de Administração Militar, Grupo de Companhias de Trem-Auto, Regimentos de Engenharia 1 e Artilharia Pesada 1; 1.º Grupo de Companhias de Saude, Batalhão de Telegrafistas e Sapadores Caminhos de Ferro, Regimento de Artilharia Ligeira 1 e Batalhão de Caçadores 5. À passagem do Chefe do Estado, as bandas de musica tocavam o hino nacional e as formaturas apresentavam armas.

Em todo o percurso, desde o Palácio de Belém até á Assembleia Nacional, foi estabelecido um serviço de policiamento superiormente dirigido pelo 2.º comandante interino da P. S. P. de Lisboa, sr. capitão António Neves.

De muitos prédios pendiam das janelas colchas e colgaduras. Viam-se também em residências particulares e em todos os edifícios do Estado a bandeira nacional.

Durante o desfile do cortejo, voaram sobre ele esquadrilhas de aviões, que em formações impecáveis por vezes se cruzavam.

O cortejo presidencial chegou — como estava previsto — ao Palácio da Assembleia Nacional ás 10 e 45, onde uma companhia de Marinha, com bandeira e banda de musica fez a guarda de honra ao Chefe do Estado.

Ao fundo da Avenida D. Carlos I foi postada uma bateria do Regimento de Artilharia Ligeira n.º 1, que no momento em que o sr. Presidente da Republica prestou juramento deu a salva de ordenança de 21 tiros.

Na Assembleia Nacional

De manhã, o palácio de São Bento apareceu exteriormente engalanado com flamulas verdes e vermelhas, alternadas.

Do balcão principal, encimado pela bandeira nacional, pendiam três grandes panos verdes e vermelhos, de veludo, tendo o do centro, o escudo português. E, em numerosas janelas das imediações viam-se colchas.

Policias de cordões brancos formavam em frente do Palácio e as esquinas da Calçada da Estrela, da Avenida D. Carlos I e das ruas de São Bento e das Francesinhas.

A's 9 horas chegou, com os seus fardamentos brancos, o batalhão de Marinha, com bandeira e banda de musica, que formou no flanco direito do Palácio, estendendo-se, pela Avenida D. Carlos I, até á Rua das Industrias.

Em frente da Assembleia, o passeio, a grande escadaria e as artérias que ali desembocam estavam completamente cheios de gente que, se estendia até ao fim da Avenida D. Carlos I, ouvindo marchas militares, transmitidas por alto-falantes e observando os movimentos das tropas que chegavam e que se postavam de ambos os lados desta ultima artéria.

Perto das 10 horas, chegou, num «jeep», o general Valente de Carvalho, governador militar de Lisboa, que passou revista á formatura das tropas.

Desde as 9 e 30 deram entrada no Palácio, pisando a grande passadeira vermelha que se estendia até ao fundo da escadaria exterior, ministros, subsecretários de Estado, diplomatas, oficiais-generais do Exército, da Marinha e da Força Aérea, deputados, procuradores á Camara Corporativa, magistrados, altos funcionários civis e militares, autoridades e outras entidades em destaque, muitas delas acompanhadas pelas esposas, com elegantes trajos que a multidão admirava.

Os homens iam de casaca com colete preto e gravata branca, ou de farda de grande gala, com condecorações.

A' entrada do átrio estavam, do Protocolo do Estado, o seu chefe, dr. Carreiro de Freitas, e o dr. João Monteiro de Mendonça.

Dirigia o policiamento, em frente do Palácio, o coronel Carlos Maria do Carmo, comandante da Polícia de Segurança Publica de Lisboa.

A's 10 e 30 começaram a ser distribuidas ao povo bandeiras nacionais, de papel, aos milhares, que logo começaram a agitar-se sobre o mar de cabeças.

No átrio do edificio, á direita, formava a força de Infantaria da Guarda Nacional Republicana que habitualmente presta honras aos presidentes da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa.

Toques militares alternavam com o ruido dos motores dos aviões e os silvos dos jactos.

A's 11 e 35, chegou, com a sua capa e o seu solidéo vermelhos o sr. cardeal-patriarca de Lisboa, a quem a guarda prestou honras, e que, foi acompanhado pelo dr. João Monteiro de Mendonça.

A's 11 e 40 chegaram á entrada do edificio as deputações da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa, tendo á frente os respectivos presidentes, conselheiro Albino dos Reis e dr. Luís Supico Pinto. Eram constituidas pelos deputados dr. Soares da Fonseca, professor Mário de Figueiredo, general Cota Morais dos Reis e drs. Paulo Rodrigues e Julio Evangelista, e pelos procuradores engenheiro Augusto Cancela de Abreu, comodoro Vasco Lopes Alves, comandante Julio Ramos, dr. Ubach Chaves e padre Pedro Gonçalves.

A' sua chegada ao Palácio, foram respeitosamente saudadas a sr.ª D. Gertrudes Ribeiro da Costa Rodrigues Tomás, esposa do Presidente eleito, e suas filhas, que eram acompanhadas pelo genro do Chefe do Estado, dr. Antero Campos de Figueiredo.

A's 10 e 45, chegou, escoltado pelo Regimento de Cavalaria da G. N. R. o sr. almirante Rodrigues Tomás, acompanhado pelo brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da Casa Militar da Presidência da Republica.

Ouviram-se muitas palmas e vivas, e a banda da Marinha executou «A Portuguesa», enquanto aviões sulcavam o espaço e se agitavam milhares de bandeiras.

Restaurante Típico «Barrete Verde»

BENAVENTE — RIBATEJO — TELEF. 74

Original «Salão das Pousadas» com capacidade para 400 pessoas. Miradouro sobre a vasta lezíria do Ribatejo.

EMENTA DE DOMINGO:

Sopa á Portuguesa, Caldeirada á Rio Sorraia ou Bacalhau no forno á Regional ou Filetes á Pescador, Coelho com ervilhas á Florestal ou Carne assada á Campino ou Bife de vaca á Canga, etc.

Ranchos Folclóricos «Sete Saias» e infantil «Sete Saias».

(PARA MAIORES DE 6 ANOS)

Desperdiçar não é grandeza! Coloque as suas economias em objectos que valham.

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

R. da Prata, 257

CORDÕES DE OURO

e outros objectos só pelo peso

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 2 4564

Leiam o jornal humorístico «SEMPRE FIXE»

Novo-Moderno-Diferente-Novo-Moderno-Diferente

O PONTO DE REUNIÃO DOS ANGOLANOS EM FÉRIAS NA METRÓPOLE

CAFE LUANDA

AV. DOS E. U. A. — LISBOA

Novo-Moderno-Diferente-Novo-Moderno-Diferente

INICIOU C

PREÇOS AC

JOQUEI CA

RUA NOVA DO

PARA ENTRA

NOVAS CO

la da Assembleia Nacional

Presidente

antecessores

Depois de fazer a continência ao hino nacional, o Chefe do Estado entrou no palácio, organizando-se então, o cortejo, até á Sala Dourada.

A' frente do Chefe do Estado, iam os srs. 1.º tenente Benvindo da Fonseca e capitão Gaspar do Amaral, oficial ás ordens e ajudante de campo; coronel Esmeraldo de Carvalhais, chefe do Protocolo da Presidência do Conselho; Costa Brochado, secretário da Assembleia Nacional; e dr. Carreiro de Freitas, director do Protocolo do Estado.

A' direita do sr. contra-almirante Américo Rodrigues Tomás, ia o conselheiro Albino dos Reis, presidente da Assembleia Nacional, e á esquerda o dr. Luís Supico Pinto, presidente da Camara Corporativa.

Seguiam-se os secretários das mesas das duas Camaras, o capitão-tenente Guilherme Tomás, ajudante de campo, o dr. Luís Pereira Coutinho, secretário-geral e chefe da Casa Civil da Presidência da Republica, e o brigadeiro Teixeira Pinto, chefe da Casa Militar.

Na Sala Dourada, incorporaram-se no cortejo o Presidente do Conselho e o juiz-conselheiro presidente do Supremo Tribunal de Justiça, que tomaram lugares á direita e á esquerda do Chefe do Estado, o primeiro seguido do presidente da Camara Corporativa e o segundo a seguir ao presidente da Assembleia Nacional.

Da Sala Dourada, seguiu o cortejo para a sala das sessões da Assembleia Nacional, onde as deputações das duas Camaras tomaram lugares no sector que lhes estava reservado, na extrema-esquerda do hemiciclo, sentando-se os restantes componentes do cortejo em cadeiras colocadas junto á tribuna da Imprensa.

Na sala das sessões

A sala das sessões da Assembleia Nacional apresentava um aspecto elegante e variegado, com as cores claras das «toilettes» femininas a destacarem-se do branco e negro dos trajos civis e das fardas dos militares e dos diplomatas.

Todas as galerias estavam repletas, vendo-se nas tribunas diplomáticas, nas primeiras filas, respectivamente: na da direita o ministro do Uruguai, a esposa do embaixador da Dinamarca e o seu marido; os embaixadores do Canadá e da Bélgica; o nuncio apostólico; a esposa do embaixador da Alemanha e o marido; e a esposa do embaixador de Espanha e o marido. E na da esquerda: o ministro da China; os embaixadores da Noruega e do Brasil, e a esposa deste; o embaixador da América do Norte e a esposa; o embaixador da Itália e a esposa; e o embaixador da União da Africa do Sul e a esposa.

Em lugar especial á direita da mesa da presidência, no hemiciclo, sentava-se, com as suas vestes vermelhas, o sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira e á sua direita o Governo.

A's 11 horas, entrou na sala o sr. almirante Américo Tomás, que se sentou na mesa da presidência, tendo á direita os srs. professor Oliveira Salazar e dr. Luis Supico Pinto, e á esquerda os conselheiros Albino dos Reis e Cruz Alvura, presidente do Supremo Tribunal de Justiça.

Depois de ter aberto a sessão, em nome do Chefe do Estado, o conselheiro Albino dos Reis disse:

— O sr. almirante Américo Tomás, presidente da Republica, vai prestar o seu compromisso, nos termos constitucionais.

Todos se levantaram, e o Chefe do Estado pronunciou o seu juramento, enquanto, nos Passos Perdidos, uma orquestra da Emissora Nacional, dirigida pelo professor Paulo Manso, executava o hino nacional.

— Juro — disse, devagar e com firmeza, o sr. contra-almirante Américo Tomás — manter e cumprir leal e fielmente a Constituição da Republica, observar as leis, promover o bem geral da Nação, sustentar e defender a integridade e a independência da Pátria Portuguesa.

Depois, o conselheiro Albino dos Reis deu a palavra ao deputado Américo da Costa Ramalho, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, para pronunciar a saudação da Assembleia Nacional ao Presidente da Republica. Aquele parlamentar envergando capa negra e capelo azul escuro subiu á tribuna e pronunciou o discurso de saudação:

Retomando com novo afinco a consciência do próprio destino o País prepara-se para definir as normas do seu futuro

— afirmou o deputado Costa Ramalho na sua saudação ao Chefe do Estado

«Senhor Presidente: A Nação Portuguesa, a do continente, ilhas e ultramar, a que se estende em nucleos populacionais pela terra inteira, vive nesta manhã de Agosto horas de grande jubilo. Mais um Presidente da Republica, constitucionalmente eleito, toma posse do seu alto cargo.

E nunca em vida de todos nós, á roda da figura prestigiosa do primeiro cidadão de Portugal, se ergueram anseios e expectativas, a um tempo mais justificados e portadores de maiores esperanças. E' que, retomando com novo afinco consciência do próprio destino, o País se prepara para definir os rumos do seu futuro.

Senhor Presidente! Portugal tem tido o raro privilégio de encontrar nos homens chamados á Suprema Magistratura da Nação, figuras modelares de sacrifício e devoção patriótica. Para só falar das ultimas décadas, recordemos a imagem bondosa e insinuante desse homem que levou a sua dedicação pela Pátria, durante quase um quarto de século de Presidência da Republica, ao limite extremo dos recursos físicos, dando ao bem-estar dos Portugueses, á ordem e á publica harmonia, até o derradeiro momento da existência, o melhor do seu coração de grande Portugués. Nesta hora de jubilo, volvamos o pensamento para a memória saudosa do inesquecível Marechal Carmona!

No presidente cessante, o Senhor General Craveiro Lopes, encontrou a Nação, além do espírito de cumprimento do dever, a elevação e sobriedade que caracterizam um Chefe de Estado, cônscio do valor exemplar da sua vida. O País ficou-lhe devendo, não apenas os benefícios do prosseguimento da paz e da ordem, sem os quais nada pode realizar-se de duradouro nas sociedades humanas, mas ainda a sua parte no êxito incontestável dos encontros diplomáticos no mais alto nível com os Chefes de Estado das nações amigas, entre as quais tem lugar de relevo a grande nação irmã, de além-Atlantico. Em todas essas reuniões com personalidades estrangeiras, dentro e fora do território nacional, o País sentiu melhor a importancia da sua colaboração com as nações do mundo de hoje e readquiriu consciência mais viva das suas responsabilidades de grei civilizadora, mãe de povos e berço de novas pátrias.

Teve o Senhor General Craveiro Lopes a rara felicidade de encontrar em sua esposa a companheira dedicada de todas as horas e a sua melhor colaboradora, e ao País coube a satisfação de reconhecer em Sua Excelência a figura distintíssima de mulher e portuguesa que, ao lado do Presidente da Republica, bem desempenhou o seu lugar de Primeira Senhora de Portugal. Quanto era admirada, quanto a estimavam os que só de vista

(Continua na 14.ª página)

Rodeado pelo Chefe do Governo e pelos presidentes e vice-presidentes das duas Camaras, o sr. almirante Américo Tomás recebe os cumprimentos dos ministros, vendo-se no primeiro plano o titular da pasta da Presidência e a seguir o da Defesa Nacional

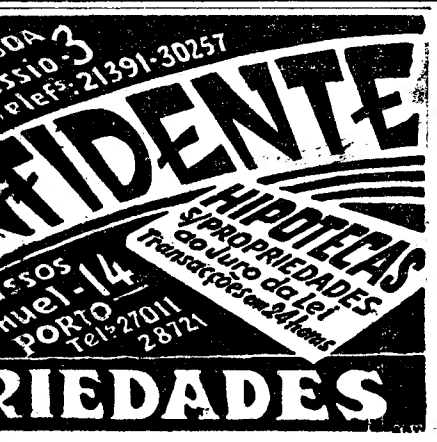
O sr. cardeal-patriarca de Lisboa, membros do Governo e altos funcionários, durante a cerimónia na Assembleia Nacional

O Chefe do Estado, no momento em que recebe os cumprimentos do ministro da Presidência

Pasta Medicinal Couto
TRATA — Gengivas descarnadas ou sangrentas
EVITA — Estomatites mercuriais ou bismuticas
MATA — Os micróbios da boca

IOU OBRAS
ACESSIVEIS

CAMISEIROS
DO ALMADA, 60
ENTRADA DE
COLECÇÕES



DR. ROCHA PINTO
RAIOS X
Rua Alexandre Herculano, 6, 1.º
Retomou a clínica

OURO E PRATA
Para as suas transacções consulte
OURIVESARIA SANTA FILOMENA
Frente Portas (Jardim Zoológico)
Telef. 783092

ESCOLA ACADÉMICA
COM MAIS DE UM SÉCULO DE EXISTÊNCIA (Fundada em 1847)
Agraciada com o Grau de Comendador da Ordem de Instrução Pública
Largo do Conde Barão, 47—Lisboa—Tel. 662430
CURSOS DIURNOS E NOCTURNOS (sexo masculino): Infantil, Primário, Liceal e Comercial (completos), Ciclo Preparatório do Ensino Técnico e Admissão aos Institutos (Comercial e Industrial)
ESTÃO ABERTAS AS MATRÍCULAS

«O Lar Ferroviário»

S. C. R. L.

Rua do Barão, 12, 2.º — LISBOA

— AVISO —

1.ª CONVOCAÇÃO

Convoco a Assembleia Geral Extraordinária para o dia 23 de Agosto, pelas 14,30 horas, na sede social Rua do Barão, 12, 2.º, Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

DISCUSSÃO, MODIFICAÇÃO E APROVAÇÃO DA PROPOSTA DE ALTERAÇÃO AOS ESTATUTOS ACTUALMENTE EM VIGOR

Ao abrigo do Art.º 59.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar em 1.ª convocação, com um mínimo de um terço de sócios no gozo dos seus direitos, segundo os Art.ºs 37.º e 38.º e suas alíneas.

Não podendo funcionar a Assembleia na 1.ª convocação por falta de numero de sócios, fica desde já convocada para reunir em

2.ª CONVOCAÇÃO

com qualquer numero de sócios presentes, com a mesma ordem de trabalhos e á mesma hora do dia 6 de Setembro próximo futuro.

Lisboa, e sede social aos 30 dias do mês de Julho do ano de 1958.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral — a) *António Alves dos Reis*.

NOTA:—Só têm direito a voto os sócios que tenham 12 meses de inscrição e estejam em dia nos seus pagamentos á Cooperativa.

ALEMÃO JOVEM

com perf. conhecimentos — inglês, espanhol — busca trabalho conveniente, Outono preferível importação-exportação.

Escreva: Steiner, Riera S. Miguel, 15 — BARCELONA.

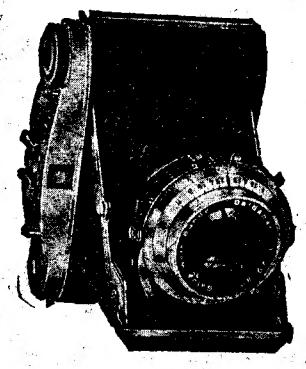
Visite o seu fornecedor habitual e exija que lhe mostre a

Baldi 29

uma maravilhosa produção

Balda

a grande marca alemã de máquinas fotográficas de alta classe que está revolucionando o mercado português



PREÇO ESC. 690$00

Formato 6×6 cms. Objectiva de alta classe e de grandíssima luminosidade «Baldanar» 2.9, permitindo fotografar com luz fraquíssima. Obturador «Pronto» com disparador automático e sincronização. Visor muito claro e nítido. Disparador na carcaça. Pode trazê-la no bolso. **Uma máquina de categoria vendida a um preço verdadeiramente sensacional**

*

Representante: **M. Simões Jr.** Rua da Conceição, 46-1.º

Telefs. 21546 LISBOA

HIPOTECAS

S/AUTOMÓVEIS

Qualquer quantia em uma hora ao juro da lei

MÁXIMO SIGILO

PREDIAL ULTRAMARINA

R. CONDE REDONDO, 20-2.º D.

Telefones 47100 e 47085

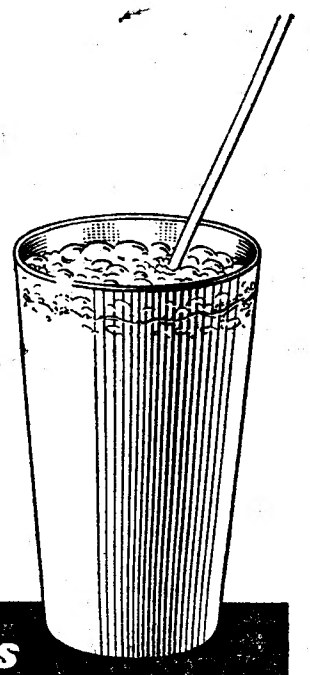
Agora, faça deliciosos batidos em casa com

Mix-a-Shake

— um agradável modo de beber leite:

Para fazer em sua casa deliciosos batidos basta juntar a cada copo de leite gelado uma colher das de chá de Mix-a-Shake e bater vigorosamente. Experimente hoje mesmo Mix-a-Shake. Veja como é fácil e económico preparar batidos de leite.

Três diferentes paladares: BANANA · ANANÁS · MORANGO



UM PACOTE CUSTA SÓ 5$00 E DÁ QUATRO COPOS

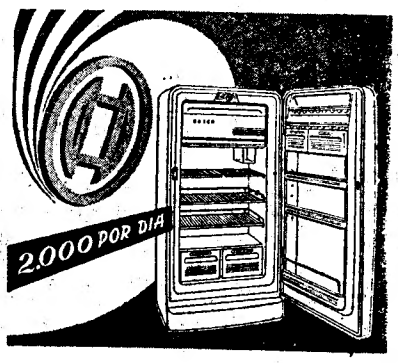
C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«UIGE» 23 de Agosto	Com escala prévia por Leixões, para: Luanda, Lobito e Moçamedes. Carrega em Lisboa, de 16 a 18 de Agosto.
«AMBOIM» 27 de Agosto	Com escala por Leixões para: S. Tomé (se necessário). Luanda. Lobito, Moçamedes, Cape-Town (se necessário). Lourenço Marques, Beira, Moçambique. Nacala e Porto Amélia. Carrega em Lisboa, até 25 de Agosto.
«IMPÉRIO» 8 de Setembro	Com escala por Funchal, para: S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique.
«GANDA» 16 de Setembro	Com escala por Leixões, para: Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito e Moçamedes.
LINHA DA AMÉRICA DO SUL	
«VERA CRUZ» 6 de Setembro (ás 12 horas)	Com escala por Funchal, para: S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e Santos.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» em 8 Setembro (Ás 16 horas)	Com escala por Vigo e Funchal, para: Tenerife, La Guaira, Curaçao, Havana e Porto Evergiades (Miami).
VIAGEM À BÉLGICA (ANTUERPIA)	
«SANTA MARIA» 11 de Agosto	Para visita á Exposição Universal de Bruxelas

Chama-se a atenção dos srs. passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião, 63—T. 30131-8—PORTO: Rua Infante D. Henrique, 9—T. 23342



BOSCH

O 1.º FRIGORÍFICO ALEMÃO em qualidade, economia, técnica e preço

Os frigoríficos BOSCH de fama mundial são agora produzidos no ritmo de **2.000** por dia

8 modelos diferentes. Todos os tamanhos. Preços acessíveis. Facilidades de pagamento. Assistência técnica eficiente.

Refrigeração **POLAR**

A MÁQUINA DE COZINHA BOSCH

RUA DA EMENDA, 56 A, FRENTE-LISBOA-TELEFONE 23061

DINHEIRO

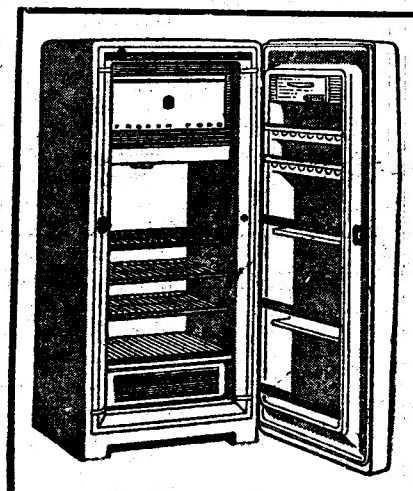
COLOCA SOBRE AUTOMÓVEIS OU PRÉDIOS EM 1.as HIPOTECAS

RAPIDEZ E SIGILO

A FINANCIADORA

EM LISBOA - AV. DA LIBERDADE, 3

NO PORTO - P. DA LIBERDADE, 12



RCA **Whirlpool**

MODELOS NORMAIS DE 8,1 E 12,2 PÉS CÚBICOS

*

MODELO «COMBINATION» DE 12,1 PÉS CÚBICOS

*

MODERNO CONJUNTO DE CORES INTERIORES

*

GRANDE CONGELADOR COM COMPARTIMENTO DE FABRICO DE GELO TOTALMENTE SEPARADO

*

A VENDA NOS AGENTES DA

TELECTRA — EMP. TECNICA EQUIPAMENTOS ELECTRICOS

LISBOA PORTO

A SIMPATIA DO PUBLICO PELO SERVIÇO DE «TARIFAS»

Em cada mês transporta a C. P. cerca de 3 milhões de quilogramas de «tarifas» em volumes de 5, de 10, de 20 e de 30 quilogramas.

É uma prova da eficiência e perfeição deste serviço.

Reflexo da Electrificação Ferroviária

MELHORIA NO HORÁRIO DA LINHA DA BEIRA BAIXA a partir do dia 10 do corrente

— O actual comboio destinado a Guarda, que actualmente parte de Lisboa (Santa Apolónia), ás 7 e 24, será substituido pelo comboio que de ali partirá ás 8 e 10, mantendo a actual hora de chegada a Guarda (16 e 20).

Este comboio, que no percurso Lisboa-Entroncamento, apenas parará em Braço de Prata e Santarém, deixa de estar sujeito, em Entroncamento, á ligação do rápido ascendendo do Porto.

Para servir os passageiros das estações intermédias é criado um comboio eléctrico que partirá de Lisboa (Santa Apolónia), ás 7 e 15, chegando a Entroncamento ás 8 e 55.

— Entre Entroncamento e Castelo Branco é também estabelecido um comboio que receberá ligação imediata do Porto por intermédio do comboio correio, que chega a Entroncamento ás 5 e 4.

Este comboio partirá de Entroncamento ás 5 e 30 para chegar a Castelo Branco ás 9 horas.

No sentido inverso, o comboio que partirá de Guarda ás 16 horas, efectuará, no percurso Entroncamento-Lisboa (Santa Apolónia), paragem apenas em Santarém e Braço de Prata, o que permitirá um avanço de 15 minutos na sua chegada a Lisboa (Santa Apolónia) (0h.10 em vez de 0h.25).

Os passageiros destinados ás estações intermédias passarão a dispor de um novo comboio eléctrico que partirá de Entroncamento ás 23 horas para chegar a Lisboa (Santa Apolónia) ás 0 e 53.

— Entre Castelo Branco e Entroncamento é ainda criado (com ligação de Guarda) um comboio que partirá de Castelo Branco ás 13 e 40, chegando a Entroncamento ás 16 e 55, onde será estabelecida ligação imediata para Lisboa e Porto.

Como se pode reconhecer pela leitura da presente comunicação, o horário da linha da Beira Baixa será sensivelmente melhorado, o que se reflecte igualmente nas comunicações entre a Capital, Santarém e Entroncamento, dada a criação de novos comboios.

A Volta a Portugal

(Continuação da 6.ª página)

35 (estava-se na segunda hora). O mais curioso do caso é que, em relação á luta por equipas, o equilibrio mantinha-se, apesar de tudo, pois os «segundos planos» que em certa medida têm dado o tom e o ritmo, anulavam-se uns aos outros. Mesmo que passassem a contar para as equipas respectivas, as diferenças entre eles não seriam despresiveis; eram, no entanto, infimas...

Reduzida assim á sua verdadeira significação a luta por equipas, temos como principal ameaça a nuvem que pairava sobre o «leader»... Conseguiria Castro ou outro qualquer anular a diferença de tempo que os separava do sangalhense?

O avanço do pelotão passou por várias alterações, conservando-se, durante largo tempo, na casa dos 9 minutos e chegando a ser de 12 minutos (como máximo), reduzindo-se para mais de 8 minutos á chegada. E de aí a sua iniciativa, que fez reduzir o atraso de um minuto e picos, ainda longe da chegada.

A meio da etapa, nas faldas da serra do Cercal, não era lícito fazer qualquer previsão por menos fundamentada. Todavia, a Volta tinha-nos dado mais uma vez o aspecto curioso de todos os dias haver fugas, o que tem valorizado singularmente a competição sem anular o que há nela de deficiente e já se traduziu no aumento de percentagem de tolerancia nas etapas além de 150 quilómetros, a fim de evitar eliminações em massa...

O atraso dos fugitivos baixava, dando-se um aspecto pitoresco:—por um lado, no lote dos oito, havia dois homens do Sangalhos que de quando em vez puxavam; por outro, Barbosa, com os seus companheiros sangalhenses que restavam, comandava a perseguição, recaindo sobre os seus ombros a maior responsabilidade.

O Sol só apareceu na volta da colina de Grandola, onde o avanço dos fugitivos era de 9 m. e 30 s., o que significava não haver o esforço da turma sangalhense frutificado.

Não era crivel que nos 70 quilómetros finais a junção se verificasse. E o pelotão dos oito cortou a meta de Setubal com o avanço de mais de 8 minutos, o que não punha em perigo a camisola amarela. Assim, na classificação geral individual, subiram muito Castro, Carreira, Aquiles, Azevedo Maia, principalmente. Já por equipas as alterações são menores, embora alguma coisa se tivesse passado..

A etapa de hoje foi percorrida, na sua maioria, a baixa temperatura. Isso teria facilitado? Do que não há duvida é de que a prova está a ser excelente e os «segundos planos» afirmam-se categóricamente.

TAVARES DA SILVA

ORDEM DA CHEGADA a Setúbal

	H.	M.	S.
1.° —Ant. Baptista (Sang.) ...	6	58	45
2.° —A. Carreira (Sp.)		m.	t.
3.° —Sousa Santos (F. C. P.)		m.	t.
4.° —Aq. dos Santos (Sang.)		m.	t.
5.° —Azevedo Maia (F.C.P.)		m.	t.
6.° —Alb. Carvalho (Acad.)		m.	t.
7.° —Henr. Castro (Bf.) ...		m.	t.
8.° —Agost. Ferreira (Acad.)		m.	t.
9.° —Sousa Cardoso (F.C.P.)	7	06	54
10.° —Am. Raposo (Sp.)		m.	t.
11.° —Alves Barbosa (Sang.)		m.	t.
12.° —A. Pedro Jor. (Sp.) ...		m.	t.
13.° —Aug. Mendes (Bf.)		m.	t.
14.° —J. Marcelino (Bf.)		m.	t.
15.° —M. Simões (Bf.)		m.	t.
16.° —J. Calquinhas (Sp.) ...		m.	t.
17.° —C. Pinheiro (F.C.P.) ...		m.	t.
18.° —A. Francisco (Bf.) ...		m.	t.
19.° —Sérgio Pascoa (Tav.) ...		m.	t.
20.° —M. Graça (Sp.), José C. Carvalho (F.C.P.), Fern. Silva (Sang.), Emídio Pinto (F.C.P.), José P. Carvalho (Sp.), L. Cadima (Sang.), M. de Almeida (F. C. P.), J. Barbosa Tav.), Joaq. Carvalho (Acad.), António J. Santos (Acad.), Alb. da Silva (Salg.), P. Polainas (Spt.), A. Catela (Sang.), Almeida Neto (Tav.) e A. Gonçalves (Acad.) ...		m.	t.
35.° —Jac. Oliveira (Salg.) ...	7	07	15
36.° —V. Ferreira (Acad.) ...	7	12	37
37.° —José da Costa (Bls.) ...	7	18	23
38.° —Arm. Melo (Sang.) ...		m.	t.
39.° —Gomes Cunha (Acad.)	7	18	30
40.° —Inácio Ramos (Tav.) ..		m.	t.
41.° —Carlos André (Sp.) ...	7	20	55
42.° —Sá Gomes (Salg.)		m.	t.
43.° —Jorge Corvo (Tav.) ...	7.	35	06
44.° —José A. Silva (Bf.) ...	7	35	14
45.° —M. Azevedo (Bf.)	7	37	11

Quando o «controle» foi encerrado ainda não haviam cortado a meta os corredores Eurico Manga (Tav.) e Dias de Oliveira (Salg.).

Desistiram: Inácio Raimundo (Bf.), José Firmino (Bf.), Nuno Rodrigues (Fer.), Pedro da Conceição (Fer.) e Francisco Carmo (Fer.).

O juri informou que é proibido «borrifar» os corredores. «Borrifar». Mas «regar» faz a sua diferença...

CLASSIFICAÇÃO GERAL após a chegada a Setúbal

INDIVIDUAL

	H.	M.	S.
1.°, A. Berbosa (Sang.)	32	04	05
2.°, S. Cardoso (F.C.P.)	32	10	47
3.°, M Graça (Spt.) ...	32	11	54
4.°, A. Pedro Jr. (Spt.)	32	12	23
5.°, A. Francisco (Bfc.)	32	12	52
6.°, J. Carvalho (F.C.P.)	32	13	23
7.°, Fern. Silva (Sang.)	32	13	53
8.°, E. Pinto (F.C.P.) ...	32	14	12
9.°, A. Raposo (Spt.)...	32	14	50
10.°, Henr. Castro (Bfc.)	32	15	04
11.°, J. Marcelino (Benf.)	32	15	26
12.°, A. Carreira (Spt.)...	32	16	13
13.°, J. P. Carvalho (Spt.)	32	16	49
14.°, A. Santos (Sang.)...	32	17	51
15.°, L. Cadima (Sang.)	32	18	48
16.°, Azev. Maia (F.C.P.)	32	19	07
17.°, M. Simões (Bf.)....	32	21	27
18.°, A. Baptista (Sang.)	32	22	57
19.°, J. Calquinhas (Sp.)	32	22	59
20.°, A. Carva.° (Acad.)	32	23	41
21.°, A. Ferreira (Acad.)	32	23	56
22.°, M. Almeida (FCP)	32	23	56
23.°, S. Páscoa (Tav.)...	32	24	1
24.°, J. Barbosa (Tav.)	32	25	5
25.°, Carlos André (Sp.)	32	27	41
26.°, J. Carvalho (Acad.)	32	28	2
27.°, I. Ramos (Tav.)...	32	29	13
28.°, A. J. Santos (Acad.)	32	29	34
29.°, S. Santos (FCP)....	32	30	34
30.°, A. Silva (Salg.).....	32	32	26
31.°, P. Polainas (Spt.)..	32	34	8
32.°, J. Oliveira (Salg.)..	32	42	33
33.°, C. Pinheiro (FCP)	32	43	52
34.°, J. Costa (Belen.)...	32	44	39
35.°, Ant. Catela (Sang.)	32	49	2
36.°, Almeida Neto (Tav.)	32	50	2
37.°, Arm. Melo (Sang.)	32	51	6
38.°, Jorge Corvo (Tav.)	32	52	14
39.°, Sá Gomes (Salg.)...	32	54	43
40.°, A. Gonçalves (Ac.)	33	2	25
41.°, Ang. Mendes (Bf.)	33	2	49
42.°, V. Ferreira (Acad.)	33	11	4
43.°, J. A. Silva (Bf.) ...	33	28	46
44.°, G. Cunha (Acad.)...	33	52	44
45.°, Man. Azevedo (Bf.)	34	22	47

POR EQUIPAS

1.° Sang. (1.°, 7.° e 14.°)	96	35	49
2.° F. C. Porto (2.°, 6.° e 8.°)	96	38	22
3.° Sporting (3.°, 4.° e 9.°)	96	39	7
4.° Benfica (5.°, 10.° e 11.°)	96	43	22
5.° Acad. (20.°, 21.° e 26.°)	97	15	39
6.° Tavira (23.°, 24.° e 27.°)	97	18	19
7.° Salg. (30.°, 32.° e 39.°)	98	9	42

CAMISOLA VERDE para a classificação por pontos (Prémio Long-Life)

1.°, Sousa Cardoso, 55 pontos; 2.°, Alves Barbosa, 96; 3.°, João Marcelino, 107; 4.°, Américo Raposo, 110; 5.°, José Calquinhas, 119; 6.°, José Carlos Carvalho, 123; 7.°, José Pedro Carvalho, 123; 8.°, Manuel Graça, 128; 9.°, Henrique Castro, 131; 10.°, Fernando H. Silva, 134.

AFIRMAÇÕES dos corredores à chegada a Setúbal

Henrique Castro, o melhor homem do Benfica, que esteve á beira de se apoderar do 2.° lugar da classificação geral na etapa de hoje, disse-nos:

— Tirada dura, mas facilitada pela ausência do calor. Nos ultimos 30 quilómetros, os meus companheiros de fuga abrandaram, decerto porque se aperceberam de que um maior avanço sobre o pelotão só a mim beneficiaria. Agora, pretendo conservar a posição conquistada.

Antonino Baptista, o vencedor da etapa, declarou-nos:

—Tive um «furo» e uma avaria mecanica, mas os meus colegas de fuga quiseram ajudar-me, facilitando, assim, a recolagem. Confesso que tinha o maior interesse de ganhar esta etapa. Nas próximas tiradas, deverá travar-se luta emocionante.

José Calquinhas, do Sporting, revelou-nos:

— Não sei como consegui terminar esta etapa, porque sofri um tremendo ataque de furuncolose.

Os sportinguistas sem carro de apoio

Um pouco depois do Cercal e do abastecimento, os carros de apoio do Sporting ficaram avariados, pelo que não puderam seguir a actuação dos corredores «leoninos».

BASQUETEBOL

A Académica classificou-se em 2.° no torneio de Vigo

VIGO, 9. — O torneio de basquetebol, entre equipas lusitanas e espanholas teve a seguinte classificação:

1.° — Bosco, de Vigo; 2.° — Académica de Coimbra (campeões de Portugal); 3.° — Standard de Madrid; 4.° — Sangalhos.

Na final, entre a Académica e o Bosco, a equipa espanhola venceu por 56-46. — (A. N. I.).

Concurso pecuário

O Grémio da Lavoura de Leiria e Marinha Grande pôs já a circular o regulamento do 5.° Concurso Pecuário, da sua organização e marcado para o dia 15 do corrente. Dado o interesse que sempre desperta e a importancia dos prémios, é de esperar grande numero de concorrentes.

AS TEMPERATURAS DE HOJE

Temperaturas extremas registadas hoje, em Lisboa, até ás 16 horas: máxima, 26°,8; mínima, 15°.0. No mesmo dia do ano pasasdo: máxima, 22°,5; mínima, 18°,5.

— Temperaturas registadas na Costa do Sol, hoje, ás 10 horas: no ar, 20°,2; na água do mar, 16°,2.

O PORTO pelo telefone

Foi encontrado o cadáver dum pescador

PORTO, 9 — Já não há duvidas sobre a sorte dos dois pescadores que no passado dia 6 do corrente, como noticiámos, desapareceram quando andavam á pesca da sardinha a bordo dum pequeno barco a remos, de Anjeiras. Feitas várias tentativas no sentido de os encontrar, só hoje o barco a motor da pesca do congro «Maria Olívia Pereira» deparou a Oeste de Leixões a frágil embarcação. Dentro dela, o corpo dum dos desditosos pescadores, que ainda se não sabe se é o do arrais Joaquim José da Cunha o «Viana», de 43 anos, ou o do seu camarada José de Carvalho, de 36 anos, pois o barco só chegará a Leixões cerca das 16 horas, e só então as famílias das vítimas poderão reconhecer o cadáver.

Cartaz do Porto

Para amanhã dia 10

COLISEU—Ás 21 e 30—«Rua principal».
BATALHA — A's 21 e 30 — «Fuga ao Sol».
VALE FORMOSO — A's 21 e 30 — «Cigana tinhas que ser».
AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «A casa dos segredos»
S. JOÃO — A's 21 e 30 — «Uma aventura no Mediterraneo».
OLIMPIA — As 15 e 30 e 21 e 30 — «O Louva a Deus Gigante».
NUN'ALVARES — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «O grande circo» e «Barreiras vencidas».

CURSO DE FÉRIAS de visita a Évora

EVORA, 9 (Pelo telefone) — Em camioneta, chegaram esta manhã a Evora os quarenta professores e alunos de Economia, Literatura e História de vários países do Ocidente, que constituem um curso de férias da Faculdade de Letras de Lisboa e que vieram acompanhados pelo prof. Mário Chicó, que também é director do Museu Regional desta cidade.

A' sua chegada, no Largo da Sé, os visitantes foram cumprimentados por várias individualidades ligadas aos círculos culturais de Evora. Antes da hora marcada para o almoço, os componentes do curso de férias visitaram a chamada acrópole da cidade, constituida pela Sé, Museu, Laios e Templo de Diana. Depois do almoço, estiveram nas igrejas de S. Francisco e da Graça, e na Biblioteca Publica. Ao fim da tarde, seguiram para Vila Viçosa, onde vão visitar o palácio ducal, dirigindo-se depois para Elvas.

PELA POLÍCIA

EMPREGADO INFIEL — A Secção de Justiça da P. S. P. deteve Domingos Martins Dias, de 30 anos, solteiro, serralheiro civil, natural de Lisboa e residente no Monte de Caparica, que era empregado na cooperativa de um agrupamento desportivo da capital e ali furtou, no decorrer de alguns meses, artigos de vestuário, meias de «nylon», camisas, fatos de banho, etc., no valor de mais de 20.000$00. Confessou ter vendido os artigos a diversas pessoas, gastando o dinheiro na compra de objectos vários, em passeios e outros divertimentos. O arguido, que já conta quatro prisões por furto e vadiagem, foi enviado á Polícia Judiciária, com parte dos artigos apreendidos.

Festa de folclore

VIANA DO CASTELO, 9. *(Pelo telefone).* — Esta cidade está a viver horas de grande animação que aumenta á medida que se aproxima a data das tradicionais festas da Agonia. Como preludio destas festas, que todos os anos trazem aqui numerosos nacionais e estrangeiros, o Grupo Folclórico de Santa Marta de Portuzelo está a realizar a sua festa anual, amanhã enriquecida com a presença de agrupamentos franceses, ingleses, italianos, espanhois australianos e chilenos. Ontem, á noite, inaugurou-se em Santa Marta a iluminação electrica na Avenida Comendador Parente Ribeiro e ao longo da estrada nacional que liga a localidade á cidade. Esta manhã deram ali entrada as bandas de musica dos Bombeiros Voluntários das Taipas, Moreira da Maia e Visconde de Salreu, de Estarreja. A's 16 horas fez-se a recepção aos grupos estrangeiros que desfilaram por entre as aclamações populares, sendo os grupos portadores dos estandartes respectivos.

Pitorescos da Volta

A invenção de um membro do juri

Esta passou-se á partida de Alpiarça. Determinado membro do juri, interpelado pelos jornalistas sobre os corredores que tinham assinado o livro de presenças, desatou a fornecer numeros que não existem na lista oficial. O nosso camarada, quando confrontou os números, ficou intrigado ao aperceber-se do engano.

Mais tarde, o citado membro do juri, muito ingenuamente, disse estar convencido de que os numeros fornecidos faziam parte de tal lista... Esta é realmente notável!

E em África não haverá calor?

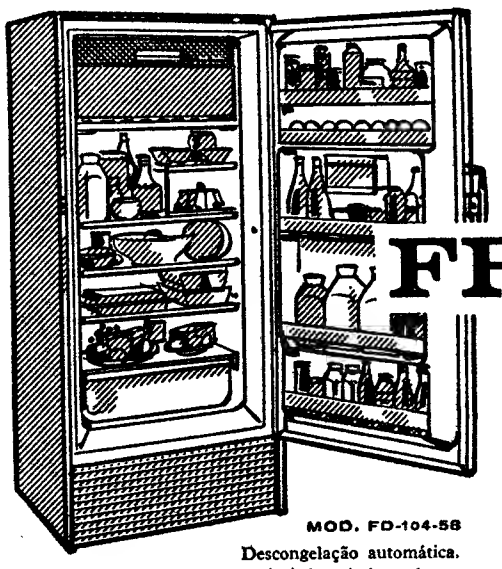
Os simpáticos representantes do Ferroviário de Luanda têm-se mostrado animosos, mas acusam falta de preparação. Queixam-se eles, no entanto, também, do calor excessivo. Alguém lhes perguntou, em ar de incredulidade:

— E então em Africa não haverá calor?

Atenção
srs. automobilistas
A Auto Industrial, Ld.ª, na Rua Alexandre Herculano, 66, comunica a V. Ex.ª que já se encontra à venda nas s/instalações a gasolina «SUPER»

Pés Ardentes
doridos, sensíveis, instantaneamente aliviados com Ephydrol Uma simples aplicação refresca e desodoriza.
Ephydrol
Frasco com pincel - Em todas as Farmácias e Drogarias

GOZE AS FÉRIAS SEM PREOCUPAÇÕES
Os pêlos inestéticos são eliminados rápida, fácil e higiénicamente com a máquina eléctrica de depilar
« L A D Y S H A V E »
MAIS UM ARTIGO SELECCIONADO PHILIPS
A' VENDA NOS REVENDEDORES PHILIPS



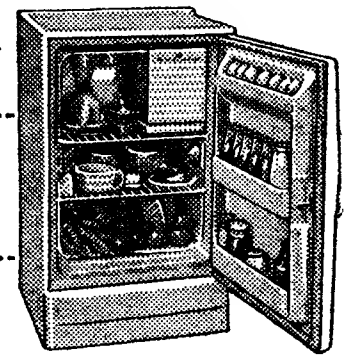
MOD. FD-104-58
Descongelação automática.
Grande congelador, isolado e independente.

Um Frigorífico não se compra todos os meses. Na vasta gama FRIGIDAIRE existe o modelo que lhe convém. Escolha portanto um verdadeiro

FRIGIDAIRE
MARCA REGISTADA

Nenhuma outra marca de Frigoríficos lhe oferece um tão grande número de vantagens pelo mesmo preço

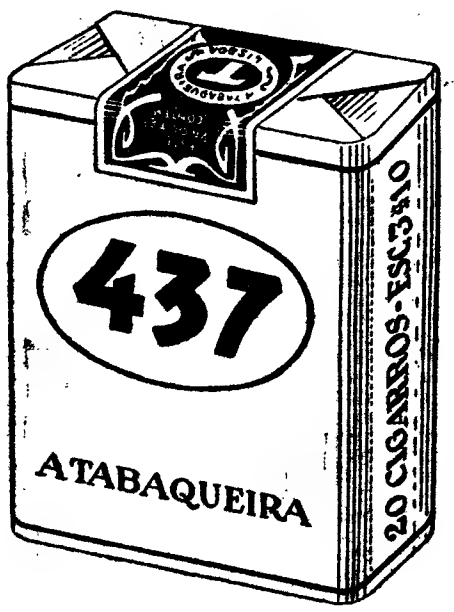
Um autêntico FRIGIDAIRE a partir de **4.950$00**



UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS

Visite o Stand de DINIZ M. D'ALMEIDA, LDA.
Av. da Liberdade, 214 — LISBOA — Telefones 46117, 47180 e 47189

FUME CIGARROS



E passará a preferi-los

EXCURSÕES
Em modernissimos autocarros
CASTELO BODE — TOMAR
FÁTIMA
Domingo, 10 e domingos seguintes
Em 12 e 13 de Agosto
PEREGRINAÇÃO
Incrições e informações:
EMPRESA EDUARDO JORGE
Venda Nova ou Amadora em Lisboa—R. Jardim do Regedor, 35-Telefones 30971 e 30972

RCA
Whirlpool
AR CONDICIONADO

ANTES E DEPOIS DO BANHO DE SOL
use **APYROL**
O produto preferido desde 1933

S. R.
Ministério da Economia

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

ÉDITOS

Faz-se publico que nos termos e para os efeitos do art. 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto N.º 26.852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 87, e na Administração do Concelho de Seixal, em todos os dias uteis das nove ás doze e das catorze ás dezassete horas, e pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, para o estabelecimento de um ramal aéreo a 6 kV, com 560 m., do poste n.º 55 da linha Coina-Siderurgia ao posto de transformação n.º 1 da Siderurgia Nacional, no referido concelho.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, dentro do citado prazo.

Repartição de Licenciamento, Secção de Licenças, em 6 de Agosto de 1958.

Pelo Engenheiro Chefe da Secção
DIOGO PAULINO SANTOS

A PT

Companhia dos Telefones

LISTA TELEFÓNICA

A nova Lista Telefónica N.º 79 deverá começar a ser utilizada a partir das 0 horas do dia 10 do corrente, altura em que serão transferidos 1.800 assinantes da área da Central da Estrela, para a Central das Amoreiras, com as correspondentes alterações de numeros.

Simultaneamente serão alterados os prefixos numéricos das Estações regionais a seguir indicados:

DE	PARA	DE	PARA
020	035	027	034
0208	0378	051	910
0209	0369	052	920
0239	0249	091	950
025	039	092	960
026	030	098	980 a)
0269	0389		

a) Exceptuam-se desta alteração os telefones cujos numeros estejam compreendidos entre 098810 e 098859, os quais alteram: —

DE	PARA
098	989

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE CONSULTE SEMPRE A PARTIR DO DIA 10 E ANTES DE UTILIZAR O TELEFONE, A

LISTA N.º 79

BONS SONHOS!

numa almofada de espuma de borracha Dunlopillo.

Sim! Você poderá ter sempre um sono profundo e repousante com uma almofada DUNLOPILLO feita de espuma de borracha.
Note bem que todas as almofadas DUNLOPILLO têm a etiqueta DUNLOPILLO.

COLCHÕES - ALMOFADAS - ASSENTOS

Dunlopillo

ESPUMA DE LATEX — FABRICO INGLÊS

Representantes em Portugal
CASA GRAHAM - LISBOA - PORTO

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

ANTOLOGIA DO CONTO POLICIAL

LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO LEITURA DE SABADO

Um roubo complicado por uma questão sentimental

Texto integral do conto de

Kurt Heynicke

DEPOIS de ter examinado o *dossier*, o inspector Krug, que estava de serviço nessa noite, atirou-o para cima de uma mesa, exclamando:

— O «Aranha»!...

Essa era a alcunha de um hábil gatuno, especialista em trepar pelas fachadas dos prédios, ali se introduzindo por qualquer janela aberta. Incluiam-se no seu longo cadastro mais de uma centena de roubos, em cinco meses, sem contar, evidentemente, aqueles casos por qualquer motivo ignorados da Polícia.

O «Aranha» marinhava pelas paredes que nem um gato, roubava quanto encontrasse com qualquer valor e desaparecia misteriosamente. A Polícia andava-lhe no encalço, desde há muito tempo, e o próprio comissário Lauer se ocupava do caso com particular interesse.

Seriam umas duas horas da manhã quando o sargento Kritzinger comunicou pelo telefone que o «Aranha» acabava, finalmente, de ser preso em flagrante. E pouco depois o famigerado gatuno estava perante o inspector. Não tinha, de modo nenhum, o aspecto de um bandido, e verificou-se pelos seus documentos que era um estudante de Engenharia, chamado Axel Brauer.

— Os senhores estão enganados! Eu não sou um gatuno!—protestou.

— Isso é o que dizem todos!... — resmungou o inspector, mas foi consentindo em que lhe tirassem as algemas.

Fora apanhado quando saltava pela janela do rés-do-chão com o n.º 28 na Beermanstrass. À ordem de Krug compareceram os moradores daquela casa, aos quais Alex foi presente. Contudo, ninguém o conhecia, nem sabia qualquer coisa a seu respeito. Nem mesmo a senhora Schneider, que morava no andar superior, podia dar uma informação sobre o preso. A janela que ele escalara era a do quarto de Gisela, filha da senhora Schneider, mas também a jovem—segundo declarou—não o vira e nem dera por falta de nada.

Krug ordenou que revistassem o rapaz, o qual ia protestar, mas o inspector não lhe consentiu que falasse. Nesse momento, retiniu a campainha do telefone. Krug atendeu a chamada:

— Está lá?... Sim, pode entrar! Terei muito prazer em falar com ela.

E, voltando-se para Axel, disse-lhe:

— Vamos ter visitas... de senhoras!...

Apareceu Gisela, afogueada e muito comprometida, e disse:

— Não contei a verdade, quando falei, há pouco, com os agentes, senhor inspector... Axel estava no meu quarto. Conheço-o muito bem: é meu amante!

— Não sou! Isso não é verdade! — protestou Bauer.

— Bem, ia ser esta noite...

Interveio o inspector:

— Mentiu, então, á Polícia, não é assim? E porquê?

— Porque os seus subordinados me interrogaram diante de minha mãe, e ela não sabia nada do que se passava...

— Acho que há pouco romantismo e pouca vergonha no caso! — comentou o inspector.

— Cada um sabe de si!... — murmurou a rapariga.

— O culpado fui eu! — interveio Axel.

Krug, dirigindo-se a Gisela:

— Ora, queira contar tudo desde o princípio!

— Estava já meio adormecida, com a janela encostada, quando senti que alguém entrava no meu quarto. Pensei, é claro, que fosse o Axel, mas devia ser o verdadeiro «Aranha»!...

— Não, não! isso é demais!—exclamou o inspector, entre irritado e incrédulo.

Como se não o tivesse ouvido, a rapariga continuou:

— Quando me sentei na cama, já o «Aranha» tinha aberto a minha mala e verificava o que havia dentro do porta-moedas. Não perdi a serenidade e, mostrando-me senhora da situação, disse-lhe que aquele tinha apenas dezoito marcos e vinte «pfennig». Ele, porém, que já contara o dinheiro, corrigiu-me, dizendo que eram vinte marcos e um *pfenning*. Eu esquecera-me de duas moedinhas antigas de meio «pfennig», que trago sempre comigo para me darem sorte. Depois, devolveu-me a mala e o porta-moedas, pois aquele pouco dinheiro não lhe servia para nada.

— E foi-se embora?

— Não! Antes de sair dirigiu-me um galanteio...

Gisela envolveu Axel num rápido olhar e prosseguiu:

— O «Aranha» disse-me: — «Sou um tipo medonho, que chego a ter pena de mim próprio quando me vejo ao espelho, mas pode crer que não tenho maus sentimentos para com as senhoras. Penso até que seria capaz de fazer feliz qualquer mulher. Creia que fico com imenso desgosto por não nos termos conhecido de maneira mais cerimoniosa, mais própria e mais sólida.

Nesta altura, entrou um guarda com uma cafeteira fumegante e algumas chávenas.

— Faça favor de continuar—disse Krug.

— Pois, justamente quando o «Aranha» ia saltar pela janela, entrou o Axel, que vinha atrasado. Deu um soco no assaltante, o qual, mais forte e mais ágil, logo o pôs a dormir.

— E a menina que fez?

— Eu?... Mas o que havia eu de fazer, se tudo aquilo se passou tão rápidamente?!... O «Aranha» fez-me, então, uma proposta. Disse-me que era um gatuno, mas tinha a sua moral em questões de amor. Assim, garantia-me que, se estivesse no lugar de Axel, entraria pela porta principal, falaria com a minha mãe e dar-me-ia depois o anel de noivado. Acentuou que assim é que se fazia. Entretanto, Axel começava a recuperar a consciência e, para reanimá-lo completamente, o «Aranha» despejou-lhe na cabeça a água de uma garrafa que eu tinha á cabeceira. Depois saiu pela janela...

— E por que não deu o alarme?

— Porque o Axel ainda estava no meu quarto e, se o descobrisse, minha mãe teria uma congestão! Ainda discutimos, pois Axel receava ser apanhado pela Polícia e não queria dizer que passara a noite comigo, para não me comprometer. Respondi-lhe que isso me era indiferente, mas ele teimou na sua. Acabei, no entanto, por convencê-lo e ele saltou pela janela, como entrara.

— Uma história muito bonita e com todo o aspecto de ser verdadeira — disse Krug e logo lhe desfechou:

— Conhece bem o Axel?

— Como se pode conhecer bem uma pessoa, quando se está apaixonada por ela, senhor inspector?

— E' essa precisamente a minha opinião!—retorquiu Krug, enquanto ia colocando, lentamente, diante de Gisela um par de brincos e um broche cravejado de brilhantes:

— Ora veja o que encontrámos nas algibeiras de Axel. Evidentemente, são coisas roubadas...

— Não sei como isso foi parar aos meus bolsos — protestou Axel.

— Talvez haja dois «Aranhas»!.. — comentou o inspector—. Ou talvez Axel seja cumplice do verdadeiro «Aranha»!

— Nesse caso, tem de haver outra pessoa com uma equimose no queixo! — retorquiu a rapariga.

— Exactamente! — respondeu Krug.

*

Naquela mesma noite, por um desses acasos singulares que, ás vezes, surgem nas investigações policiais, o comissário Lauer, sózinho, teve a sorte de apanhar o «Aranha», em flagrante, quando tentava um arrombamento. Levou-o para a esquadra onde estava o grupo reunido: Krug, Kritzinger, Gisela, Axel e mais dois agentes.

Realmente, o autêntico «Aranha» não devia nada á formosura. Assim que o viu, Gisela logo exclamou:

— E' ele! E' ele!

O «Aranha» abanou a cabeça, num gesto melancólico.

— A menina não me deu sorte nenhuma — disse ele tristemente—, mas eu queria dar-lhe qualquer coisa.

Poisou os olhos nos brincos e no broche com brilhantes e acrescentou no mesmo tom melancólico:

— Eu é que pus isso no bolso do seu namorado, enquanto esteve desmaiado. Queria que ele, quando descobrisse as joias, compreendesse o que devia fazer. Podia muito bem trocar os brincos por um anel de noivado e oferecer-lho. O broche era uma prenda minha.

— Nesse caso, a residência desta senhora foi a segunda que assaltou. Qual foi a primeira? — inquiriu Krug.

Baixando os olhos, o «Aranha» respondeu:

— O numero cento e vinte e sete da Ottostrasse!

— Foi então aí que roubou as joias! — disse Krug e, voltando-se para Axel:

— No seu caso, eu compraria um anel com o meu próprio dinheiro. E também sou da opinião do «Aranha»: — «Quem anda com boas intenções, entra pela escada principal»...

O rosto do «Aranha» iluminou-se e, voltando-se para os dois, exclamou, enquanto os polícias o conduziam para o calabouço:

— Muito bem: assim mesmo é que é! Apresento-lhes as minhas felicitações. E ainda bem que assaltei a casa desta menina!

INFANTICÍDIO

BRAGANÇA, 7 — Foi presa, por denuncia, a serviçal Joana Elisa Afonso, solteira, de 42 anos, natural da freguesia de Casterelos e residente na povoação de Longomar, freguezia de Donoi, deste concelho, que, no dia 24 de Julho, deu á luz uma criança que, em seguida, matou, escondendo-a num buraco no palheiro da casa dos seus patrões. Interrogada pelos agentes da G. N. R., confessou o crime.

O «Diário de Lisboa» vende-se no SEIXAL, na casa Firmino de Oliveira Pinto.

Eduardo Queiroz ganhou em Lagos

a penúltima regata do campeonato nacional de «snipes»

LAGOS, 9. (Pelo telefone). — A penultima regata do Campeonato de Portugal de «Snipes», foi disputada com muito interesse, hoje de manhã, nesta cidade.

Pela primeira vez foi possível ao juri dar a largada á hora prevista para todas as provas da parte da manhã. Essa pontualidade, porém, surpreendeu a guns dos concorrentes, cerca de meia duzia, que não chegaram a tempo, ao local da largada.

A regata num percurso de ida e volta (duas voltas), começou com vento Noroeste moderado e mar chão. Desde os primeiros momentos houve logo luta muito animada entre os três velejadores que viriam a ser os primeiros a cortar a linha de chegada.

Os dez primeiros barcos a cruzarem a meta foram: 1.º — 10.085 com Eduardo Queirós e Jorge Arnoso (C. N. Cascais); 2.º — 11.002, com Luís e José Brites (B. N.); 3.º — 11.618 com Rolando e Helder Soares de Oliveira (B. N.); 4.º — 9552 com António de Oliveira e Armando Sacadura (C. N. L.); 5.º — 10.280 com Delgado de Almeida e Eduardo Moreira (S. A. D.); 6.º — 9029 com José Resende e Gabriel Rodrigues (C. N. L.); 7.º — 7249 com José Guerra e Sousa Pinto (C. V. A.); 8.º — 10.002 com Jaime Sacadura e António Leitão (B. N.); 9.º — 10.088 com Carlos Crespo e Simões Bento (Mare Nostrum); 10.º — 9293 com João Marinho e Jorge Afonso (M. P. do Porto).

Eduardo Queirós, o vencedor da regata, apresentou protesto contra Rolando Soares de Oliveira. Tanto um como outro são favoritos da competição, juntamente com Luís Brites. Já com menos possibilidades aparece ainda, Jaime Sacadura.

A' hora a que telefonamos, o juri está reunido para apreciar o protesto, fazendo disputar, seguidamente, á ultima regata do campeonato.

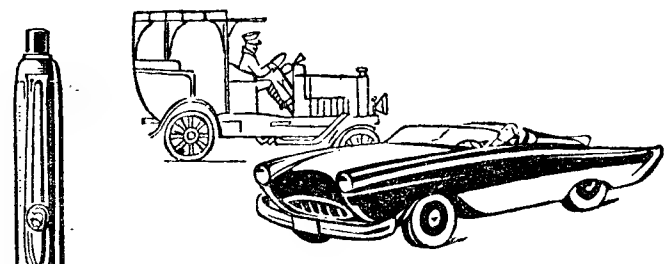
A exposição canina

começou hoje em Cascais

Durante a tarde de hoje, começaram a desfilar pelos Jardins de Castro Guimarães, em Cascais, os belos exemplares concorrentes á 9.ª Exposição Canina Internacional do Estoril, iniciativa da Sociedade «Estoril-Sol», com o patrocínio da Junta de Turismo local e a colaboração técnica do Clube de Caçadores Portugueses.

A classificação termina amanhã, com o apuramento de campeões, tambem á tarde, no cenário maravilhoso dos Jardins de Castro Guimarães, e após o sempre interessante desfile de «La Belle et la Bête», proceder-se-á á distribuição de prémios.

Amanhã á noite, no Casino Estoril, antes de «Floor-show», serão apresentados os animais que conquistarem os títulos de campeões.



Também ao escrever se nota a diferença entre ontem e hoje. STAEDTLER apresentou na Feira Industrial em Hannover de 1958 a nova esferográfica STAEDTLER-ELASTIC com 12 características inconfundíveis:

— mecanismo amortecedor (patenteado)
— escrita individual com traços finos e grossos
— própria também para estenografia
— tinta irremovível STAEDTLER
— carga giratória (60° em cada pressão no botão) diminuindo o desgaste da esfera dando maior vida à carga
— não tem molas soltas
— cintas e clip em metais inoxidáveis
— grande resistência e acabamento impecável
— forma elegante e peso equilibrado
— em diferentes cores incluindo cores da moda
— garantia
— preço acessível

Peça ainda hoje uma demonstração na sua papelaria.

Preço: Esc. 60$00 (Recargas Esc. 6$50).

STAEDTLER REPRESENTANTE: WALTER SCHMIDT ROSSIO, 93 - LISBOA - TEL. 36 68 50

Acometido de loucura lançou à rua roupas e moveis

Esta madrugada, foi acometido de loucura um indivíduo residente num quarto alugado no 3.º andar do prédio numero 121, da Rua dos Douradores. Abriu a janela e começou a lançar para a rua as roupas da cama, os colchões, a mesa de cabeceira, louças, numa palavra, enfim, tudo quanto podia apanhar á mão. O polícia de giro na rua subiu ao referido andar a verificar tão estranho caso e viu-se em verdadeiros apuros para submeter o pobre doente, tendo por fim conseguido levá-lo á sala de observações do Hospital de S. José, onde os médicos lhe deram uma injecção para o acalmar.

Como se tratava de um doente mental, foi transferido para o Hospital Julio de Matos, onde ficou internado. Segundo uma certidão de nascimento que levava num dos bolsos do fato, pôde verificar-se que se trata de Alvaro Oliveira Ventura, de 47 anos, natural de Arrifes, Ponta Delgada.

Pequenas notícias

PELOS HOSPITAIS

ATROPELADA POR UMA CARROÇA — Foi atropelada por uma carroça, próximo da sua residência, em Serpa, Maria da Consolação Pestana, de 82 anos, que sofreu fractura de uma perna e contusões pelo corpo. Deu hoje entrada na sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internada.

COLHIDA POR UM AUTOMÓVEL — Na Quinta da Figueira, em Alhandra, foi colhida por um automóvel, perto da sua residência, Vitória Santos Canhoto, de 15 anos, que sofreu fractura da clavícula e ferimentos na cabeça. Foi transportada numa ambulancia á sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou internada.

CICLISTA ATROPELADO — Quando o jornaleiro António Cheinho, de 25 anos, residente em Meledes, Grandola, segiua de bicicleta, próximo de Azeitão, foi atropelado por uma camioneta e sofreu fractura de um braço. Foi transportado á sala de observações do Hospital de S. José, onde ficou em tratamento.

FESTAS ASSOCIATIVAS

Amanhã, pelas 16 horas, na Sociedade Guilherme Cossoul, efectuar-se-á uma «matinée» dançante, abrilhantada pelo conjunto «Vera Cruz». A' noite, ás 22 horas, haverá um baile com a presença do mesmo conjunto.

EMISSÕES RADIOFONICAS

Na Rádio Renascença dá na próxima segunda-feira, ás 21 e 30, um recital de poesias do seu novo livro «Aqueles beijos», a poetisa Lígia Esaguy.

DE LUTO

D. Adélia Sofia Martins

Na sua residência, Rua do Norte, n.º 50, 1.º, esq., faleceu a sr.ª D. Adélia Sofia Martins, de 78 anos, esposa do sr. António Martins (Antoninho da Bica), funcionário aposentado da C. P., avó da sr.ª D. Maria Lubélia Madeira Fernandes e sogra do sr. Adolfo Madeira, tipógrafo do nosso jornal.

O funeral realiza-se amanhã, ás 15 horas, saindo da igreja da Encarnação para o cemitério do Lumiar.

D. Albertina Quaresma David

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 9. — Faleceu a sr.ª D. Albertina Quaresma David, viuva, de 76, natural desta vila. Era mãe da sr.ª D. Amália David dos Reis Barata e dos srs. Jacinto David dos Reis, José David dos Reis, Alfredo David dos Reis e Abílio David dos Reis.

SUFRÁGIOS

Artur Marques Martins

Mandada rezar por sua mulher, celebra-se amanhã ás 12 horas na igreja da Encarnação, missa do 1.º aniversário sufragando a alma de Artur Marques Martins.

Leiam o jornal humoristico «SEMPRE FIXE»

O novo Presidente da República

A esposa do Chefe do Estado, na tribuna donde assistiu a cerimónia da investidura de seu marido, na companhia de suas filhas e das esposas dalguns membros do Governo

(Continuação da página central)

ou de nome a conheciam, quanto a amavam familiares e amigos e os que da sua bondade receberam amparo e benefícios, viu-se bem no transe doloroso por que, há tão pouco ainda, passou o Senhor Presidente Craveiro Lopes.

Meus Senhores! A obra do Governo, nos trinta e dois anos de vigência da Revolução Nacional, alcançou aos olhos dos Portugueses um tal relevo e, no estrangeiro, uma tal projecção, que negá-la é negar a mesma evidência. Mas seria igualmente errado admitir que tudo está feito e perfeito, que a obra não é susceptível de ser modificada, corrigida e ampliada.

A estruturação do Corporativismo e a sua organização ou, quando necessário, reorganização, devem acompanhar-se de uma ampla campanha formativa que instrua nos problemas e nas realidades da vida portuguesa sectores cada vez mais amplos da população. Além disso, convém que todas as actividades se integrem, activa, e não passivamente, no sistema corporativo, de modo que as organizações patronais e sindicais recebam um sangue novo pela participação consciente e interessada dos seus membros.

No campo económico, tem sido proclamada a necessidade de uma distribuição mais equitativa da riqueza e a urgência de incentivar a melhoria do nível económico geral da população. Neste capítulo, muito há a esperar do próximo Plano de Fomento.

E que dizer da obra educativa? Muito se tem feito, desde que o Estado Novo veio encontrar no País uma elevada percentagem de analfabetos e se dispôs a resolver os problemas da educação das massas. Muito se tem feito — escolas, laboratórios, institutos —, mas resta fazer muito mais ainda. Há que aproveitar todo o cabedal disponível de inteligência, força de vontade e hábitos de trabalho da gente de Portugal, interessando homens e mulheres de todas as condições sociais, em grandes iniciativas de aperfeiçoamento profissional, de educação moral e cívica, de formação política, dentro de um quadro de espiritualidade marcadamente portuguesa. Há que continuar a luta contra o analfabetismo até não haver um só analfabeto (e este objectivo foi alcançado nas gerações actuais), mas importa não menos facilitar o acesso aos graus superiores da cultura a quantos mereçam lá chegar. Nem deve a escola, em sua actividade, limitar-se á pesquisa e transmissão da ciência. Temos de, acima de tudo, formar Portugueses de espírito aberto ás questões da Pátria, na metrópole e no ultramar, homens e mulheres, não só de grande competência profissional, como ainda conhecedores dos problemas fundamentais do seu tempo e defensores aptos da integridade da Nação contra as manobras dissolventes dos que, comandados de fora, pretendem arruiná-la.

E sobretudo há que chamar ás grandes tarefas do Portugal maior a juventude dos nossos dias. Ela é generosa, dedicada, leal aos que a ouvem, animam e orientam apenas com o interesse do bem comum. Não deixemos que falsos profetas a transviem!

Se a organização nacional da juventude se mostra inadequada ás realidades presentes, é preciso modificá-la ou substituí-la por outra mais capaz. Não abandonemos a juventude! Façamos dos seus cuidados os nossos cuidados, dos seus anseios a nossa preocupação, e das suas vitórias na Cultura, na Arte, no Desporto, a nossa melhor esperança!

Dêmos-lhe mais professores, educadores em maior numero, guias de provada dedicação — dêmos-lhe tudo o que tivermos de mais valioso e preparemo-la para as tarefas do amanhã, abrindo-lhe, como diz um hino juvenil, «caminhos não andados que esperam por alguém».

Se os anos de ordem construtiva e de vida nacional em clima de despreocupação, impedem os jovens de hoje, como todos os que têm menos de quarenta anos, de conceber sequer o que foram os dias calamitosos do cativeiro da Pátria, arrastada ao abismo das dissensões internas, se a tranquilidade sempre igual dos dias calmos e laboriosos pode gerar em alguns o desejo de aventuras convém encontrar o ideal comum que galvanize os jovens de hoje, orientar num sentido nacional as energias que se desprendem, conjugar as forças que só podem um ponto de aplicação. Não é a mim que compete indicar esse objectivo transcendente, mas os responsáveis saberão desvendá-lo aos olhos ansiosos dos rapazes e raparigas de Portugal.

Somos, aliás, uma nação jovem. Os trinta e dois anos da presença de Salazar á frente do País, imprimiram á fisionomia da velha Pátria Lusitana um aspecto remoçado e novo, nos grandes edifícios publicos, nos campos de jogos, nas barragens, nas pontes, nas construções do Estado e dos particulares, que por toda a parte se erguem da paisagem variada, e nos monumentos de outrora restituidos a sua dignidade histórica. O Governo de Salazar — dizia eu — conferiu a Portugal um ar de juventude que os estrangeiros mais do que ninguém logo reconhecem, uma vez entradas as nossas fronteiras.

Quanto a Nação deve ao Senhor Presidente do Conselho, não saberia eu dizê-lo aqui, e não o sabe inteiramente não pode alguem sabê-lo, em verdade. Manifestando-lhe o nosso reconhecimento, não apenas com a gratidão mais sentida, que os impulsos do coração, mesmo os mais nobres, algum dia esmorecem, mas principalmente com o estudo, explicação e divulgação da sua obra doutrinária. E de posse dela, apliquemo-la!

E' da fidelidade aos princípios que têm norteado o ressurgimento português garantia sólida, penhor de que a revolução continuará, o Presidente eleito da Republica Portuguesa, Senhor contra-almirante Américo Deus Rodrigues Tomás. Homem do mar e, portanto, na linha atávica de uma das mais características vocações nacionais, estadista eficiente, cuja obra de renovação da Marinha portuguesa, a da guerra e a de paz, tem prestigiado largamente o País, cidadão prestante que na desafectada simplicidade das suas atitudes há muito granjeou fama de bom, honesto e probo, o almirante Américo Tomás é o símbolo da unidade de todos os Portugueses. Ninguém mais do que ele teve a preocupação de salvaguardar essa unidade, na campanha eleitoral antecedente ao sufrágio concorridíssimo em que os seus compatriotas, por maioria impressionante, o ergueram á Suprema Magistratura da Nação.

Realizador notável, estudioso diligente e distinto investigador, o novo Presidente da Republica reune qualidades e aptidões que poucas vezes se encontram juntas no mesmo estadista. Eis por que a Nação olha confiante os anos que irão seguir-se (e Deus os torne muitos e felizes!) da presidência do Senhor contra-almirante Américo Tomás, a bem de Portugal».

A mensagem presidencial

Quando o professor Costa Rámalho terminou o seu discurso, houve uma prolongada salva de palmas que se repetiu, intensa e demoradamente, ao levantar-se o Chefe do Estado, para ler a sua mensagem que noutro lugar publicamos.

Quando o Chefe do Estado terminou a leitura do importante documento, toda a assistência se levantou, ouvindo-se outra entusiástica salva de palmas que se prolongou durante alguns segundos.

Em seguida, foi encerrada a sessão, retirando-se da sala o sr. Presidente da Republica, acompanhado pelas entidades que haviam tomado parte no cortejo. E, nos Passos Perdidos, novamente se ouviu «A Portuguesa».

Eram 11 e 20.

O povo aclamou o Chefe do Estado

O cortejo dirigiu-se á Sala Dourada, onde o Chefe do Estado recebeu cumprimentos do Governo, do cardeal-patriarca, dos deputados e dos procuradores. Todas estas individualidades, conforme iam decorrendo os cumprimentos, passavam ao Salão Nobre do Palácio tomando lugar nos sectores que lhes estavam destinados, bem como ao corpo diplomático.

Findos os cumprimentos o cortejo seguiu para o salão nobre de onde o Chefe do Estado assomou á varanda para receber cumprimentos do povo que se aglomerava defronte do Palácio.

Depois da cerimónia da investidura, o sr. Presidente da Republica retoma o automóvel, á saída no Palácio de S. Bento, para regressar a Belém

Eram 11 e 40 quando o sr. contra-almirante Américo Tomás apareceu em publico, entre os presidentes da Assembleia Nacional e da Camara Corporativa.

Ouviram-se muitas palmas e vivas da multidão que durante mais de hora e meia esperara, á torreira do sol, enquanto se agitavam milhares de bandeirinhas verde-rubras.

O Chefe do Estado acenou com o chapéu armado, enquanto os populares gritavam:

— Viva o almirante Américo Tomás. Viva o sr. Presidente da Republica!

Segundos depois, sempre muito aclamado, o primeiro magistrado retirou-se; e ás 11 e 45 saiu do palácio, acompanhado pelos presidentes das duas Camaras, pelas suas delegações e por outras entidades.

A guarda, postada no átrio, apresentou armas. Ouviram-se mais palmas. E depois de, no alto da escadaria, ouvir, em sentido, prestando continência, o hino nacional tomou lugar, entre vivas, no automóvel que o ia conduzir a Belém, com o chefe da sua Casa Militar. Este era precedido pelo carro com o oficial ás ordens e o ajudante de campo, e seguido pelo «jeep» do governador militar de Lisboa, sendo escoltado pelo Regimento de Cavalaria da G. N. R., cuja charanga executou uma marcha.

O regresso do Chefe do Estado ao Palácio de Belém

No regresso a Belém, o cortejo presidencial percorreu o mesmo itinerário, ao longo do qual se encontravam ainda postadas as forças militares, que, desde manhã, formavam em todo o percurso.

Entretanto, na Praça Afonso de Albuquerque, no passeio fronteiro ao Palácio, concentraram-se algumas centenas de pessoas, que aguardavam a chegada do sr. almirante Américo Tomás, já investido na mais alta magistratura da Nação.

Antes do meio-dia, já ali se encontravam alunos das escolas primárias da área, filiados da Mocidade Portuguesa, alguns escuteiros marítimos e um grupo de alunos da Casa Pia, com a respectiva banda de musica, a qual, juntamente com a banda da Carris, que também se encontrava presente, executou várias marchas militares. No local procedia-se á distribuição de pequenas bandeiras nacionais, de papel, e fotografias do novo Presidente. Eram, precisamente, 12 e 25 quando chegou o cortejo presidencial.

Vinte e quatro aviões de jacto riscávam o céu. Para os lados do Tejo, ouviu-se o estrondo de um morteiro, a que se seguiram mais vinte, e uma prolongada girandola de foguetes. No passeio do Palácio, uma companhia do Batalhão n.º 2 da G. N. R., postada entre o portão e o Museu dos Coches, apresentou armas. As pessoas que assistiam nos passeios, bateram palmas e soltaram vivas.

O carro onde vinha o sr. almirante Américo Tomás subiu a rampa que leva ao Pátio dos Bichos, onde o Chefe do Estado se apeou. Acompanhado pelos membros das suas casas Civil e Militar, o novo Presidente da Republica atravessou, depois, a Sala das Bicas, onde estavam soldados da G. N. R. em grande uniforme, a Sala Dourada, o Salão Império e o Salão Luís XV. Aqui, o sr. almirante Américo Tomás conservou-se alguns minutos a conversar com as pessoas que o acompanhavam. Os «reporteres» fotográficos, beneficiando da maneira gentil como a Imprensa foi tratada, começaram a disparar as suas máquinas.

Cinco minutos depois de ter chegado, o sr. Presidente da Republica atravessou o Jardim dos Buchos, para ir ao terraço agradecer as manifestações dos populares concentrados em frente do palácio. Quando o sr. almirante, Américo Tomás apareceu, foi-lhe tributada uma grande salva de palmas, a que o novo Presidente respondeu com um sorriso, onde não era possível esconder uma pontinha de emoção, e acenando repetidas vezes com o seu chapeu armado.

Ao mesmo tempo as bandas que se encontravam na Praça, executaram o Hino Nacional, entoado por algumas vozes.

O Presidente acenou uma ultima vez para quem o aclamava e regressou ao Salão Luís XV, onde de novo se deixou fotografar, na companhia dos componentes das suas casas Civil e Militar, com os quais, a seguir, almoçou. Neste almoço, de carácter intimo, participaram também os oficiais que comandaram as guardas de honra em S. Bento e em Belém, e ainda, ao automóvel presidencial durante todo o percurso, bem como o sr. general Valente de Carvalho, comandante das forças em parada.

Foi esta a primeira refeição do sr. almirante Américo Tomás no Palácio de Belém, como Presidente da Republica Portuguesa.

De Belém para Cascais

A' hora do nosso jornal começar a circular, o Presidente da Republica deixa o Palácio de Belém, em direcção a Cascais, onde vai instalar-se na sua residência particular. Está previsto que o automóvel do sr. almirante Américo Tomás seja acompanhado, durante todo o percurso, por um extenso cortejo de automóveis.

Em Cascais, onde as ruas estão engalanadas e está instalada uma festiva iluminação nas principais ruas e edificios, o Presidente da Republica será recebido e saudado nos Paços do Concelho.

Diz «O Mundo Português»

(Continuação da 3.ª página)

sem paragens, afirmando-se um dos mais leais e realizadores elementos do Governo presidido pelo prof. Oliveira Salazar. Foi mesmo a sua acção magnífica, constante, digna de aplausos, que lhe impôs o nome á consideração da União Nacional, surgindo então o seu nome como candidato oficial, para, afinal, ser vitorioso no movimentado pleito de Junho deste ano.

«Cercado, pois, da mais respeitosa consideração do seu povo, o ilustre marinheiro assumirá o posto entre palmas, festas de magnificente brilho e, ainda, entre as demonstrações inequívocas de confiança que bem merece pelo seu passado de homem publico, de militar íntegro, de exemplar chefe de família.

«Sai, pois, do palácio de Belém, um soldado equilibrado, digno, de formação democrática. E, em substituição, entrará um grande marinheiro com iguais atributos, pronto a servir, com o mesmo calor e sinceridade, a gloriosa e grande nação que é Portugal».—(A. N. I.).

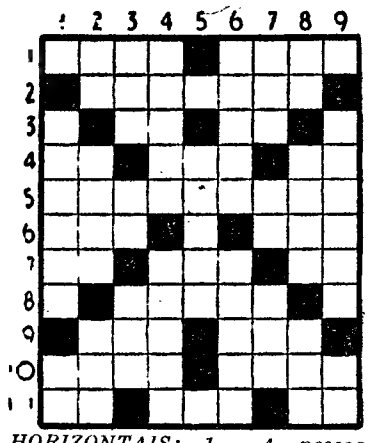
CAMISAS PARA HOMEM
CONSERTOS, TRANSFORMAÇÕES E ARRANJOS — SERVIÇO RÁPIDO E PERFEITO — PESSOAL ESPECIALIZADO
Rua Arco Marquês do Alegrete, 50, 1.º (Junto ao Rossio)
Telefone 862402

NEBITYPE
NOVIDADE RETUMBANTE DE 1958
Tituleira para todos os jornais e para todas as tipografias, em linhas de 60 quadratins e para toda a espécie de matrizes.
STAG — SOCIEDADE TÉCNICA DE ARTES GRÁFICAS, LDA.
Rua D. João V, N.º 7, 1.º Dt.º — Telefones: PBX 684141 — LISBOA

DIARIO DE LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1325



HORIZONTAIS: 1 — A pessoa que. Mamífero desdentado, espécie de tatu. 2 — Dareis mios. 3 — Nota musical. Oferece. 4 — Preposição. Recusa. Vê. 5 — Fizessem enjoar. 6 — A favor de. Data célebre. 7 — Nota musical. Igual. Nesse lugar. 8 — Animais ferozes. 9 — Prefixo que indica ar. Falsas. 10 — Gera. Fileiras. 11 — Preposição e artigo. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Agueda. Comparecia.

VERTICAIS: 1 — Em todos os tempos. Entre nós. 2 — Algum Oportunidade. Cincho. 3 — Aqui está. Letra grega. Norma. 4 — Um dos Estados da América. Possuirão. 5 — Jarro (planta). 6 — Poetas entre os Gregos. Conduções de presos. 7 — Misericordiosa. Pronome reflexo. Chiste. 8 — Artigo definido. Real. Parti. 9 — Em excesso. Apelido.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 1324

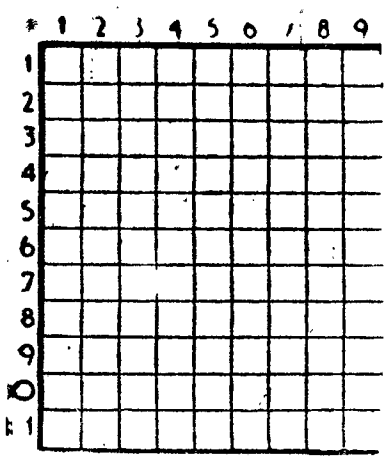
HORIZONTAIS: 1 — CADA QUAL. 2 — Are. Moi. 3 — Lá. Rua. Sá. 4 — FOLGA. 5 — Usos. Arda. 6 — El. Ai. 7 — Luar. Arai. 8 — Resma. 9 — Sr. São. Tu. 10 — COM. Dea. 11 — Ares. Saul.

VERTICAIS: 1 — Calou. Lasca. 2 — Ara. SEU. Ror. 3 — De. Folar. Me. 4 — Rós. Res. 5 — Sul. Sãs. 6 — Agá. Amo. 7 — Um. Arara. Da. 8 — Aos. Dia. Teu. 9 — Liaça. IGUAL.

Provérbio: CADA QUAL FOLGA COM SEU IGUAL.

NOVA MODALIDADE

Problema n.º 3415



HORIZONTAIS: 1 — Cada uma das cinco grandes divisões da esfera terrestre determinadas pelos trópicos e pelos círculos polares. Rio afluente do Tejo. 2 — Data célebre. Cantiga. 3 — Uma das mais florescentes nações do Mundo. 4 — Ora. 5 — Cozinhei. Compareceréi. 6 — Artigo definido. Ponta acerada. Certo. 7 — Azeda. 8 — Furara em muitos pontos. 9 — Livro de versos de António Nobre. Preposição e artigo (pl.) Em a. 10 — Nome de mulher. Amarra. 11 — Pouco denso. Levantar.

VERTICAIS: 1 — Nome de uma letra. Vazias. Ente. 2 — Mas. Artigo definido. Sinal gráfico. 3 — Oração que os turcos repetem obrigatóriamente cinco vezes ao dia. Céu. O mais. 4 — Do Egipto. 5 — Eiró. Vozes dos lobos. 6 — Abrilhantadas. 7 — Levantar. Paralisia. Antes de Cristo. 8 — Filtra. Pronome pessoal. Rangifer. 9 — Em partes iguais. Rio do Norte de Portugal. Rio da Suíça, no cantão de Berne.

Solução do problema n.º 3414

HORIZONTAIS: 1 — Ocorrer. 2 — Arais. 3 — Ao. Asa. AC. 4 — Rim. Ora. 5 — Sã. Par. Al. 6 — Faial. 7 — Lais. Sara. 8 — Hão. Rir. 9 — El. Céu. Si. 10 — Irene. 11 — Atremaram.

VERTICAIS: 1 — Marselhesa. 2 — Oiã. Aal. 3 — Cã. Fio. Ir. 4 — Ora. Pás. Crê. 5 — Rasgai. Vêm. 6 — Ria. Rás. Una. 7 — E's. Lar. Er. 8 — Ara. Ris. 9 — Acalmariam.

O TEMPO QUE FAZ

Informação do Serviço Meteorológico Nacional

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco e o céu estava pouco nublado, excepto no litoral Oeste onde estava muito nublado, e havia nevoeiros a Norte do Cabo Carvoeiro por acção de uma massa de ar transportada na circulação de um anticiclone centrado a Sul dos Açores.

Temperaturas ás 9 horas: Porto, 15°; Lisboa, 18°; Penhas Douradas e Funchal, 21°; Faro, 22° e Portalegre, 23°.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — *A Norte do rio Tejo* — Céu pouco nublado, por vezes muito nublado. Nevoeiros matinais no litoral ocidental a Norte do Cabo Carvoeiro e nos vales

A Sul do rio Tejo — Ceu muito nublado, vento fraco a moderado de Oes-Noroeste. Pequena descida de temperatura.

ÀS DE RADIO

EMISSORA: A's 18: Noticiário e danças; 18 e 40: Trechos de operetas; 19: Desdobramento; 21: Noticiário; 21 e 15: Desdobramento; 23 e 45: Noticiário, boletim meteorológico e fecho.

Programa «A» — A's 19: Emissão infantil; 19 e 30: Trechos em piano; 19 e 45: Aguarela brasileira; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: Musica ligeira sinfónica; 20 e 30: Que quer ouvir? 21: Junção dos emissores; 21 e 15: Trechos em viola espanhola; 21 e 30: Comentário politico; 21 e 45: Serão para soldados. No intervalo: Vozes do Mundo; 23 e 30: Danças; 23 e 45: Junção dos emissores.

Programa «B» — A's 19: Aspectos da musica moderna; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto de camara: «Trio n.º2, em dó menor op. 66», de Mendelssohn; 20 e 30: «A Vida de Vítor Hugo», por Maria de Carvalho; 20 e 40: Continuação do concerto de camara: «Sonata n.º 10, em sol maior, op. 14, n.º 2», de Beethoven; 21: Junção dos emissores; 21 e 15: 2.º acto da ópera «Julio César», de Handel; 21 e 45: Quinzena literária; 22 e 15: «Concerto op. 66», para violoncelo e orquestra, de Miaskowsky; 22 e 45: Que quer ouvir?: «Egmont», de Beethoven; «Concerto n.º 1, em mi menor op 11», de Chopin, para piano e orquestra; «Mazeppa», poema sinfónico de Liszt; 23 e 45: Junção dos emissores.

RADIO CLUBE — A's 17 e 30: Variedades; 18: Ritmos de baile; 18 e 30: Motivos portugueses; 19: Quer um conselho? 19 e 15: Aurélio Fiero; 20 e 15: Apontamento do dia; 20 e 20: Solistas; 20 e 30: Onda desportiva; 21: Imagens por musica; 21 e 30: Língua portuguesa; 21 e 45: Brasil; 22: Política ultramarina; 22 e 10: Trechos recreativos; 22 e 30: Cultura espanhola; 22 e 45: Cançonetas; 23: Concerto; 23 e 30: Ritmos de baile do Casino Estoril; 23 e 45: Agenda; 23 e 50: Conjuntos; 0 e 30: Noticiário; 0 e 40: Ritmos de baile.

Estação de Miramar — A's 18: Ritmos de baile; 18 e 45: Cançonetas; 19: Palestra de língua portuguesa; 19 e 15: Motivos portugueses; 19 e 30: Isto é Portugal; 20: Boletim informativo; 20 e 10: Conjuntos vocais e instrumentais; 20 e 30: Vida desportiva; 21: Noticiário; 21 e 15: Canta Roberto Murolo; 21 e 30: Orquestras ligeiras; 22: Programa para a mulher; 22 e 5: Brasil; 22 e 30: Conjuntos instrumentais; 22 e 45: Melodias; 23: Trechos da opereta «Negócio de Pijamas»; 23 e 30: Artistas portugueses; 0: Ritmos de baile.

RADIO RENASCENÇA — A's 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 25: Boletim do S. C. R.; 19 e 30: França horizonte do Mundo; 19 e 45: Solos de órgão; 20: Musica para o seu jantar; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21 e 5: As ultimas novidades; 21 e 30: Ecos de Espanha; 21 e 50: Melodias; 22: No reino das musas; 22 e 20: Composições escolhidas; 22 e 45: Noticiário; 22 e 57: Boletim religioso; 23: Serão familiar.

POSTOS CENTRALIZADOS — Das 14 e 30 ás 19 e 30: Rádio Peninsular; 19 e 30 ás 22: Voz de Lisboa; 22 á 1: Club Radiofónico de Portugal.

HA TRINTA ANOS

«A Casa Aillaud iniciou a publicação de uma «História Ilustrada da Literatura Portuguesa» que o nome de Albino Forjaz de Sampaio dirige—anunciava o Diário de Lisboa» em 9 de Agosto de 1928, acrescentando: «O dr José Maria Rodrigues prepara para a História uma vida de Camões; Ricardo Jorge dar-lhe-á famosissima página sobre Camilo; e Julio Dantas traçará, com o vigor da sua prosa, a vida de Garrett Malheiro Dias dirá da Arcádia Brasileira; João Lucio de Azevedo do Padre António Vieira; Brito Camacho falará de Latino Coelho; Gualdino Gomes, de Fialho; Queirós Veloso, de Gil Vicente, etc.».

DO DIA

EDEN — «Quando nasce o amor».
POLITEAMA — «A selva na alta costura».
TIVOLI — «Postal de Paris».
SÃO LUIS — «O homem do revólver silencioso».
SÃO JORGE — «Asas rebeldes».
IMPÉRIO — «Prenda de anos».
ALVALADE — «Perfume e violência».
MONUMENTAL — «Noite candente».
ROMA — «O homem esquecido».
ODEON—«O dinheiro não e tudo».
AVIS — «O estudante mendigo».
CONDES — «Querido assassino».
RESTELO—«A águia voa ao Sol».
CAPITOLIO—«O escorpião negro».
COLISEU — «Fátima, terra de fé».

SEMANA DO CONTRIBUINTE

AGENDA

CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS — Estão a pagamento durante o corrente mês, com juros da mora, os seguintes:

Contribuição Industrial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Contribuição Predial. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestação dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional — Liberais e Assalariados. — A segunda prestação dos conhecimentos divididos em duas; a segunda, terceira e quarta prestações dos divididos em quatro; a terceira dos divididos em quatro na hipótese de ter sido paga a segunda.

Imposto Profissional — Empregados. — A segunda prestação semestral.

Imposto Complementar. — Todo o imposto se a importancia liquidada foi inferior a dois mil escudos, ou a primeira prestação quando de quantia igual ou superior a esta importancia.

TAXA MILITAR. — A anuidade do ano de 1958 que não foi paga até ao fim do mês de Maio p. p., com taxa simples, isto é, de sessenta escudos, pode ser paga este mês e até ao fim do corrente ano com a taxa elevada ao dobro posto o que relaxará, sendo, então, paga com custas e selos do processo.

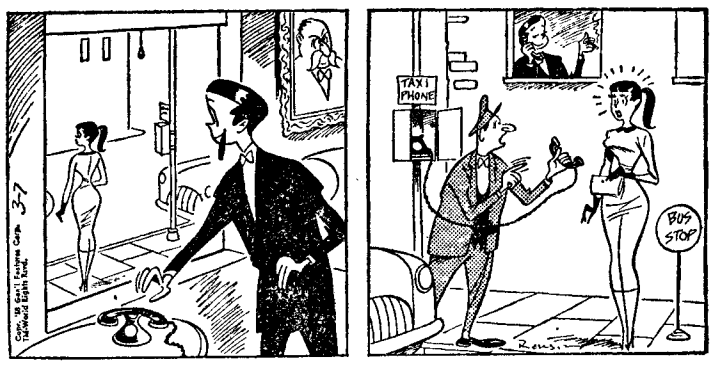
IMPOSTO COMPLEMENTAR. — Reclamações e recursos. — Contra o lançamento e liquidação deste imposto podem os contribuintes reclamar e recorrer nos termos e prazos estabelecidos no decreto n.º 16.733, de 13 de Abril de 1929 e legislação complementar subsequente.

As reclamações serão apresentadas nas secções de finanças liquidadoras do imposto, no prazo de noventa dias a contar do dia imediato, inclusive, ao da abertura dos cofres para a cobrança do imposto, terminando no corrente ano o prazo no dia 29 de Setembro.

IMPOSTO DE INCÊNDIOS. — O lançamento deste imposto camarário, referente aos prédios urbanos, esteve patente ao exame dos interessados até ao dia 8 do corrente mês de Agosto, podendo ser reclamado administrativamente, isto é, verbalmente, até esta data, mediante demonstração do erro praticado e a rectificar. Expirado este prazo as reclamações só poderão ser feitas por via contenciosa nos termos do artigo 732.º do Código Administrativo.

Pagamento. — O pagamento deste imposto é feito durante o mês de Agosto corrente, podendo, todavia ser também pago nos sessenta dias seguintes, com juros da mora. Terminado este ultimo prazo a cobrança é feita coercivamente.

ELE & ELA



O invencível

NUMISMÁTICA

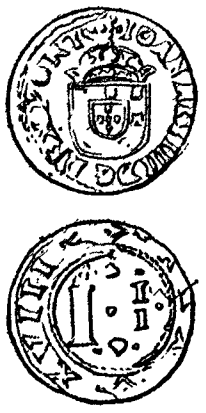
N.º 25 — «Diário de Lisboa»

MOEDAS DE D. JOÃO IV

O Restaurador (1640-1656)
Trineto de D. Manuel I;
pai de D. Afonso VI e de D. Pedro II

Um (?) real — cobre

Portugal Continental



(Gravuras do «Catálogo» de Ferraro Vaz — Lisboa)

Ordem de 24-3-1645.
Peso (aproximado): 3,8 gramas.
Diametro (aproximado): 25 milimetros.

Cotação aproximada

Sem data; má, 22$00; regular, 55$00; boa, 77$00: raridade, 878 (?).

Notas

I

Em vista da fracção 1/1 ser desnecessária adiante do numero 1 para exprimir apenas UM REAL, subsistem duvidas acerca do exacto valor desta moeda.

II

Nas moedas de D. João IV há variedades no diametro, no peso, nas legendas e nas particularidades do desenho (escudos, coroas, numeros, etc.).

Reuniões filatélico-numismáticas da F. N. A. T.

Estas reuniões, que costumam efectuar-se ás segundas-feiras á noite, serão interrompidas, por motivo de férias, desde 15 de Agosto a 15 de Setembro.

JOSÉ DA COSTA MOREIRA

Feiras e romarias

Festas em Vouzela

Estão a decorrer e terminam no próximo dia 11 as tradicionais Festas do Castelo, em Vouzela. As festividades incluem exibição de bandas de musica, de ranchos folclóricos, festejos pirotécnicos, etc.

Em Coruche

Começaram no dia 6 e prolongam-se até 17, as festas em honra de Nossa Senhora do Castelo, em Coruche, festividades tipicamente ribatejanas, que têm atraido muitos forasteiros á simpática vila do Sorraia. O ultimo dia destes festejos é dedicado ao campino do Ribatejo, e compreende uma importante largada de touros.

Em Arruda dos Vinhos

Começaram no dia 6 e prolongam-se até 16, os festejos que Arruda dos Vinhos organizou em homenagem á sua padroeira, Nossa Senhora da Salvação.

Esta festa secular inclui, além de todos os numeros habituais nestas festividades, um concerto pela banda da Sociedade Filarmónica Palmelense (Os Loureiros).

A batalha de Aljubarrota

No próximo dia 14 efectuam-se, na Batalha, os festejos comemorativos da Batalha de Aljubarrota, continuando esta vila em festa nos dias. 15, 16 e 17, com a sua feira anual e grandiosos festejos populares.

TELEVISÃO

Hoje, ás 21, abertura da emissão; 21 e 2, noticiário do País e do estrangeiro; 21 e 10, «Morte e Ressurreição em Alvito»; 21 e 25, «Music-Hall»; 21 e 45, jornal de actualidades internacionais; 22, «O Desporto no Mundo»; 22 e 15, «Café Concerto»; 23, actualidades nacionais e ultimas notícias; 23 e 10, «Na rua e na estrada»; 23 e 25, «A XXI Volta a Portugal em Bicicleta»; 23 e 40, fecho da emissão.

EFEMERIDES

No dia 9 de Agosto de 1945 foi lançada sobre Nagasaki a segunda bomba atómica depois da de Hiroshima, em 6 de Agôsto.

FARMACIAS DE SERVIÇO

TURNO C — União — Estrada de Benfica, 592-594, Tel. 780092; Vitex—Estrada de Benfica, 373-B, Tel. 780548; Curie—Avenida Madame Curie, 15-A, Tel. 778439; Leal de Matos—Rua Neves Costa 33-35, Carnide Tel. 780181; Laranjeiras (Das)—Rua Filipe da Mata 160-162 Tel. 761035; Central do Lumiar. 77. Tel 779480; Brasil—Avenida Rio de Janeiro. 66-66-A. Tel. 722368; Sanex—Avenida da Igreja, 31-C. Tel 776905; Belmar—Avenida de Roma 53-A. Tel. 776314. Algarve — Avenida de Roma. 7-B, Tel. 777478; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega 5-A-B, á Praça do Areeiro. Tel. 727300; Onilda—Avenida João XXI. 13-A, Tel. 726848; Campo Pequeno (Do) Avenida da Republica 58-D-E. Tel. 771661, Vale—Avenida Marquês de Tomar. 45-49. Tel. 773043; Universal—Rua Actor Taborda. 5-7. Tel. 44158—A— Novais—Avenida Luis Bivar. 11-13. Tel 44324. Ascenso—Rua 27 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia. 19, Tel. 389237; Conceição—Calçada D Gastão 30-32. Tel 381279; Pereira. Suc — R. do Paraiso. 98-100. Tel. 863224; Silva—Calçada de Santo André, 16 Tel. 862074; Branquinho—Rua dos Sapadores. 87 Tel. 842725; Luzmar — Rua 2. 16. Bairro de Santa Engrácia. Tel. 728395. Iberia —Rua Barão de Sabrosa. 235-A. á Alameda. Tel. 728277; Bastos — R Morais Soares. 91-D Tel. 844350; Castro—Avenida Almirante Reis, 76-A-B. Tel. 44373; Peninsular — Campo dos Mártires da Pátria, 117-118. Tel. 53308; Vicente de Jesus — Largo do Rato. 3-C-D Tel. 681947; Salutar — Rua B. 75-A-B, Bairro da Liberdade. Tel. 683694; Júdice de Oliveira—Rua de Campolide. 54-A. Tel 684424; Pinheiro —Rua de Campo de Ourique 131-133. Tel. 663640; Janeiro—Avenida Alvares Cabral. 100. ao lado do Liceu Pedro Nunes Tel. 661453; Tagus—Praceta Possidónio da Silva. lote 3. Tel. 669485; Ocidental—Rua D Jerónimo Osório. JPM. 3, Tel. 610256; Gomes. Suc. (Gonçalves)—Rua da Junqueira. 326 Tel. 638193; Costa—Rua dos Lusiadas, 32 Tel. 636704; A César — Rua Prior do Crato. 74. Tel 660187; Guerreiro da Costa—Rua das Janelas Verdes 90. Tel 662327 Mota Capitão—Rua de S. Félix. 45-A-B, Tel 660720; Fénix—Rua da Cruz dos Polais. 52. Tel. 21031; Sanitas —Praça Luis de Camões. 24. Tel. 22798— A — Liberal—Avenida da Liberdade 217-219 Telef. 43641; Ferrão—Rua da Mouraria. 12. Tel. 860464; Portugal — Rua Augusta, 216-218 Tel. 22073 — A —

Remington

DESHUMIDIFICADORES DE AR

SOC. COMERCIAL MATTOS TAVARES, LDA.
R. dos Sapateiros, 39-2.º - Lisboa - Telef - 31101

A imprevista reconciliação

entre Nasser e Ibn Saud pode estancar no Médio Oriente as fontes do petróleo americano

BEIRUTE, 9. — A opinião publica, nos Estados árabes e muçulmanos, ficou muito impressionada com a reconciliação, rápida e imprevista, entre o presidente Nasser e o rei Ibn Saud. Bastaram 36 horas ao general Abdel Hakim Amer, comandante-chefe das tropas da R. A. U., para conseguir que recomeçassem as conversações entre o Egipto e a Arábia Saudita. Enquanto o general prosseguia na sua viagem para Damasco, o xeque Yussef Yassine, vice presidente do Conselho da Arábia Saudita, seguia para o Cairo, a fim de continuar o estudo de uma colaboração, no plano político árabe e internacional, entre Nasser e Ibn Saud.

Basta abrir o processo, fechado há três semanas apenas, dos agravos da Republica Arabe Unida contra a Arábia Saudita, para logo ali encontrar o objectivo das próximas negociações. O presidente Nasser censurava e atacava a «coligação do Governo saudita com a politica americana», com o pretexto falacioso — dizia Nasser — de protecção do Médio Oriente contra hipotética agressão comunista. O presidente Nasser pedia a anulação do acordo estabelecido entre a Arábia Saudita e os Estados Unidos para a utilização da base de Dharan, no Golfo Pérsico, pela Aviação americana. Atacava os dirigentes sauditas pela sua luta estéril contra a modernização das instituições e pela sua resistência ao movimento nacional árabe, aclamado pelo seu próprio povo.

Se Nasser conseguir induzir a Arábia Saudita a entrar numa unificação de política com a Republica Arabe Unida, apoderar-se-á de todas as fontes importantes dos petróleos americanos. Não lhe será muito trabalhoso dominar os principados do Golfo Pérsico, como Koweit, Bahrein, Qatar e Oman, já muito minados pela propaganda do Cairo. E, de qualquer modo, tornará impossível a formação da federação autónoma dos Estados do Golfo Pérsico, tal como, desde já, condena ao malogro o projecto britanico de federação dos principados e emiratos do Sul da Arábia.

O sultão de Mascate e de Oman esteve em Londres há dias, e obteve do Governo britanico um aumento de auxílio militar. O emir de Qatar recebeu, ontem, convite para também ir a Londres. Este emir de Qatar «vale» 50 milhões de barris de petróleo por ano, e pode vir a «valer» 100 milhões de barris para as refinarias britanicas. Mas Londres jogou a cartada tarde demais.

Com efeito, o emir de Qatar esteve, por duas vezes, no Cairo, no ano passado, em demoradas estadias, e está decididamente a favor da causa de Nasser, como o está hoje, também, o sultão Ali Abdul Karim, de Lahej. Deposto pelos britanicos e proibido de ter residência no seu Estado, o mais importante dos principados do Sul da Arábia, o ex-sultão de Lahej foi recebido na capital egípcia com as honras devidas aos soberanos; e está a preparar, de acordo com as autoridades do Cairo e do Yemen, uma próxima ofensiva contra o Protectorado de Aden.

Tantos êxitos sucessivos, tantas vitorias diplomáticas fazem voltar-se para o Cairo, no momento em que se reune a Assembleia Geral das Nações Unidas, os olhares admiradores, e frequentemente os votos das populações do Médio Oriente. — (F. P.).

Nasser vai a Itália?

ROMA, 9 — O embaixador da Republica Arabe Unida, Sarawat Okacha, partiu hoje para o Cairo, aonde foi chamado para consultas.

Correm rumores de que o presidente Nasser tenciona visitar, brevemente, a Itália. — (A. N. I.).

Kruchtchev

mandou a Atenas uma mensagem sobre Chipre

ATENAS, 9 — O embaixador da U. R. S. S. entregou, esta manhã, ao Governo uma mensagem de Kruchtchev para o presidente do Conselho, Caramanlis. Consta que se refere á questão de Chipre, colocando-a no ambito dos problemas do Médio Oriente. — (F. P.).

Makários regressa a Chipre?

ATENAS, 9 — Afirma-se, sem confirmação oficial, que o arcebispo Makários, chefe da etnarquia cipriota, será autorizado a regressar a Chipre, depois das negociações greco-britanicas.

Sir Hugh Foot, governador de Chipre, teve hoje nova conferência com o arcebispo, o qual, interrogado depois, se mostrou reticente. «Procuro — disse — uma palavra que substitua «desanimo», de que não gosto. Mas, se não houver acordo, a Grécia deve apresentar um recurso ás Nações Unidas, antes da data-limite de 15 de Agosto». O prelado declarou por ultimo ignorar se o seu regresso a Chipre foi discutido por MacMillan e Caramanlis. — (F. P.).

Há um plano do Senhor «H»

esboçado na Assembleia da O. N. U. para estabelecer a cooperação dos dois blocos no Médio Oriente

NOVA YORK, 9—A iniciativa do secretário-geral da O. N. U., de esboçar logo na primeira sessão da Assembleia Geral extraordinária, um plano de acção das Nações Unidas para auxiliar o regresso á estabilidade no Médio Oriente, animou certamente, uma reunião que se receava fosse usada em estéreis discussões.

O plano, segundo se verifica, contém certas ideias apresentadas recentemente e, tanto assim, que o delegado norte-americano, Cabot Lodge, nas declarações que fez á Imprensa, o considerou «construtivo» E é possível que algumas das ideias ali sugeridas sejam acompanhadas de propostas concretas, apresentadas por Foster Dulles, se vier á Assembleia, como se espera.

Um dos reparos que mais se impõe aos observadores é ser o plano limitado aos países árabes do Médio Oriente, não incluindo o problema de Israel, nem a rivalidade política e estratégica entre o Ocidente e a U. R. S. S. quanto aos confins do Mediterraneo.

Não procurando encontrar soluções por agora, para os problemas aparentemente insoluveis, o plano que tende a uma fórmula de neutralização parcial, não vai de encontro ás causas da tensão actual, mas poderá ter, por efeito, impedir uma extensão das ambições do presidente Nasser aos países árabes que se encontram fora da sua órbita. Pretende, por exemplo, a aplicação de vastas medidas de auxílio económico ao Médio Oriente. A ideia não é nova e exige, para tomar forma, a concessão de importantes créditos dos quais a organização internacional não poderá dispor, cabendo ás grandes potências e, em especial, aos Estados Unidos fornecê-los.

O prosseguimento dos debates na Assembleia Geral, na próxima semana, com a participação, nomeadamente, de Andrei Gromiko, demonstrará se o plano tem probabilidades de tomar vulto e se acordos limitados poderão originar, num futuro mais ou menos próximo, uma cooperação entre todos os países interessados no Médio Oriente. — (F. P.).

Gromyko a caminho de Nova York

COPENHAGUE, 9. — o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrey Gromiko, chegou ao aeroporto desta cidade, a caminho de Nova York.

Gromiko e outros 15 delegados russos nas Nações Unidas demoraram-se aqui até o principio da noite. — (A. N. I.).

✠

MOSCOVO, 9. — Partiram para Nova York os delegados da Ucrania e da Bielorrussia á sessão de emergência da assembleia geral das Nações Unidas. Chefiam as delegações os ministros dos Negócios Estrangeiros das duas Republicas Soviéticas, respectivamente, I. Palamarchuk e V. Kiselev. — (A. N. I.).

A proeza do «Nautilus»

passando sob o Pólo Norte é a resposta americana aos satélites artificiais russos

PEARL HARBOR (Território do Hawai), 9 — O almirante Elton Grenfell, comandante dos submarinos norte-americanos no Pacifico, declarou que a viagem do «Nautilus», sob o Polo Norte, constitui a «resposta dos Estados Unidos ao Sputnik».

Foi deste porto que o submarino atómico partiu, em 23 de Julho, ás duas horas, para a sua histórica travessia. «A Russia tentará igualar a proeza» — acrescentou — «mas para o fazer terá que dispor, em primeiro lugar, de um submersível atómico». — (A. N. I.).

Uma revolução na estratégia polar

TÓQUIO, 9 — Os comentadores do Ministério dos Negócios Estrangeiros declaram, oficialmente, que a proeza do «Nautilus» é «um êxito deveras notável». Exprimem a opinião de que a publicidade feita pela Casa Branca em volta do caso indica um esforço para conseguir uma vitória de propaganda nas vesperas do duelo Oeste-Leste, na O. N. U.

Consideram, também que a viagem secreta do «Nautilus» pelas traseiras» da U. R. S. S. não pode deixar de ser interpretada por Moscovo como indício ameaçador para as suas bases do Norte. Consideram ainda que a estratégia polar assume novo aspecto e que, na controvérsia já animada sobre os projectos de domínio das regiões polares, abre-se novo capítulo em que, possívelmente, a vantagem não estará do lado dos Sovietes.—(F. P.).

O alcance da extraordinária empresa

ESTOCOLMO, 9—A expedição do «Nautilus» é uma nova conquista fantástica sobre a Natureza, que abre possibilidades de exploração científica de vastos espaços até agora, desconhecidos e, também, possibilidades estratégicas e económicas de tal ordem que ainda não é possível medir-lhes o seu verdadeiro alcance. São estas as primeiras reacções colhidas nos países do Norte da Europa em relação á nova ligação Pacífico-Atlantico feita pelo submarino atómico americano.

Segundo o capitão John Geaiver, chefe de várias expedições árcticas escandinavas a rota do «Nautilus» encurta de alguns milhares de milhas a distancia entre a parte ocidental e a parte oriental do Globo. «Por muito extraordinário que pareça — disse — talvez esta viagem seja o dealbar de uma carreira marítima de navios de carga submarina que poderia fazer do Arctico uma rota tão frequente como a do Atlantico».

No plano estratégico, a proeza não é menos importante: abre, como no plano económico, perspectivas inéditas. — (F. P.).

Imre Nagy

e o general Maleter foram executados em Moscovo?

HAIA, 9 — Os dirigentes da revolução hungara, Imre Nagy e o general Pal Maleter, não foram executados em Budapeste, mas em Moscovo—declarou Bela Fabian, presidente da Federação dos Antigos Prisioneiros Políticos Hungaros, ao depor na Comissão Internacional de Juristas aqui reunida.

Acrescentou que o presidente Kadar teve conhecimento da execução de Nagy e Maleter por Kruchtchev em pessoa, duas horas antes de a «Tass» divulgar a notícia

Fabian concluiu que há 55.000 Hungaros em campos de concentração, na Hungria, e 75.000 foram deportados para a U. R. S. S. —(F. P.).

Mais julgamentos e execuções?

LONDRES, 9 — Segundo um correspondente do «News Chronicle» que acaba de partir de Budapeste, a campanha de repressão, na Hungria, continua no auge. Todas as semanas são julgadas, em média, vinte pessoas, na maior parte presas no Verão passado, durante uma vaga de repressão que atingiu vários milhares de pessoas. Nas ultimas semanas houve umas cinquenta execuções e, segundo o mesmo correspondente, uns 350 jovens que regressaram á Hungria depois de se terem refugiado no estrangeiro quando da revolta de 1956, foram presos e estão a ser julgados. — (F. P.).

Ultimas notícias

Malogrou-se um golpe de Estado na Argentina?

BUENOS AIRES, 9. — Em 8 de Julho passado, devia eclodir uma conjura contra o Governo constitucional do presidente Arturo Frondizi — declarou ao microfone da Emissora de Cordoba, Horácio Sueldo Luque, antigo candidato á vice-presidência da Republica, pelo partido Democrático-cristão.

Segundo o orador o movimento, que agrupava radicais antifrondizistas, socialistas, conservadores, nacionalistas e oficiais das três forças armadas, solicitou a participação do Partido Democrático-Cristão que se recusou a cooperar e lançou uma campanha contra a intentona, com o apoio do general Aramburu, que foi presidente do Governo provisório. — (F. P.).

■

30 mortos na queda de um avião

LONDRES, 9.—Um avião «Viscount», que vinha de Salisbury (Rodésia) para Londres, despenhou-se de encontro a uma colina pouco depois de fazer escala em Benghazi.

O trágico desastre causou umas 30 mortes. Um informador da B. O. A. C. disse que dos 54 passageiros, «há uns 20 sobreviventes, pelo menos».—(F. P.).

■

Devorado pelos leões

BULAVAIO, (Rodésia do Sul) 9 — Leões esfaimados invadiram a estação hidroeléctrica de Kariba, no vale do Zambeze, e devoraram um operário africano, deixando apenas a cabeça e as ossadas. — (A. N. I.).

Alarme aéreo

no Estreito da Formosa

TAIPEH, 9. — Ouviram-se por três vezes, ontem á tarde, os silvos das «sereias» de alarme nas ilhas Matsu, indicando acréscimo da actividade da aviação comunista na zona costeira do Fukien — segundo informa o Ministério da Defesa.

Crêem os especialistas militares que, com as idas e vindas sobre o litoral da China meridional, os aviões comunistas «desafiam a aviação nacionalista que continua a deter a supremacia aérea». Entretanto, as autoridades militares de Taipeh voltaram a intensificar os preparativos militares. — (F. P.).

Morreu em Londres

o romancista Louis Golding

LONDRES 9. — O romancista Louis Golding faleceu hoje, vitimado pela icterícia. Contava 62 anos.

Desde 1921, publicava, regularmente, um volume por ano, tendo vendido cinco milhões de exemplares. A «Magnólia Street» é, certamente, a sua obra mais popular. Preparava uma «História do Povo Israelita» quando caiu na cama.—(F. P.).

Muitas vitimas

numa explosão na Tunísia

TUNIS, 9. — Morreram 9 pessoas (2 mulheres, 5 raparigas e 2 rapazes) na explosão de um depósito de explosivos. Há 24 feridos. O acidente ocorreu em Kef, a uns 20 kms. da fronteira com a Argélia.

Apurou-se que os explosivos estavam armazenados perto de um forno de padeiro, propriedade de argelinos.—(F. P.).

RESTAURANTE CASTANHEIRA
LUMIAR
Todos os dias os menús variados
ORQUESTRA DE DANÇA
Hoje, das 20 ás 24 horas
AOS DOMINGOS
Das 13 ás 17 e das 20 ás 24 horas
CINEMA — SALA DE CHA' — CAFE' BAR — TELEVISAO
(Maiores de 15 anos)

«AVENIDA CAFÉ»
Restaurante «OS MARISCOS»
AR REFRIGERADO À TEMPERATURA DE 18 GRAUS
Chaúffeur privativo para arrumação dos carros dos Ex.mos Clientes
RUA JARDIM DO REGEDOR, 48 — TELEF. 368392

RIBATEJANO
Salvaterra de Magos — Telf. 14
• TODOS OS DIAS •
Aos Almoços — Chás e Jantares
Exibições: Ranchos Folclóricos
Cozinha Portuguesa
(6 anos)

9-8-958 N.º 4

Diário de Lisboa

magazine

SUMÁRIO

Um homem sorri á morte com meia cara (novela inédita)	JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS
A partida duma nau para a Mina	AUGUSTO DA COSTA DIAS
O divórcio e o romance	
Apontamentos para os tempos futuros	DIÓGENES
É preciso acabar com os descontos	PEDRO SENNA
Para onde vai amanhã	CICERONE
O melhor amigo do homem	NATÁLIA DA FONSECA
Ganhe 100$00	
Dostoiewski	JORGE SANTOS
Um mármore grego em Lisboa	ALFREDO PINTO BRÁS
Postal ilustrado	MANUEL AGRA
O coração e as chamas	WILLIAM SIMPSON
Vitaminas essas desconhecidas	MARIA CAROLINA FREITAS
Sim ou não?	
Receitas de urgência	
Picasso	MARIA GABRIELA WALTER
Eduquemos o nosso filho	MARIA LUCIA DA SILVA ROSA
Comentário humorístico ilustrado	MARTINS
Página da Mulher	

O divórcio e o romance

já se anuncia o divórcio de Sagan... Ao mesmo tempo que se anuncia a publicação do seu próximo livro — o quarto. Para uma boa publicidade, um divorciozinho a sério ou... a brincar vem mesmo a propósito... Sinal dos tempos!

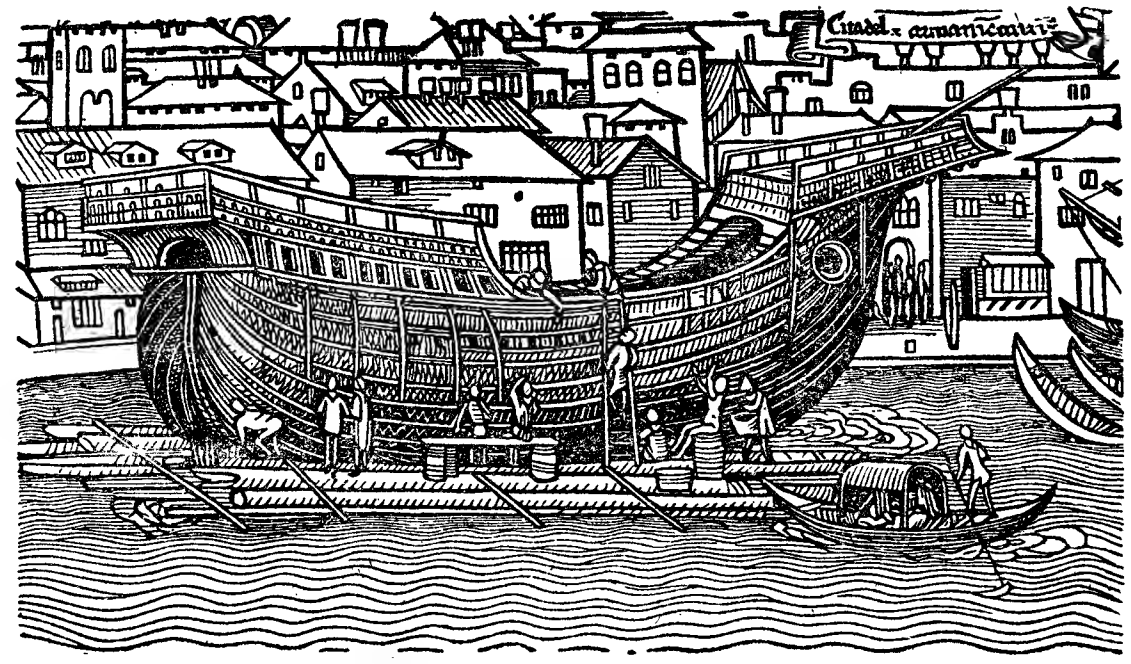
Multidões de jornalistas. Povo imenso. Todos querem ver demoiselle Françoise-Marie-Anne Quoirez que se vai casar. Mas Françoise etc. não deseja um casamento ruidoso. Quer a maior intimidade. O noivo. Guy Schoeller, é do mesmo parecer.

Doze pessoas apenas assistem á cerimónia. Lá fora, o mar de gente curiosa e desocupada continua.

«Madame — diz o funcionário a encerrar o processo — espero que, com um certo sorriso, possa dizer não por um mês, nem por um ano, mas para sempre, adeus tristeza!

Françoise-Marie-etc., etc., é, como já devem ter adivinhado, nada mais nada menos do que Fançoise Sagan, a jovem romancista do êxito fulminante. A cerimónia a que acima aludimos realizou-se a 13 de Março deste ano de graça de 1958. «Não por um mês, nem por um ano...» afirmou o funcionário do Registo Civil.

...Mas ainda o ano não está fora e



PARTIDA DUMA NAU PARA A MINA

Mais ou menos pelas cinco horas da fria e ainda turva madrugada dum dia de Verão de 1509, nove pares de olhos foram obrigados, por dever de ofício, a não contemporizar mais com os prazeres do sono. Esses pares de olhos pertenciam legítimamente ao Feitor, aos três Tesoureiros e aos cinco Escrivães das Casas da Guiné e da Índia. Claro que um tão doloroso sacrifício exigia outras vítimas, porque a saída daqueles dignos funcionários para o trabalho não passava sem a colaboração de alguns membros de família e obrigava a despertar também os diversos serventuários menores das duas Casas da Alfandega — porteiros, moços, cosedores de sacas, manèadores da especiaria e guardas.

Por Augusto da Costa Dias

Desta forma, no sujo lusco-fusco da manhã a cidade começava a respirar, afogueando-se com os buracos de luz que as candeias e as lanciras abriam no escuro. El-rei D. Manuel I, por Graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves Daquem e Dalem Mar em Africa, Senhor da Guiné e da Conquista, Navegação, Comércio da Ethyopia,

(Continua na página seguinte)

E' preciso acabar com os descontos

«A actual situação desprestigia o comerciante, desprestigia as marcas, serve mal o comprador e tem conduzido à falência de muitas e muitas firmas» — afirma o Sr. engenheiro José Maria Correia Vitorino, director do Departamento Doméstico da General Electric Portuguesa.

Prosseguindo na nossa campanha de moralização de preços, tão necessária ao publico e ao comércio, quisemos ouvir o sr. engenheiro José Maria Correia Vitorino, director do Departamento Doméstico da General Electric. Sabiamos da sua alta competência nesta matéria e do fundo conhecimento que possuia sobre a situação de diversos mercados estrangeiros. Por este ponto começámos justamente a nossa conversa.

No entender do nosso ilustre en-

(Continua na 3.ª página)

Apontamentos para os tempos futuros

Já El-Rei D. Sebastião

Você pergunta-me o que tenho feito, agora que chegaram as primeiras doçuras de férias. Não se perca em grandes bacanais de imaginação que não adivinha mesmo nada. Estou a fazer um Inquérito. Apenas isto. Quem mo sugeriu (mas certamente muito admirado ficará se lho disser) foi o dr. José Rodrigues Miguéis. Dizia-me com efeito aqui há tempos o ilustre homem de letras que entre nós se cultiva com muiot apego e diária abundancia a instituição do **não haver horas para nada.**

Você que aprecia especialmente a estatística, ciência, no seu parecer, altamente objectiva — pode catalogar esta observação entre as 200% verdadeiras. Na realidade nós não sabemos o que seja aquele modesto hábito de acordar a horas certas, de comer a horas certas, de trabalhar a horas certas, de afiar o cavaco a horas certas. de dormir a horas certas. Andamos como se diz em franca linguagem ferroviária, **muito fora da tabela.**

Comecei o meu inquérito por esta espantosa descoberta: a publicidade aos relógios está totalmente errada em Portugal. Afirmar que um relógio é bom porque dá a hora exacta, constitui entre nós uma asneira tão completa como o dar Deus Nosso Senhor nozes a quem não tem dentes. Para nós o cronómetro não se faz para medir a hora exacta; ele serve especialmente para medir o tempo que nós, os citadinos, andamos atrasados.

Quando já desbaratámos uma considerável porção d e l e, socorremo-nos então de outro instrumento que tornámos o mais completo aliado do relógio: táxi.

O táxi normalmente serve para chegar a tempo ou para poupar esforços. Pois eu verifiquei no meu inquérito que o táxi, em Portugal, apenas serve para desculpar o tempo que perdemos. Assim nos iludimos que somos pessoas **quase** pontuais. Eis o táxi transformado em estupefaciente.

Eu poderia particularizar a t é á irritação as milhentas formas por meio das quais se manifesta este nosso vício de educação. **Você**, por exemplo, quer editar uma Revista. **Habilita-se,** como se diz no vernáculo respectivo. E então começa esperando au-

(Continua na página seguinte)

FIM DE SEMANA FELIZ

Para onde vai amanhã?

A minha prima em segundo grau, a Luísa, foi, de pequenina, para a América. Isto aconteceu há cerca de 20 anos. Recordo-me dela... Magra, uma fuinha. De tranças compridas que os rapazes puxavam quando havia zanga. Iamos e vinhamos ambos da escola. Debaixo da grande carvalha da Légua ajudava-me a comer o lanche de pão com marmelada que a tia me guardava no cestinho de verga.

Parece que na memória de uma criança magra não esquece fácilmente a recordação em que entre uma fatia de marmelada. E assim, fui eu a primeira pessoa que a Luísa visitou quando pôs pé em Lisboa. Vinha casada, um moço desengonçado, imberbe e, por tudo e por nada, com um sorriso futil nos lábios.

Fui eu o cicerone, naturalmente. Marcávamos de antemão o roteiro e depois era só cumpri-lo.

Até que me resolvi a fazer-lhes uma surpresa:

— Hoje vamos com carta de prego...

E lá fomos. Para onde, não lhes disse nunca. Mas quando chegámos ao alto da serra e divisámos, lá no fundo das ravinas, o azul do Oceano, um azul diferente, nunca igual, os meus amigos arregalaram os olhos de espanto e as exclamações desde «Wonderful! a «Divino!» sucederam-se.

O nosso James gastou todas as películas da sua máquina de filmar. Estava positivamente de cabeça perdida. Não queriam arredar pé, regressámos alta noite...

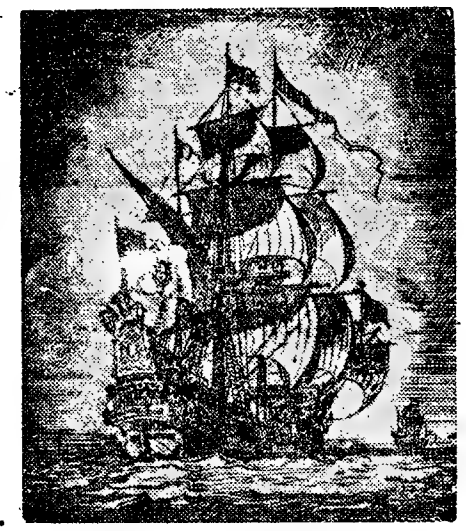
Antes de tornarem á New Bedford dos seus negócios, visitaram o Portinho, mas não sei quantas vezes. Certa ocasião, de madrugada, ouvi James chamar pelo meu nome.

— Sure is Arrábida there, still? (Tem a certeza de que a Arrábida ainda lá está?)

— Of course! It doesn't run away. Sleep, James! (Pois claro. Ela não foge. Durma, James! respondia-lhe ou no meu inglês liceal.)

Parece que a exibição das peli-

(Continua na página seguinte)



(Continuação da página anterior)

Arábia, Pérsia e da India, acabara de promulgar um novo «Regimento» *para as Casas da India e da Guiné,* «para que as couzas dos despachos das dittas cazas andem em melhor ordem, assim pelo que toca a nossa serviço como pera melhor despacho das partes». *Seus funcionários doravante obedecem a um novo horário de trabalho: no Verão, a burocracia alonga-se das 6 ás 10 da mánhã, e das 3 horas «depois do meyo dia» até ás 6 da tarde; de Inverno (medida cujo alcance só os servidores do Estado no século XX podem devidamente encarecer) o horário encurta: vai das 8 ás 11 horas da manhã e das 2 horas «depois do meyo dia» ás 5 da tarde.*

Enquanto vão descendo as ingremes e imundas ruelas que os levarão á Ribeira das Naus, os funcionários acertam o passo com a ameaça do Cap. 2. do novo «Regimento» *em que sua Alteza determina as multas para os retardatários* — «meya hora vinte e cinco Reis, huma hora, quarenta Reis». *O Feitor Estevão Vaz e o Escrivão da Casa das Índias, Lopo Mexia, que seguem juntos o caminho, riem á sucapa do desconto que el-Rei fez na hora — dez reis, nada menos... Como entretanto a manhã se foi lavando, os dois altos funcionários lançam a vista na direcção da Torre de* «Sam Giam».

Uma caravela! — nota o olhar experimentado do Feitor. E precipita o passo, enquanto baixa a cabeça e franze o sobrolho para melhor rememorar o que de novo foi estabelecido acerca do acolhimento ás naus de além-mar. El-rei ordenou que para o trato de São Jorge na Mina sigam agora por ano doze caravelas carregadas de mercadoria, ao ritmo de uma por mês. Em cada uma terá ele de enviar uma carta «pera o Feyttor de Sam Jorge em que lhe fará saber como por aquella caravella y capitam lhe enviam tantos lambeis, com declaração da soma dos lottes de que cada hum for, y assy dallquicees y alljaravias, y assy de toda a roupa de lam e linho que lhe emviar, y assy do numaro y conto das manilhas, bacias, bacios, y caldeiras, y toda a outra couza de latam, y cobre, com boa declaração do conto e pezo de cada sorte»

Depois, quando a nau estiver aparelhada para tomar lastro e carga, e antes que tome alguma, ele, Feitor, acompanhado do Tesoureiro, dos dois Escrivães da Casa da Guiné e Mina e de dois guardas, vão a bordo. El-Rei Dom Manuel é muito cioso do seu negócio; não gosta de o partilhar. Por isso só o monopólio o satisfaz; mas um monopólio a sério, sem contemplações; um monopólio que em linguagem teológica se poderia chamar «ortodoxo». *A missão, pois, do Feitor e seus sequazes é virar o barco do avesso, não poupando o mínimo buraco onde se possa encobrir qualquer mercadoria que El-Rei não tenha lucro. Feito este trabalho preliminar, cumpre em seguida, para serviço de Sua Alteza, mandar fechar com cadeia e cadeado as escotilhas, ficando os guardas de posse das chaves. Estes guardas montarão severa vigilancia á caravela, dia e noite, até que fique atestada de lastro, mantimentos e mercadorias. E' então altura de o Feitor ordenar que o Capitão, o Escrivão de bordo, o Piloto e os mareantes embarquem suas roupas caixas e munições de boca. — nunca em maior quantidade do que a lei determina. Para que tudo se cumpra consoante os desejos de El-Rei, os guardas confrontarão as bagagens com a lista oficial, não vá haver qualquer coisa de sobejo. O Senhor Dom Manuel é bem claro sobre o que cada tripulante levará.*

O Capitão, por exemplo, terá de contentar-se com a seguinte ementa:

8 camisas, dois gibões (um para o mar e outro para terra e nenhum delcs será de seda), 2 pares de calças (um para o mar, outro limpo), 2 borzeguins, meia duzia de pares de sapatos 1 pelote, 1 par de barretes, 6 carapuças de linho e 1 par de toalhas de duas varas cada.

Ao Escrivão cabia o mesmo, mas para simples mareantes o enxoval reduzia-se á extrema indigência. El-Rei determinava que cada um não levasse mais do que 2 vestidos de mar, uns borzeguins, 4 pares de sapatos e 3 camisas.

Para a cama, o Capitão e o Escrivão podem abastecer-se de 2 pares de lençois de linho e 1 cobertor de Irlanda, branco ou pardo. Dom Manuel é rigoroso até em assuntos de cores. Decerto o pardo seria até preferível: melhor encobriria o esterco, coisa que não deveria escapar a Rei de tanto espirito prático.

No «Regimento», *Sua Alteza não especifica a roupa de cama de cada marinheiro. Como em terra de Guiné ordena que durmam dois homens em cada colchão e para tal cama sómente levem 6 lençois, o Feitor Estevão Vaz pensa com os seus botões que deverá estabelecer que um par de marinheiros leve apenas um par de lençois.*

Quanto a munições de boca, o «Regimento» *não dá quebra-cabeças a Estevão Vaz.*

O Capitão poderá levar de vinho, um quarto; de biscoito, 6 sacos com 6 alqueires cada. De carne, 3 arrobas. Sendo, porém, carne salgada trassalhos ou toucinhos; pode levar quanto queira. De azeite, o consentido é meio cantaro, e de vinagre, 2 almudes. De queijo, a conta é meia duzia. Agora só falta enumerar as cebolas: pois pode o Capitão embarcar, juntamente com alhos, 6 réstias.

E os marinheiros? Em comida também haverá diferença entre os vassalos del-Rei? Pois com certeza! Se Deus dá o frio conforme a roupa, também dá a fome em proporção com o tamanho do estomago de cada um. Estomago de marinheiro ficará amplamente satisfeito se, para a viagem, embarcar (para cada duas bocas, note-se) o seguinte: 2 sacos com seis alqueires cada, de biscoito; de carne, embarcarão 4 arrobas; de azeite, 6 canadas; de vinagre 2 almudes; de vinho, um quarto; finalmente em materia de cebolas e alhos El-Rei é generoso pois os marinheiros poderão levar quantos queiram. Já em negócio de vinho e vinagre Sua Alteza fora largo na concessão, pois equiparava dois simples marujos ao Comandante da nau.

Verificada a bagagem dos tripulantes, ainda voltará a bordo outro enviado do Feitor para que se passe nova busca e se veja ainda se não há passageiros clandestinos.

Que mais agora?

O Feitor Estevão Vaz fecha por um segundo os olhos, mas logo os abre, não vá cair num buraco das acidentadíssimas ruelas da cidade. El-Rei não gostaria decerto que o seu Feitor caísse na rua como qualquer mortal. Por isso Estevão Vaz prefere esquadrinhar á memória com os olhos bem abertos. E afinal vem-lhe agora á ideia que outra coisa por que terá de velar é pelos desertores. Faltando a bordo algum homem, o seu fiador pagará a soldada que aquele, antecipadamente, houver recebido. Coisa perigosa, esta de se ser fiador — pensa Estevão Vaz. Como, porém, traz o espírito inquieto, logo se fica a pensar que mais terá de fazer.

Coisa esta que veremos no próximo numero.

(Continuação da página anterior)

culas coloridas de James causaram furar entre os ianques. Isso a avaliar por uma carta que hoje mesmo recebi dele: «Dentro de alguns dias, meu amigo, deve procurá-lo o sr. D..... Queira fazer o favor de lhe ensinar o caminho para a Arrábida...».

Ora bem. Confesso que foi esta carta que me resolveu a sugerir para o passeio de fim de semana, para um passeio feliz, o *Portinho da Arrábida.*

Sim, meu caro. Decerto já ouviu dizer que a facilidade é inimiga da arte. Eu acrescento que ela é inimiga da arte... e de tudo. Já pensou quanto desejaria o leitor ver o Mosteiro da Batalha se ele estivesse em França? ou a Casa dos Bicos, alfacinha de gema, se ela estivesse em Ferrara e se chamasse Palazzo dei Diamanti? Aquele humorista afirmava que o maior erro de Deus foi dar o espectáculo do nascer do Sol gratuito...

Imagine quanto dinheiro teria de gastar para conhecer a Arrábida se ela tivesse acontecido na Grécia ou na Itália...

E no entanto, amigo leitor, o milagre deu-se junto da sua porta. Não tem mais do que estender a mão e colher a flor que alegra a vida e abre nela clareiras de paz e de beleza... Situada a cerca de trinta quilómetros de Lisboa, veja o tempo que demora se for de automóvel. Se utilizar o autocarro, empregará no trajecto pouco mais de uma hora. Se não gosta de perder tempo, e enquanto o autocarro desliza na estrada de todo o Mundo, pode continuar a leitura do livro que hoje lhe aconselhamos e que, segundo me parece, está a empolgá-lo. Mas logo que entre na Serra da Arrábida, meu amigo, atenção! Abra bem os olhos e deixe que na sua alma entre, em toda a plenitude, a sensação de encantamento que se desprende da paisagem.

Southey, poeta inglês que viveu largo tempo em Portugal, afirmava: «Nunca contemplei panorama tão sublime como o que oferece a Serra da Arrábida e que, variando constantemente á medida que avançamos, sempre nos oferece alguma nova beleza».

Erguendo-se na orla meridional da Peninsula que tem o seu nome, a serra vai do morro de Palmela á Agulha do Cabo Espichel num comprimento total de 35 quilómetros, com uma largura média de 6 quilómetros. «Apenas em verdade se lhe podem comparar — escreve alguém — alguns dos mais agrestes e pitorescos trechos da Costa Azul italiana. Um Buçaco mediterraneo, enfim, mais surpreendente ainda pelo seu ar de milagrosa aparição».

Ao lado do Portinho encontra-se a lapa de Santa Margarida batida pelo mar e escavada de furnas ao rés da água, verdadeira catedral maritima coberta de estalactites e estalagmites.

Do alto do Formosinho, o maior cume da Serra (499 metros), desfruta-se um dos mais belos panoramas do País: para o Sul, divisa-se a ponta de S. Vicente; para Leste, Evora e as lezirias do Ribatejo; para Norte, Lisboa e, mais além, Sintra e os montes da Estremadura Trastagana.

E aqui tem, amigo leitor, a nossa sugestão para este fim de semana. Oxalá tenham todos que aproveitem dele ou sigam outros rumos *um fim de semana feliz!*

A propósito, leitr amigo: por que não escreves para o Magazine dando as impressões do teu fim de semana? Teriamos muito gosto em as ler e publicá-las, se fosse caso disso. Vamos experimentar?

CICERONE

O Livro

Fim de semana

O romance que hoje, vivamente, aconselhamos aos nossos leitores como LIVRO PARA O FIM DE SEMANA é da autoria de D. H. Lawrence e intitula-se:

Mulheres apaixonadas

Neste romance, um dos mais belos que Lawrence compôs, perpassam duas figuras de mulher, duas irmãs, Ursula e Gudrun. E que mulheres tão estranhas, tão impetuosas, tão apaixonadas! Ambas professoras, ambas superiores ao pequenino meio em que nasceram e em que vivem, sentem e pensam como artistas, repudiam os preconceitos, a vulgaridade da existência burguesa, a trivialidade do ambiente e das pessoas.

Em cada uma delas arde a chama verde da inquietação e brilha o clarão doirado do desejo. Birkin, com quem se casa a mais velha, é, por igual, um inadaptado, um insubmisso e inconformista. Gerald Crich, a quem a outra se une, pertence á esfera dos homens de dinheiro, magnates da industria e, se satisfaz a curiosidade fisica da mulher, não sabe desvendar a ansiedade que perturba a alma da escultora.

Esses quatro individuos, de tão bizarros temperamentos, são magistralmente desenhados por D. H. Lawrence que não descura nenhum pormenor, nenhum traço que melhor sublinhe um aspecto do carácter, da alma das personagens. E tudo isso através de uma linguagem romanesca de excepcional categoria que «prende» o leitor da primeira á ultima linha deste romance de mais de quinhentas páginas que se lêem de um fôlego, com um interesse apaixonante.

Ursula e Gudrun, as duas irmãs apaixonadas, são duas imagens que para sempre ficam gravadas nos nossos olhos, na nossa memória, nos nossos nervos, tal a verdade e o poder da sua humanidade. «Em Ursula, a sensação do mundo indescortinado, que surgia á sua frente, prevalecia sobre outra qualquer. No meio de tão profunda obscuridade, raiava-lhe no peito o fulgor de um paraiso estranho e incompreendido. O coração enchia-se-lhe das mais belas claridades, doiradas como se fossem o mel da sombra, doces como o calor do dia; e essa luz não se espalhava na terra, sómente no ignorado eden para onde ela se dirigia — estancia deliciosa em que o encanto de viver era diverso mas que já lhe pertencia infalivelmente». Mas, para ela, esse lugar ideal não existe de facto, e regressa, com o marido, ao mundo velho e civilizado.

Gudrun, absorta na paisagem de neve onde se refugia «nesse vale tão irradiante, silencioso e imóvel como se fosse o éter solidificado» assiste á tragédia da sua própria insatisfação.

Voltamos, pois, a recomendar aos nossos leitores Mulheres apaixonadas, *de D. H. Lawrence. E estamos certos de que, finda a sua leitura, não deixarão de procurar os outros livros do mesmo autor publicados em português:* O Pavão branco, Filhos e amantes, e História de uma rapariga.

Tome nota que a tradução de Mulheres apaixonadas *foi executada directamente do inglês pelo dr. Cabral do Nascimento — nome que é, só por si, uma garantia para os leitores exigentes.*

O DISCO PARA O FIM DE SEMANA

DEIXEI O MEU CORAÇÃO EM PORTUGAL
BUONA SERA

Pathé 45PG 1001

Recordamos com prazer o agradável encontro que tivemos com Line Renaud, na sua recente passagem por Lisboa. Do seu talento, por demais conhecido, não falaremos. Recordaremos com um sorriso as suas reacções de «menina travessa» perante os encantos da nossa terra, que tivemos em grande parte o prazer de lhe ajudar a desvendar. Aos «ah» e «oh» sucediam sempre palavras de franca e natural simpatia pelas nossas coisas. Vimo-la pegar, com imensa graça e á-vontade, numa canastra que pediu a uma varina. Comeu castanhas assadas e bebeu vinho tinto. Admirou e elogiou a beleza e o respeito pela tradição dos velhos bairros alfacinhas. Ficou, digamos, numa palavra, apaixonada por Portugal.

Foi pois com certa naturalidade que vimos aparecer nos discários de Paris, e agora nos de Lisboa, uma canção sua dedicada a Portugal. Na bela melodia que Louis Gasté, seu marido, compôs viemos encontrar de novo a alegria com que descobriu a nossa terra e, depois, a saudade com que dela se afastou.

Excelente cartaz de Portugal estamos certos que em muito poderá concorrer, á semelhança de outros trechos de êxito (Abril em Portugal e Lisboa Antiga), para a expansão da nossa terra. Obrigado Line Renaud.

Completa «o disco para o fim de semana» uma alegre canção que está classificada como o maior êxito do momento em Paris, e dos maiores nos Estados Unidos, «Buona sera» é o seu nome e aconselhamos a sua audição aos apreciadores do género.

Apontamentos

(Continuação da página anterior)

torização; o tempo corre e escorre — um mês, dois, três, cinco, dez meses, um ano. **Você** quer fazer um negócio; como os negócios não são actividades de solistas pois exigem **acompanhamento**, ao fim de várias semanas **Você** verifica que a outra parte ou nunca está a horas, ou pede um prazo para meditar. A's vezes é uma questão de pão-pão-queijo-queijo; nada há que meditar: mas o vício de perder tempo é tão fundo que quando a coisa se resolve já **Você** morreu ou morreu o negócio. Também sucede que para um cidadão dizer que tal coisa não interessa, anda a iludir outro, tempos esquecidos — «venha para a semana, passe para a semana»... Não sei se haverá outro país onde a peregrina expressão **«passe daqui a uma semana»**, tenha tanto a chamada **cor local.**

na decisão possui ainda uma outra curiosa faceta: o vício de sobrecarregarmos os outros com o trabalho e as decisões que a nós cabiam. O tempo que economizamos desta forma gastamo-lo depois na amena conversa. A conversa é, aliás, a nossa perdição. Verifiquei que 50% do tempo que perdemos se nos vai na conversa. 30% delapidam-se nas repartições publicas e particulares. 5% destinamo-lo aos atrasos nos transportes e outros 5% nas bichas á espera de os apanharmos. Ficam-nos 10% que dividimos do seguinte modo: 5% a adiarmos as nossas decisões; os restantes a notar o atraso dos outros.

que atribuo tudo isto a uma deficiência rácica. E' um andaço de países menos evoluídos. Claro que nós somos menos evoluídos há alguns séculos e por isso VOCÊ notará na nossa História tantos exemplos de perda de tempo. Até nos momentos mais dramáticos. Até nos momentos fatais. Até nos momentos decisivos. Lembre-se que já o Senhor Dom Sebastião queria morrer, sim, **mas de vagar...**

DIÓGENES

Quatro milhões de bôlsas

A associação entre o homem e os animais inferiores data de há muitos milhares de anos. Além de constituirem uma valiosa fonte de reserva de alimentos, os animais oferecem-nos a sua força de trabalho «sem exigir aumento de salário» como dizia o poeta em relação ao melro da história. E ainda nos divertem, nos fazem companhia, nos defendem...

Todos sabemos isso. O que muita gente, porém, ignora são os perigos a que nos expomos na convivência com animais que trouxemos da selva, do vale ou da montanha para nossa casa. Muitos deles podem ser portadores de gráves doenças (que neles não povocam sintomas visíveis) mas que constituem perigo para nós. O cão, por exemplo, que mora connosco, trabalha connosco, come á mesa de muita gente, dorme na cama de muita gente, de muita gente recebe beijos e carícias de que mais ninguém se gaba... Não quero, de forma alguma, decepcioná-los, mas há sobejas provas de que o cão é um importante reservatório de doenças. De todas elas a mais grave é a raiva. Poucas regiões no hemisfério ocidental desconhecem essa doença terrível: a zona oriental do Canadá, o Nordeste dos Estados Unidos, o Panamá, o Chile e a Argentina. No que diz respeito aos Estados Unidos, isso não os impede de, em cada ano, gastarem 4.000.000 de dólares no combate á raiva. E se incluirmos os animais que morrem nas fazendas vítimas dela, o prejuizo sobe a dez milhões.

Queira tomar nota

Muitas outras doenças — embora menos perigosas — são transmissíveis do cão ao homem. Incluem-se nesse numero a «febre botonosa» «febre sul-africana do carrapato» «tifo do Quénia» e «febre de Colômbia». E não falemos já nas dermatomicoses, contra as quais nenhum remédio verdadeiramente eficáz se descobriu até hoje. Mais um motivo portanto, para evitar a sua propagação entre os animais e os homens. A solução consiste em evitar contacto íntimo com os animais e combater a presença de animais vadios. Caso contrário vernos-emos atacados de dermatoses muito irritantes, como o «pé-de-atleta», as micoses, certas erupções do coiro cabeludo e certos fungos que se localizam sob as unhas, endurecendo-as ou destruindo-as. Os locais responsáveis pela propagação desses males, são as praias, os playgrounds e os jardins publicos.

Outra doença importante resultante da nossa associação com os animais caninos é a bidatose. Resulta da ingestão acidental de ovos de uma ténia que habita o intestino do cão. Esses ovos, extremamente pequenos, podem misturar-se com a poeira e depositar-se nos alimentos, utensílos e meio ambiente em geral, ou directamente no homem. Dentro do organismo humano, os ovos geram as larvas que penetram no fígado, pulmões, cérebro, rins. Formam-se então nos tecidos atacados cistos hidaticos, cheios de líquido e tecido germinal infeccioso.

Não fica por aqui a lista das enfermidades a que nos sujeitamos aceitando a companhia do lulu. Esquecemos mesmo, propositadamente, de citar uma infecção estranha, nos ultimos tempos assinalada no cão e no homem: ao estrongiloidiase. Dada a simpatia que, em geral, mantemos pelo animal que, ha milhares de anos, segue com olhos doces a aventura humana, será talvez um tanto penoso verificar até onde ele nos pode ser prejudicial. Pior, no entanto, seria convivermos com ele ignorando os riscos a sofrer. Não vamos ao ponto (como fez alguém) de aconselhar a supressão pura e simples dos cães e dos gatos nos grandes centros urbanos. Isso seria demasiada crueldade não só para esses animais, é bem de ver, mas para nós, homens, que ficariamos com a nossa paisagem milenária terrivelmente mutilada e desequilibrada. O poeta disse: sem rosas de toucar a vida ficaria nua... Sem as rosas, sem as aves, sem os animais. Devemos, no entanto, procurar defendermo-nos tanto quanto possível, recorrendo ao veterinário logo que suspeitamos que o «fiel» ou o «tareco» apresentam sintomas de doença. Eu gostaria que este artigo caisse, especialmente, nas mãos de algumas senhoras do meu conhecimento que cercam seus cãezinhos de luxo, de carinhos não menos luxuosos. Desde os chicorações aos beijos depenicados no focinhito humido, há toda a gama re demonstrações de amizade que não vale a pena pormenorizar. Pois bem: a partir de agora, elas ficam sabendo qual pode ser a consequência dessas demonstrações equivocas...

NATÁLIA DA FONSECA

Hoje vamos começar uma nova série de problemas. Não necessitam de gravura. Apenas exigem que os nossos leitores ponham em movimento a sua inteligência e a sua imaginação...

De certo que já devem ter dado na vida p elo seguinte fenómeno! coisas que parecem não ter nada de semelhante são ás vezes intimamente ligadas.

É dum caso desses que hoje vamos tratar.

O leitór já viu um cântaro de lata, de folha de Flandres. O leitor sabe portanto o que é um cântaro.

Por outro lado já viu um cabo do Exército. Todos os dias os encontramos na rua, mais ou menos.

Ora diga-me: acha que pode haver alguma parecença, e muito profunda, entre um cabo do Exército e um cântaro de lata?

Pois eu digo que há! Tenho a certesza disso!

Entre os leitores que descobrirem a tal parecença sortearemos uma legítima e autêntica nota de CEM ESCUDO!

As respostas devem ser enviadas para «MAGAZINE», Rua Luz Soriano, 44 a 48, até ao próximo dia 18 de Agosto, *a fim de permitir que de todo o País concorram ao nosso concurso.*

Boa Sorte!

(Continuação da 1.ª página)

trevistado, o que hoje se passa em Portugal no que respeita a malabarismos de descontos, a preços ficticiamente estudados, não tem qualquer paralelo com a disciplina da maioria dos mercados europeus Uma das coisas que imediatamente o interessou na Alemanha foi a alta compreensão do comerciante e do publico: este nunca pede descontos, porque sabe que as mercadorias de que necessita foram marcadas a preço fixo mínimo; aquele desinteressa-se imediatamente por qualquer cliente que manifesta propósitos de lhe falar no assunto.

—Nesse caso — aproveitámos para perguntar — que pensa o sr. engenheiro Correia Vitorino acerca do que se passa presentemente entre nós?

—Penso que a actual situação desprestigia o comerciante, desprestigia as marcas, serve mal o comprador e tem conduzido á falência de muitas e muitas firmas.

Sobre este ultimo ponto, não quero deixar de salientar que não se trata de fenómeno limitado a uma área restrita de actividade, mas, pelo contrário, assume escala nacional e constitui um notável entrave ao desenvolvimento de uma sã economia e ao progresso do nível de vida do País. a verdade, parece-nos que só se poderá desfrutar de uma saudável situação económica se todos nós pudermos das nossas actividades obter os meios para uma vida equilibrada.

—Que solução lhe parece mais indicada para atingir esse fim?

—Não me parece possível encontrar uma solução imediata e perfeita para este problema. Seria muito agradável poder resolvê-lo como os problemas de engenharia, mas infelizmente os dados são tantos e tão difíceis de definir que seria utopia acreditar na possibilidade de uma solução rápida e definitiva.

Na minha opinião, trata-se de um verdadeiro problema de educação, que deve abordar-se de uma maneira contínua, sem desfalecimentos e com a ajuda de todos. No caso que me diz respeito acho necessário actuar em três sectores distintos: no importador, no revendedor e no comprador.

Quanto ao primeiro, o importador, impõe-se que proceda de uma maneira racional no estabelecimento das suas tabelas dep reços, começando, com base no custo, por fixar o desconto razoável que deve conceder ao revendedor ou retalhista. Poderá parecer que defino mal a minha ideia, através da expressão «desconto razoável» mas penso que todos os Importadores (com letra maiúscula) sabem os limites que defino, quando digo «razoável». A seguir deverá fixar a sua margem de lucro bruto e obter, finalmente, o preço de tabela.

O preço resultante é o justo preço que o comprador deve pagar pelos serviços insubstituíveis que importador e revendedor lhe prestam.

O que se verifica todos os dias é o resultado de um falso tabelamento, que nivela em preço produtos de qualidade e custo bem diferentes. O comprador é iludido pela sua aparente igualdade, o reevndedor forçado a impor ao seu cliente produtos de valor inferior porque a margem que o importador lhe concede é exagerada e portanto aparentemente mais remuneradora. E aqui começa a história da sua primeira pergunta...

E agora, no que respeita ao revendedor, acho que devemos lembrar-lhe que pense em si próprio, que não se esqueça de que trabalha para ganhar e que ganhar não é receber dinheiro; ganhar é receber o que já pagou ou terá de pagar acrescido de todos os seus encargos e dos lucros fruto das suas receitas e das suas reservas.

Por ultimo, o comprador não deve querer ser o coveiro do seun fornecedor.

Deve escolhê-lo depois de saber que pode confiar nele, que o tem a seu lado para bem o servir e que a esta atitude de amizade comercial não deve retribuir com uma acção «espremedora» que leva o fornecedor á ruina. Talvez tudo fosse melhor, mais fácil e mais justo se usássemos um pouco assiduamente o *«não faças aos outros o que não queres que te façam...»*

E' uma ilusão supor o particular que pode substituir com economia o retalhista e o importador. Já alguns o têm tentado, na mira de conseguir comprar o que deseja a preço muito mais barato. Dirige-se á firma estrangeira produtora: perde tempo a escrever a carta ou

ENGENHEIRO JOSE MARIA CORREIA VITORINO

paga a quem o faça. A correspondência arrasta-se. Depois vem o tempo das licenças de importação, das facturas consulares — assuntos em que é inteiramente leigo e que o obriga a maçar meia duzia de pessoas amigas ou conhecidas. Entretanto já se passaram meses; as despesas vão-se acumulando, embora o nosso economista ainda não tivesse dado por isso... O aparelho chega, por fim, paga direitos, exige um caudal de formalidades que se traduzem sempre em dinheiro. Agora já o importador improvisado começa a duvidar das vantagens da sua *«operação comercial»*. Essas duvidas avolumam-se no caso de avaria no artigo importado. Tem de reclamar para os Seguros. Acaba por ter de bater á porta do agente da marca, esse mesmo agente que tinha pretendido dispensar. Afinal nada lucrou, perdeu dinheiro, tempo, paciência e voltou ao sítio por onde deveria ter começado.

—Como considera o sr. engenheiro a sugestão duma campanha educadora? Os organismos oficiais deverão colaborar nela?

—Penso que sim. No que diz respeito ao comércio (falo em especial do ramo de negócio de aparelhagem electro-doméstica) — os Grémios deviam promover reuniões para retalhistas, em que se debatessem os problemas fundamentais do mercado diário. Os agentes reunir-se-iam nessas reuniões com os seus revendedores e procederiam á mesma campanha educadora. Junto do publico, o Grémio deveria lançar uma campanha publicitária a longo prazo e tendente a esclarecê-lo sobre a vantagem dos preços fixos e a necessidade de se saber escolher um fornecedor. O fornecedor deve ser para quem compra (quando bem escolhido) um colaborador que lhe obtem aquilo de que ele precisa em troca duma justa remuneração.

No estrangeiro a situação é bem melhor, pois o comprador que pede um desconto é mal visto e por isso em regra não o pede. Por outro lado, o revendedor, consciente da sua função de verdadeiro comerciante desejoso de desfrutar de uma situação financeira desafogada, não prescinde da sua margem de lucro.

—Tem notado evidentes vantagens na política que preconiza?

—Sim. A General Electric Portuguesa tem seguido uma política de preços baseada nas ideias gerais a que há momentos me referi, isto é, preços razoáveis para o publico, descontos justamente remuneradores para o revendedor.

O êxito desta política comercial é atestado pela excelente dedicação que numa rede de agentes vem demonstrando pela General Electric Portuguesa.

Acho que todo o comércio as poderia adoptar, tanto mais que não constituem nenhum processo «mágico», mas sim normas ditadas pela lógica.

—Para terminar, senhor engenheiro Correia Vitorino, vê algum inconveniente no estabelecimento de preços fixo?

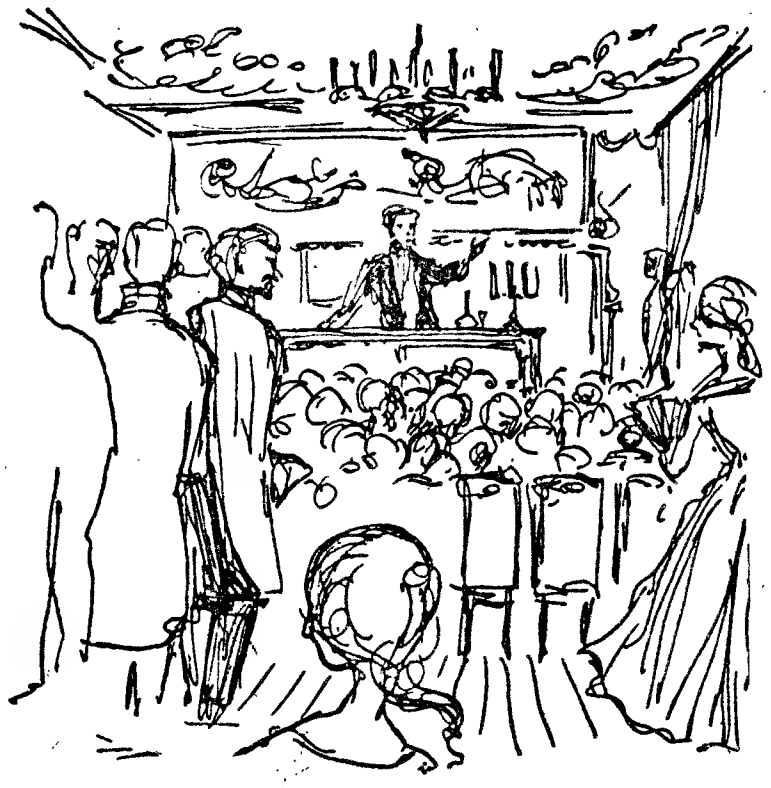
—Não vejo nenhum inconveniente, como deve ter deduzido das minhas declarações anteriores. A confirmar esta opinião, devo dizer que o Departamento que dirijo, tem todos os seus produtos tabelados e nenhum revendedor pode apresentar preços diferentes. Nos casos em que tal sucedeu, suspendemos os fornecimentos ao revendedor que transgrediu o estabelecido. Só assim o publico e o comércio podem ser bem servidos.

DOSTOIEWSKI

Em 15 de Fevereiro de 1867, Dostoiewski casa com a fiel estenógrafa. O escritor tem 44 anos; a jovem, apenas 20: «mas estou convencido de que a farei feliz: é boa rapariga e sabe amar»—confessa Fédia á sua antiga paixão, Paulina Susslova. Na primeira carta que dirige á esposa, na altura do aniversário desta, ele escreve: «Ês todo o meu futuro. Ês a minha esperança e a minha fé, a minha alegria, tudo».

Ana Grigorievna—meiga, generosa, paciente, compreensiva—foi uma esposa fiel. Nunca compreendeu o escritor—é verdade. Viu nele o burguês, não o artista; de um Rembrandt fez um santinho de comungante; de um ser violento e misterioso, um herói de comédia para teatro de educandas. E embora não possuisse grande inteligência, nem cultura assinalável—tinha em contrapartida uma condição indispensável para ser mulher de Dostoiewski: com espírito prático robusto. Meticulosa, económica, examinando os contratos do marido, vigiando o pagamento dos direitos de autor, fazendo frente aos credores vorazes—Ana exemplifica excelentemente a mulher que sabe pôr a casa em ordem.

O primeiro grande acontecimento da vida do casal foi a necessidade de venderem todos os móveis que possuiam para fugir aos credores. Partem. Vilna, Berlim, Dresde, onde se instalam e organizam a vida pacatamente. Pouco tempo depois o escritor sente que longe da Russia nada lhe é possível produzir. Além disso não tem dinheiro. E' então que Fédor Mikailovich convence a mulher que o remédio está na roleta. Dominado pela obsessão do jogo, Dostoiewski deixa a mulher só, em Dresde, e parte para Hamburgo. O período que então vivem é extraordinário: o romancista ora ganha, ora fica sem um centavo, ora se sente feliz, ora se julga o mais infeliz dos mortais. Um dia, Ana Grigorievna tira os brincos das orelhas, olha-os um instante, funde-se em lágrimas e deposita-os na mão estendida do marido. Dostoiewski levanta-se, sai. Os remorsos perseguem-no. Nada, porém, é mais forte do que o vício da roleta onde perde tudo mais uma vez.



Entretanto, prosseguem na sua viagem pela Europa com o dinheiro que o romancista consegue sacar adiantadamente dos editores. Em Genebra passa por uma fase de intenso trabalho, logo perturbada pela roleta. É, porém, nesta cidade que ele concebe a genial história de um «homem admirável em todos os aspectos». Eis o «Idiota», do romance do mesmo nome.

A alegria do nascimento de uma filha—Sónia—é ensombrada pela sua morte, meses depois. Saem de Genebra, onde tudo lhes recorda a morte da filhinha, a caminho da Itália. Daí envia para a Russia o manuscrito do «Idiota», que começa a ser publicado em 1868. O romance genial é recebido com estranheza. Os críticos ficam desconcertados. Sentido no seu amor-próprio, Dostoievski resolve voltar á carga: escreve o «Eterno Marido», obra que agradou ao publico. Começa a pensar no novo romance—«Os Possessos». Em 29 de Junho de 1870 sucede-lhe uma coisa extraordinária. Para acalmar o nervosismo em que o vê, a generosa Ana Grigorievna sugere-lhe que vá á roleta, em Wiesbaden. Ele parte. Entrando na sala de jogo, observa os numeros que saem, faz apostas mentalmente e, por fim, arrisca uma parada. Ganha, torna a ganhar, quer retirar-se com lucro, mas a tentação prende-o á mesa do jogo. Perde tudo. A's 9 da noite já nada possui. Tem vergonha, pensa na mulher e na filhinha que há pouco nasceu. Foge da sala, procura um sacerdote, um templo nas ruas adormecidas. Está alagado em suor e despenteado. Por fim, enxerga um templo. Corre. Quer entrar. Mas é uma sinagoga. Uma sinagoga! Um templo dos que crucificaram o Redentor! Foi como se um balde de água fria lhe caisse em cima.

Desde então Dostoiewski nunca mais jogará.

Tempos depois volta á pátria, onde, entretanto, publica «Os Possessos». Os credores, sabendo do seu regresso, surgem em cardume. E de novo se revela Ana Grigorievna como grande comerciante. Luta com os credores, impõe-se-lhes, resolve editar os livros do marido e com inteiro êxito. A vida do casal começa a estabilizar-se. Também ao mesmo tempo a família vai aumentando com novos filhos. O romancista sente-se feliz. O lugar de chefe da Redacção no jornal ultra-conservador do príncipe Meschersky—«O Cidadão»—dá-lhe desafogo financeiro. Abandonando-o mais tarde, edita ele mesmo o «Jornal de um Escritor». Seu novo romance—«O Adolescente»—é muito bem recebido. Em 1878 a Academia Imperial das Ciências elege-o membro correspondente, «desejosa de testemunhar o seu respeito pelos trabalhos literários do sr« Dostoiewski». E o preceptor dos grãos-duques Sérgio e Paulo virá pedir-lhe, em nome do imperador, que tenha alguns colóquios com os seus ilustres alunos.

Dostoiewski saboreia o prazer de uma glória estabelecida. Todavia, a morte do filhinho Aliocha, sucumbido com um ataque de epilépsia, lança-o no maior desespero. Claro que será na arte que o grande romancista vencerá a tremenda provação. Graças ao trabalho. Graças a uma obra genial: «Os Irmãos Karamazovs».

Este livro enorme ergue a glória de Dostoiewski ao seu apogeu. O publico admira-o tanto como a Turguenev e a Tolstoi. Mas vem talvez já um pouco tarde, a glória. O escritor está fraco. Envelheceu. Sofre de um enfisema do pulmão.

Entretanto, nova alegria lhe estaria reservada.

Em Maio de 1888, a «Sociedade dos Amigos da Literatura Russa» convida o romancista a fazer um discurso na inauguração do monumento a Puskine.

Dostoiewski considerou este passo da sua vida, particularmente importante. Em torno de Puskin digladiavam-se as duas grandes correntes da intelectualidade russa: liberais e conservadores. O romancista fazia parte destes ultimos e era a esperança destes ultimos. Turguenev chefiava o partido oposto. O discurso de Dostoievski teve uma enorme retumbancia. Em 10 de Maio sai de Moscovo como um triunfador.

No ano seguinte, na noite de 1 de Janeiro, quando escrevia, teve uma hemorragia pulmonar. No dia 28 deixou de existir. Ana vagueou de sala em sala, como uma louca. Seu companheiro já não lhe pertence, pertence á multidão que lê

E como a nossa imaginação o completa, lhe empresta o rosto sorridente de um efebo...

Um márm

Voltei um destes dias ao Museu de Arte Antiga, ali em baixo ás Janelas Verdes, para olhar novamente algumas das belas obras que por lá se encontram. E fui já com a antecipada certeza de não perder o meu tempo ao rever um museu que, se não é certamente dos mais ricos, é sem duvida dos mais bem organizados do Mundo.

Está claro que isto de ir ao Museu das Janelas Verdes carece de tom e me coloca em nítida situação de inferioridade perante tanta gente que conhece o «Prado», o «Louvre» e nunca se deu ao trabalho de ir ali tão pertinho para ver coisas de tal modo provincianas como os nossos presépios, as nossas faianças ou os nossos painéis. Paciência! Não tenho possibilidades de ir a Madrid e a Paris...

Fui de facto ao Museu das Janelas Verdes e — oh céus! — não vi só essas tais coisas provincianas que tanto amo, mas vi com estes meus olhos um torso grego de mármore de Paros, um espantoso torso grego que me fez ficar especado horas a fio, tremer de emoção e regressar a casa com o ar de quem passou a tarde a dialogar com Péricles através de uma mesa de pé de galo.

Sei bem como esta minha parola admiração pela arte «naturalista» dos gregos numa época em que, buscando a pureza dos instintos, os artistas se viraram definitivamente para os fetiches negros, os desenhos infantis e os ídolos azteca, é de molde a desacreditar-me. Mais uma vez, paciência! Confesso, custe o que custar, que a inesperada visão dum autêntico mármore grego, dum torso mutilado que só pode ser dum deus jovem, dum maravilhoso Apolo descido do Olimpo para fascinar os pobres mortais, me encheu de enorme alegria. E olhem que deparar assim com um autên

O ALC

Vinho, «slogans» e optimismo

Todos se recordam de um «slogan» posto a correr, há anos, com o fim de dar uma ajuda ao consumo vinícola que, ao contrário do que a realidade teimara em apregoar, não era para muita gente, bastante, num país que se orgulha das suas tradições báquicas... O «slogan» dizia que «beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses». Até que ponto foi esta frase responsável por muitas e muitas «fitas» não cinematográficas (e também — vamos lá... — cinematográficas) vistas por esse Portugal fora, não o sabemos nem nos interessa investigar por ora. Compense-nos saber que «lá fora» se fazem asneiras semelhantes quanto a «slogans». Em França, por exemplo, muitos restaurantes costumam apresentar ementas em cujo verso, ao lado de uma garrafa colorida e berrante á Marilyn Monroe, se lêem frases deste calibre: «os vinhos da França dão alegria!» ou «Os vinhos da França dão optimismo!» ou ainda: «Os vinhos da França dão auto-confiança!».

Estas frases, tolas como são, podem aplicar-se á justa aos vinhos lusitanos. E' pena que os nossos restaurantes não as tenham descoberto ainda. Completam maravilhosamente o «slogan» que principia esta crónica pois enquanto este apela para o bom coração, a solidariedade, o espírito de entreajuda dos Portugueses (conhecidas as suas tendências para benfeitorias) as frases parisienses dirigem-se, sem intermediários, aos consumidores, mostram-lhes as vantagens práticas que tiram do «branco» ou do «tinto»: alegria, optimismo, auto-confiança! Seguem na esteira dos temposos heróicos do «Programa da manhã» da Emissora Nacional que levava hora e meia, angustiadamente a desejar aos seus ouvintes b. d. m. b. d., alegria, optimismo, boa disposição e tudo a correr pelo melhor!

Agora vai ser difícil

Claro que nem tudo corre pelo melhor, apesar dos bons conselhos. As dificuldades custam a vencer. De toda a ordem. Eis aí uma razão da procura do vinho. Não apenas em Portugal. Em todo o lado, para onde quer que nos voltemos, almas puritanas, cheias de boas intenções, reclamam contra o abuso do vinho. O que levou por sua vez, um conhecido homem de letras, a reclamar: «Hoje, protestam contra o abuso, amanhã protestarão contra o uso!». Países de longa data tidos como sóbrios, educados, «gentleman», com «linha», alinham hoje, precisamente, ao lado dos países sem «linha». Refiro-me aos países nórdicos—Dinamarca, Noruega, Suécia, Finlandia—sobre os quais o fantasma do álcool ameaça deitar por terra a fama de alto civismo de que gozam no Mundo inteiro. Segundo o professor E. M. Jellinek «os bebedores costumazes e sintomáti-

rmore grego em Lisboa

por Alfredo Pinto Brás

ais bem
ao Mu-
rece de
situação
nta gen-
o «Lou-
trabalho
ver coi-
as como
, nossas
néis. Pa-
oilidades

as Jane-
- não vi
incianas
m estes
de már-
so torso
specado
ção e re-
le quem
com Pé-
a de pé

a parola
uralista»
em que,
nstintos,
efinitiva-
gros, os
los azte-
ditar-me.
Confesso,
nesperа-
nármore
que só
dum ma-
Olimpo
rtais, me
E olhem
n autên-

tico deus, poder mesmo mirá-lo e palpá-lo á vontade, não é caso para menos.

Mas que espantosa vida a daquele torso! E como a nossa imaginação o completa, lhe empresta o rosto sorridente dum efebo, consegue adivinhar um frémito de carne jovem naquele mármore velho de vinte e quatro séculos!

Durante o tempo que permaneci especado diante daquela estátua mutilada, evoquei a Grécia apolínea, o génio helénico, o «milagre grego» e todos os outros mitos sobre a pátria de Phídias com que alimentei tantos sonhos da minha meninice. Esqueci-me da «Origem da Tragédia» para só ver uma raça bela e jovem, habitando um país saturado de luz e banhado por águas cintilantes, entretido a criar a mais esplêndida e racional de todas as artes que o Mundo até hoje conheceu.

Talvez que a razão esteja com Nietzsche e a Grécia não se possa conter toda nas linhas puras dos Partenon ou num Apolo de Praxiteles. E' mesmo certo que ele tinha razão. Atestam-no Ésquilo e Sófocles, confirmam-no a embriaguez dionisíaca e os lamentos de Prometeu. Mas que outra civilização, conseguiu articular de igual maneira o Mundo e o homem? Onde encontrar tão puro amor pelas formas humanas, tanta alegria de viver, tão profundo humanismo?

O homem como ponto de partida e de chegada, o homem orgulhoso da sua condição humana, apaixonado da sua beleza, complacente com as suas fraquezas, aceitando humanamente os seus limites. Tudo isto é, queiramos ou não, o mais belo dos milagres, o milagre natural da conquista humana do prazer e da felicidade.

Foi ali, nas Janelas Verdes, olhando uma velha estátua mutilada, que compreendi jamais ter deixado de ingenuamente acreditar na ingénua Grécia de Renan e que negá-la agora seria repudiar os mais belos sonhos da minha mocidade. E nós estamos irremediavelmente condenados a transportar até ao fim os nossos sonhos, por mais cansados que nos sintamos. Também então compreendi que para acreditar na Grécia e amá-la como a amo, não seria indispensável negar toda essa angustiada busca de transcendência que depois dela veio, toda essa dolorosa ascensão do homem através das catedrais góticas e do Pietà de Miguel Angelo até á Guernica de Picasso e á Idade Atómica. Como não seria legítimo negar a vida dolorosa de um homem para sòmente fixar os aspectos felizes da sua infancia. E a Grécia é a infancia social da Humanidade, mas uma infancia normal e feliz, repleta de promessas de um futuro que ainda não se realizou.

Termino convidando-te, amigo leitor, a ires um destes domingos ao Museu de Arte Antiga para olhares esse torso de mármore de Paros e espero que darás o teu tempo por muito bem empregado. Aconselho-te também a ires olhando, de passagem, para os nossos presépios e as nossas faianças, porque vale bem a pena.

Esqueci-me da «Origem da Tragédia» para só ver uma raça bela e jovem...

OUVIR BATER O CORAÇÃO DO MUNDO

O coração e as chamas

Vieram dizer-lhe que o filho estava salvo. «Ah, bom!» exclamou ele, com um sorriso, embora sofresse dores atrozes

Viena. A das valsas romanticas com revoadas de sonhos. Essa que vem até nós com todo o prestígio do seu Danubio azul a descobrir recantos misteriosos no nosso coração.

A literatura finda aqui. A realidade vai começar —que é como quem diz, vai começar o espectáculo. As valsas e o Danubio são o véu que não sublinham, antes escondem o trem quotidiano. A realidade que inventamos para poder suportar a realidade que se nos impõe.

Em Viena, como em outras grandes cidades, a luta pela vida mata lentamente os homens. Um emprego só não chega. Os professores são também repetidores, os empregados de escritório fazem as suas escritas particulares e os operários, findas as oito horas esmagadoras, ainda fazem uns ganchos quando podem. Aqui para nós: o horário das oito horas foi abolido. Não por diploma legal, bem de ver, mas por diploma real. Caímos novamente nas doze, catorze, dezasseis horas de trabalho diário. Voltámos ao subterraneo que supunhamos ter vencido.

Estou ouvindo o leitor: mas é o que sucede comigo! Claro. E comigo também. E com o meu vizinho aqui do terceiro andar. E com o senhor André Wurt, meu vizinho do primeiro andar, ali em Viena — na das valsas enleadoras.

André Wurt era operário numa grande oficina de fundição. Bom profissional e bom chefe de família. Pai de três meninos, um dos quais, Abel, de três meses apenas. Levar um barco com essa tripulação cada qual verá, por si próprio, como é difícil nos tempos que c o r r e m. Amontoam-se, diáriamente, as despesas com que se não contava, que não estavam no orçamento. Há que fazer-lhes frente, minar como as toupeiras. Arranjar novas fontes de receita...

Assim fez André Wurt. Instalou uma garrafa de gás no pequeno compartimento separado do resto da casa por um fino tabique de madeira. Ai trabalhava desde que regressava da oficina até altas horas da noite. Quanta vez não lhe apeteceu abandonar a tarefa, espairecer até ao jardim onde alguns dos seus amigos flanavam a essa hora... Quanta vez não desejou, mais do que tudo no Mundo deitar-se, dormir pesadamente e posadamente esquecer... E se não isso, apenas deixar tombar suavemente a cabeça e dormir alguns minutos. E se não dormir (o que seria imprudente, dado o perigo de explosão da garrafa de gás) fechar por alguns instantes os olhos cansados. Só por alguns instantes... Sem dormir, claro... Repousar, nada mais...

E embora lutasse com todas as suas forças contra o desejo insidioso, a verdade é que as suas forças já não eram muitas. A resistência abrandou. E o desastre deu-se. A p a v o r o s a explosão atroou o bairro pobre. Línguas de fogo saltaram o pequeno tabique e devoravam arcas, móveis, roupas...

André Wurt ficara milagrosamente incólume. E não perdeu um segundo. Arrostando com as chamas e o fumo que tudo envolviam e devoravam salvou os dois filhos mais velhos, entregando-os, pela janela, ao vizinho que lhe estendeu os braços. E quando se aprestava para se salvar ele próprio ouve que lá em baixo, angustiosamente, lhe perguntam pelo pequenino Abel.

O seu filho! O seu filho que ele julgava ter a mulher posto a salvo... Acontecesse o que acontecesse, devia ir arrancá-lo á morte.

Novamente as chamas e o fumo. Mal pode dar um passo. Levanta-se á sua frente uma barreira intransponível...

...Tiveram dificuldade em retirá-lo, os bombeiros, em arrancá-lo do braseiro. Durante t r ê s dias André Wurt não deu acordo de si. Horrorosamente queimado, as esperanças de o manter á superfície eram bem ténues. Mas a equipa de médicos não desistia...

Ao quarto dia, André Wurt abre os olhos, a custo. Como se acordasse de um pesadelo. Vê inclinado para si o rosto ansioso da mulher.

E as suas primeiras palavras foram:

—O menino?

—Está salvo!—respondeu-lhe a companheira. Tinha-o eu trazido comigo, logo que o incêndio rebentou.

—Ah, bom! — e um sorriso esforçou-se por lhe romper entre os lábios.

A luta contra a morte prosseguiu. P r o s s e g u e ainda. André Wurt sofre d o r e s atrozes. Mas o seu menino está salvo... «Ah, bom!». Isso é que vale. Tudo o mais é suportável...

WILLIAM SIMPSON

C O O L I S M O

existem na Finlandia talvez ás dezenas de milhares e assemelham-se aos seus colegas americanos, ingleses e suecos no comportamento e na maneira como se afundam no vício. Mais grave, ainda, é o problema das violências e danos causados pelos bebedores ocasionais nos seus desabafos explosivos».

Vai ser difícil, agora, quando se pretender arranjar modelos de comportamento, voltarmo-nos para os Nórdicos e dizermos: «Ponham ali os olhos, vejam que meninos bem educados!». Porque, pelos vistos,

onde há dificuldades e álcool, quer seja na Finlandia ou em Trancoso, o resultado não se fará esperar...

Três litros por pessoa

Mas não pensem que só os Finlandeses e os Noruegueses sofrem o jugo de Baco. Em Ffança o problema inquieta todos aqueles a quem o álcool deixa ainda alguns momentos lucidos. Nos ultimos anos, a média diária do consumo de álcool puro proveniente do vinho e de outras bebidas foi de um decilitro por adulto do sexo masculino. De acordo com um cômputo bastante fidedigno, parece que em 1936 sete por cento dos Franceses adultos consumiam, diáriamente, três e mais litros de vinho, o que equivale a três decilitros de álcool absoluto. A acreditar nas ementas dos restaurantes de que falámos há pouco, como toda essa gente há-de ser alegre, optimista, superior! Isso tudo apesar da instabilidade política, de inflação e da guerra-sorvedouro na Argélia...

Segundo ainda o dr. E. M. Jellinek, a posição dos Italianos em relação ao consumo do vinho é muito mais positiva. Lá não se empregam eufemismos para designar o bebedor imoderado. Um individuo nessas condições é pura e simplesmente um «bêbado». Desprezam-no «porque ele desacredita o uso do vinho, um dos produtos excelentes e tradicionais do país».

Vá lá a gente acreditar nas más línguas que atribuem os agudos e os graves de certa diva á ajuda mais ou menos sorrateira do alegre Baco!

Alcool para esquecer...

Outro país onde o álcool está causando vários estragos é nos Estados Unidos da América. Submetido, durante tão longo espaço de tempo, á lei seca, parece que se procura recuperar o tempo «perdido». Nesse aspecto, as mulheres americanas dão aos homens uma ajuda substancial. Pode-se mesmo dizer que nesse sector caminham ombro a ombro, que é o mesmo que dizer, copo a copo... Os filmes americanos levam aos quatro cantos do Mundo imagens que reflectem o interesse quotidiano, quase diriamos «constante», que as senhoras «yankees» votam ás bebidas brancas— e pretas (racismo á parte...). Volta não volta, depois de um curto diálogo, mais azedo de uma desilusão, de uma aventura frustrada, aí está o gesto mecanico de entornar três dedos de álcool num copo de cristal. E o gorgolejar cantante do veneno branco alastra, promissor, na sala escura... A comprovar aquela frase cáustica do crítico relativa a cineastas intemperantes: «O cinema está pagando ao vinho, com juros, o muita que lhe deve.. ».

Sejamos optimistas

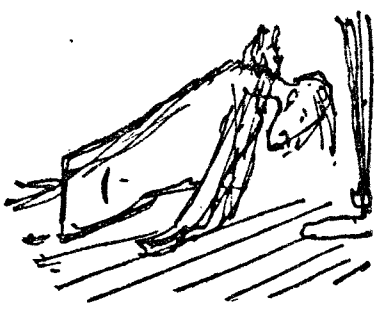
Atente-se, no entanto, ao outro lado da questão. Em tão grande numero como os bebedores incorrigíveis só os abstémios incorrigíveis. A teimosia que os primeiros põem na adoração de Baco, só é comparável á que os segundos põem na sua condenação. Simplesmente, o comércio ajuda poderosamente os alcoólicos (em França, por exemplo, há uma taberna para 97 habitantes...) enquanto os abstémios contam apenas, numa grande cidade como Paris, com meia duzia de casas que fornecem a pessoas inocentes, bebidas mais inocentes ainda...

Suponhamos que a vida sobre a

Terra se modificava radicalmente. Que desaparecia o medo atómico, que se facilitava o acesso á cultura, que o pão existia com abundancia em todas as mesas, que todos tinham lar, que havia centros de recreio e instrução e desporto onde fosse possível, ao mesmo tempo, cavaquear com os amigos. Nessa altura é que a acção desses heroicos abstémios vai ser importante.

Imaginem pessoas tão perseverantes e corajosas canalizando a sua actividade para um fim util e prático!

...Sim, porque nessa altura o alcoolismo, como praga social, terá



desaparecido. Embora o vinho, generoso e alegre, continue a aquecer o nosso coração. Que, aliás, não precisará dele para ser optimista.

MANUEL SALGUEIRO

Puskine invade a sala, que arrebatará o caixão para o levar aos ombros. Começa aí uma nova «vida» para Dostoievski—fora do tempo e do espaço, mas no coração daqueles que o amam.

Condensação de «A Vida de Dostoievski», excelente biografia da autoria de Henri Troyat, editada em Portugal por Estudios COR, na sua colecção DESTINOS, de que acaba de sair outra notável biografia: «A Vida de Toulouse-Lautrec», de Lawrence e Elisabeth Hanson.

POSTAL ILUSTRADO

por Manuel Agra

Haverá poucas coisas de que eu goste tanto como de ver alegria á minha volta. Embora eu não seja aquilo a que vulgarmente se chama uma pessoa alegre. Ou talvez por isso. Aliás, uma pessoa alegre em Portugal! *Les toujours gais...* Mentira. Andamos de olhos no chão como se a todo o momento dele esperássemos ver surgir a árvore maravilhosa...

No ultimo sábado houve coquetel (vai assim á brasileira só para irritar a D. Ester...) em casa do Mourão. Eu, antigo colega, fui convidado. Champanhes e «whiskies» e etc., nada disso, para mim. Para mim, geralmente, nessas festas é estar atento ao imprevisto que a sentinela, meio subornada pelo alcool, deixa passar em cada pessoa.

Foi assim que soube, por exemplo, como o Senhor M... amealhou a sua enorme fortuna em África. E foi assim também que tive conhecimento das estranhas desavenças entre A. e a L., um «casal modelo».

Mas isso não vem ao caso, por agora. Por agora convem dizer que foi uma festa animada. Até meteu conjunto musical que tocou tudo quanto sabia e quanto não sabia. Houve baile, houve grupinhos de anedotas picantes, houve rapazes e raparigas que desapareciam pela porta que dá para o jardim.

Havia também uma figurinha de mulher, calada como uma sombra. Insignificante, no seu discreto vestido negro, com um medalhão também escuro, ao pescoço. Apresentaram-ma: a senhora D... *o muito prazer* do costume e pouco mais. Falava pouco. Uma voz rouca, um esfarrapar de tecidos velhos. Nada a dizer com o rosto, envelhecido embora, mas gracioso ainda. Era — vamos a ver se consigo fazer-me entender — era como um pássaro disforme pousado no raminho de alecrim...

Conversámos de musica. Daquele «jazz» ao destrambelho pela sala fora. Que a fazia sofrer, visivelmente. De ópera, sim, é que ela gostava...

— Está certo, D. — dizia-lhe o marido — Deixa agora isso. Vem lá para dentro um pouquinho...

E fazia-me gestos incompreensiveis. A senhora D fez que não ouviu, e continuou a falar de óperas, esta ária e aquela, conhece? E aquela frase, assim... começou a trautear, a rosnar naquela voz de subterraneo e a taça do espumoso a tremer-lhe na mão e os olhos começando a ficar vidrados e depois a explosão de choro miudinho, com soluços e pequeninos ataques que estremeciam dos pés á cabeça o corpo insignificante.

O marido afagava-lhe os cabelos pretos.

— Pronto, querida, já passou. Palavra de honra, não compreendo!

E voltando-se para mim:

— Eu bem lhe estava pedindo que mudasse de conversa... Eu já sabia...

Não soube que responder-lhe. Que conversa? A musica? Mas toda a despesa fora feita por ela, toda, até o grunhido das árias...

No fim do coquetel dirigi-me á D. Ester. Intrigado. Aquela história da D....

— Ah! coitada da D.! — retorquiu-me ela. — Você não sabe? Não se lembra da D. M., aquela cantora? Tão benzinho que ela cantava. Chegou a fazer aí a «Aida», com o Alcaide, se não me engano. Depois apanhou aquela doença na garganta... Não se lembra? Foi muito falado...

...Era muito tarde, ou muito cedo, como queiram. Quase manhã. Estava frio. Levantei a gola do casaco, perdi-me na cidade. Quase manhã. E como eu gostaria que amanhecesse para todos...

SAIBA COMER SAIBA COMER

— Na verdade, gostaria que me explicasses o que é isso de Vitaminas, palavra tão em voga hoje.

— Tens razão; fala-se, sem bem saber ás vezes o que quer dizer. As Vitaminas são elementos tão necessários á nossa vida, que podemos compará-las a pequenos génios capazes de voar em socorro dos organismos deficientes. Sabes que a sua ausência pode sacrificar nações inteiras e fazer perigar as guerras?

— Isso é certo? Como?

— Vou-te contar. Há muitos séculos que uma doença grassava no Mundo — o escorbuto. Já no século XIII, Joinville, historiador que acompanhou Luís IX nas Cruzadas ao Egipto, descrevia de forma trágica o que se passava com as tropas. Os soldados apresentavam os joelhos inchados, as gengivas cheias de abcessos e no fim de certo tempo sucumbiam ás hemorragias. No século XVI descobriu-se que os legumes e os frutos frescos e especialmente o sumo do limão, tinham grande influência na cura desta terrível enfermidade. Todos os soldados em campanha eram obrigados a usar o limão em larga escala, para evitar ó que na História se chamou «a doença das Cruzadas». Claro que não eram as cruzadas que a motivavam, mas a deficiente alimentação das tropas em frutos e legumes frescos. No Extremo Oriente, onde a população se alimenta exclusivamente de arroz, o béri-béri, também vive paredes meias com essa pobre gente: os membros posteriores são atacados de paralisia, seguem-se as desordens cardiacas e depois a morte. E' um terrível mal, na verdade, que, de resto afecta grande parte da gente de todo o Mundo, em todo o Mundo onde se come mal.

— Mas parece que o remédio seria plantar árvores de fruto e semear legumes, não?

— De certo, mas não se leva a sério uma tão grande necessidade. E mesmo para essas populações, que também temos em alguns pontos do nosso Ultramar, bastaria comer o arroz completo. Há anos, um médico de Java, verificou que os prisioneiros que comiam arroz descascado eram atacados por tal enfermidade, ao contrário dos camponeses que o comiam completo. Concluiu que o farelo e os resíduos do arroz eram indispensáveis á alimentação. Repara que mesmo entre nós estes resíduos e o farelo destinam-se á alimentação dos animais; só nos defende o não comermos exclusivamente arroz.

— Bem, mas não me disseste ainda o que são Vitaminas?

— Depois de anos e anos de estudo, chegou-se á conclusão que, nos alimentos, ao lado das substancias nutritivas que já eram conhecidas, outras existiam, não menos necessárias. Foram baptizadas com o nome de Vitaminas. Em 1885, o francês Arnaud isolou das folhas verdes, das cenouras e saladas a «Carotena», e verificou que este pigmento que oxida com o ar, tem um papel importante nos fenómenos de crescimento do organismo,

pelas suas propriedades respiratórias. Em 1931, estabeleceu-se uma fórmula para a vitamina A, que tão grande papel desempenha no desenvolvimento da pele, do ouvido e dos dentes. Não se encontra sómente nas saladas e nas cenouras, mas também no fígado e no leite.

Por outro lado, depois de se haver descoberto o factor Vitamínico que curava o béri-béri, outros foram descobertos, como as várias Vitaminas B, cuja ausência provoca disturbios nervosos, musculares e cardíacos. A Vitamina B2 em particular, é insuficiente na nossa alimentação normal, em casos de gravidez ou de doença. Os alimentos ricos em Vitamina B são o germe de trigo, a levedura seca, os miolos, os rins...

— Mas então, podíamos arranjar um tipo de alimentação que remediasse todos esses males que apoquentam a Humanidade, uma vez que estão conhecidos e se sabe onde se encontram esses mágicos elementos.

— Sim, mas em conjunto não depende da vontade de cada um; como se trata de conhecimentos que estão em «moda» por recentes, todos esses alimentos onde se encontram as indispensáveis Vitaminas custam os olhos da cara.

— Mas não há forma de encontrar alimentos baratos que as contenham, também?

— Sim, mas os homens desprezam as substancias que lhes interessam neste capítulo,, enquanto, repara, os animais procuram frequentemente, os que lhe são necessários ao equilibrio organico. E desprezando estes alimentos o homem despreza a fonte da saude. E não é difícil: a VITAMINA C essencial ao crescimento infantil, encontra-se na salsa, nos agriões, na couve, nos espinafres e no limão. A VITAMINA D, indispensável ao crescimento, encontra-se no óleo de fígado de bacalhau que não é um remédio caro, pelo contrário. A VITAMINA E, com importante papel na fisiologia genital, encontra-se no óleo de germe de trigo; a VITAMINA F, que evita os eczemas, encontra-se no toucinho; a VITAMINA K, que influencia o processo de

coagulação do sangue, encontra-se nos espinafres.

Todas elas e muitas outras, são especialmente indispensáveis nas intervenções cirurgicas, nas doenças infecciosas, na gravidez, no aleitamento, em todos os esforços físicos, na exposição aos frios excessivos, nas tarefas intelectuais, e outros factores que solicitam as energias humanas. E' nestas alturas que o organismo necessita de um acréscimo de VITAMINAS para se defender.

Aqui temos mais seis alimentos que devem ser ou não considerados bons. As seis perguntas de hoje dizem respeito exclusivamente á carne, alimento que muita gente considera injustamente. Demos lugar ao juiz:

Não. Evidentemente, certas vitaminas podem ser destruidas pela cozedura prolongada; mas isto é de uma reduzida importancia, porque numa refeição normalmente equilibrada não é com a carne que nós contamos como fonte de vitaminas. E' inutil forçar uma criança a comer carne em sangue, quando esta lhe repugna. O que ela, de resto, perdeu quando cozinhada, ficou no molho da cozedura.

Não. Toda a carne de um mesmo animal tem igual valor alimentar.

Não. Em certos países, o porco é perigoso por causa das triquinas que contém. Mas nem sempre isto se verifica. De resto, o controle médico-veterinário está alerta contra os animais infectados. Estamos, pois, nós alerta também, com a carne clandestina.

Sim. O presunto de porco é pobre em tecidos conjuntivos, sendo portanto fácilmente atacado pelos ácidos digestivos.

Não. As pessoas normais podem comê-la sem receio, desde que não abusem. A caça, abatida em pleno esforço contém matérias extractivas, alteradas pela fadiga. Além disso, o sangue também se altera uma vez que a carne é consumida muito tempo após a sua morte, o que, isto sim, provoca toxidade para os fígados débeis.

Não, tranquilizem-se os apreciadores deste manjar. Mas é o aparelho digestivo que, por vezes, os não suportam bem. Por isso bom não abusar, se se sofre já de certas perturbações de digestão.

Memórias dum homem do século — (4)

Um gastrónomo e um cozinheiro nas suas sete quintas

O COZINHEIRO tinha um grande desgosto. Na segunda-feira fazia um pitéu digno dos deuses; dai a três dias, ao repetir a receita, tudo lhe saia diferente.

O GASTRÓNOMO também sofria um profundo desgosto: comia da comida feita pelo cozinheiro (umas vezes divina, outras vezes vulgarissima) e, além disso, nem sempre estava nos seus dias *ou, por outras palavras,* acordava certas manhãs com a boca a saber-lhe a velhas bibliotecas...

UM DIA FORAM a um estabelecimento e trouxeram-me com eles para casa. Então sucedeu que

o cozinheiro passou a cozinhar pratos sempre perfeitos
o gastrónomo passou a sentir que tudo lhe sabia divinamente

AGORA NOTE BEM :

isto que sucedeu a dois solteirões, aconteceu também a centenas de milhares de casais que eu conheço. Desde que entrei em suas casas nunca mais os maridos questionaram com as queridas metades a respeito da comida. E' verdade que, por este meio, muitissimos divórcios se evitaram, ao mesmo tempo que eu não permitia que alguém

comesse gato por lebre

NA VERDADE quando serviam gato eu logo desmascarava o mistificador; e a vitima logo sentia que as suas papilas gustativas eram estimuladas, que o seu paladar era, portanto, mais fino. E o gato sabia-lhe infalivelmente a gato...

Ora experimente-me em sua casa. Uma pequena pitadinha. Depois diga-me se não sou um verdadeiro achado!...

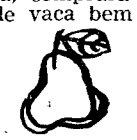
AJI-NO-MOTO

AJI-NO-MOTO

100 % DE PALADAR — 100 % DE GOSTO NA VIDA

SOPA INSTANTANEA

Quer maravilhar as suas amigas, fazendo uma apetitosa sopa em 20 minutos? Então, ouça: para um litro de sopa, comprará 500 gramas de carne de vaca bem escolhida e



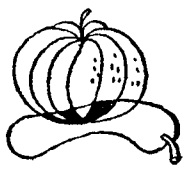
magra. Depois de cortada aos pedaços, deite numa vasilha com litro e quarto de água. Corte finamente os legumes e deite na panela, ao mesmo tempo. Um pouco de sal e dois grãos de pimenta (se gosta) e deixe ferver, reduzindo a fogo logo que entra em ebulição, pois o caldo deve ferver a fogo muito lento, durante 15 minutos. O caldo assim obtido apresentar-se-á turvo, pelo que deve coá-lo por um pano fino. Sirva quente com quadradi-

nhos de pão frito ou torrado no forno.

EMPADÃO DE RESTOS DE SOPA

Enquanto coze o arroz ou batata para o empadão, frite em manteiga até alourar, os restos da carne e dos legumes que ficaram na sopa. Deite no prato de ir ao forno e cubra com o arroz temperado de manteiga ou o puré de batata. Também pode cozer esparguete, cobrindo tudo com um pouco de molho branco espesso. E deixe alourar, no forno, enquanto torra quadradinhos de pão para a sopa. Acompanhe com salada de alface.

NOTA—*Os quadrados podem ser torrados em quantidade e guardados num frasco de vidro bem ro-*



lhado. Conservam-se muito tempo, prontos a servir.

«MOUSSE» DE BANANAS

E' uma sobremesa económica e que não demora mais que 15 minutos a preparar. Esmague bem as bananas com o açucar, o vinho do Porto (pode dispensá-lo) e um pouco de creme fresco (pode substituir o creme por claras em castelo). Coloque em taças e enfeite com frutos cristalizados Sirva bem fresco.

CAMINHANDO PARA UMA VIDA AGRADÁVEL

4—Como poupa a sua saúde

V. EX.ª, MINHA SENHORA, certamente já tem ouvido dizer ás pessoas de idade, e a respeito da lavagem de roupa, essa frase mágica para elas: **«no meu tempo...»**

É VERDADE QUE aqui há uns bons vinte anos a lavagem de roupa não constituia grande problema. As criadas estavam anos numa casa, havia-as em quantidade, o quintal e as varandas abertas faziam parte de toda a habitação. A roupa era lavada nos intervalos em que a criada, quase sempre, preparava as refeições. Até dava jeito que assim fosse. **Porquê?** — perguntará.

PORQUE A COBA era uma das fases obrigatórias por que passava a roupa branca. Todo o dia — quando e enquanto havia sol—a roupa para ali estava, indolente, regada de vez em quando, á espera que se desse o milagre da brancura.

HOJE, MINHA SENHORA, tudo mudou. O pessoal é cada vez mais escasso e a criada já não suporta **«todo o serviço»**. Recorre-se, então, á mulher-a-dias. Porque esta se torna, porém, um auxiliar dispendioso, todas as semanas a ganhar e a comer — a roupa tem de lavar-se num só dia.

EIS O GRANDE PROBLEMA! O dia da lavagem nem sempre é um dia de sol — e o sol não é um cão a que se ponha a coleira ao pescoço, não é um animal doméstico: pode ser pródigo no Verão, pode jogar connosco ás escondidas na Primavera e no Outono — entrando em férias alternadas que, pelo Inverno, se tornam muito assíduas... Além disso, quando temos sol á mão de semear faltam-nos os bons e velhos quintais, as largas varandas abertas onde antigamente se estendia a roupa. Todo o espaço agora é pouco para construções. A mulher-a-dias não pode, nas seis horas de serviço, esperar que a roupa **core** ao sol, mesmo quando o há.

TUDO PARECE ENCARNIÇAR-SE contra si, minha Senhora!...

É ENTÃO QUE, sorrateiramente, surge um substituto do sol: **a lexívia.** Mas só na sua grande aflição V. Ex.ª poderá confundir o mágico sol com a lexívia que tão grandes inconvenientes apresenta: em excesso é perigosa porque ataca as fibras do tecido; não pode ser aplicada nas sedas naturais nem artificiais, nem no próprio «nylon»; torna a roupa áspera, pouco duradoura e mal cheirosa.

PERGUNTA-ME V. Ex.ª: então o problema é insoluvel? Não há nada que substitua o sol?

RESPONDO QUE SIM: a ciência moderna criou um novo tipo de sabão que produz o mesmo efeito que o sol, que **cora** toda a roupa, que não desbota os tecidos de cor. Este sabão faz uma lavagem impecável sem esfragar a roupa: é o sabão activado C. U. F.

RESUMINDO TODOS estes pormenores que temos muito prazer em lhe oferecer, sobre a solução para o problema duma lavagem de roupa, **perfeita, em qualquer época do ano,** podemos fazê-lo da seguinte forma:

V. Ex.ª, MINHA SENHORA, pode lavar na Primavera, no Verão, no Outono e no Inverno — com a certeza de ter sempre a roupa bem **corada,** usando o Sabão Activado C. U. F.

4.ª LIÇÃO DO CURSO DE LAVAGEM DE ROUPAS OFERECIDO PELO SABÃO ACTIVADO C. U. F.

Não se podem admitir, minha Senhora, os velhos processos de lavar a roupa. Não é só o tempo que perde, nem só as mãos deformadas, envelhecidas; é a própria roupa maltratada.

Pense no que será o processo de a esfregar—nas mãos ou na pedra do tanque—de a bater, de a torcer. As fibras do tecido são repuxadas com violência, torcidas, partidas, por fim.

Não há tecido, por muito bom que seja, que resista a tais tratos de polé.

Só tem um caminho a seguir, minha Senhora, se pensa que poupar a roupa é uma forma de economia: usar uma máquina-lavadeira.

A máquina-lavadeira não esfrega, não puxa, não torce. Por um dispositivo especial, a água é agitada em todos os sentidos e com ela, a roupa. Uma boa sabonária, feita com bom sabão, basta para a desencardir.

Mas se escolher uma SERVIS, minha senhora, o seu triunfo será completo. A máquina SERVIS não estraga a roupa, não a rasga, não lhe arranca as fitas nem os botões.

Em resumo, a SERVIS, é a amiga dedicada da sua roupa.

Poupe a sua roupa, usando uma SERVIS — a ultima palavra da técnica no ramo da lavandaria moderna.

Leia os nossos próximos comunicados, aos sábados, e visite os nossos salões de exposição na Avenida Fontes Pereira de Melo, 45, na

ou no 2.º Salão de Artes Domésticas.

Com um simples telefonema para 5.91.81 receberá em sua casa, á experiência, uma máquina de lavar SERVIS e uma das nossas demonstradoras prestar-lhe-á todos os esclarecimentos necessários.

LIDANO

O SORVETE EM PÓ PARA SER FEITO EM CASA. PURO E PERFEITO PARA AS CRIANÇAS

quidão, pelos cabelos e começou a descrever o meu caso ao visitante: arrepelando-me, empurrou-me a cabeça para a direita e para a esquerda, puxou-me, e observou-me as orelhas, espiou-me os olhos, o nariz, a garganta, e sempre descrevendo os meus sintomas, sem o mínimo recato nem qualquer consideração pela pessoa do portador. Eu não existia, era um feixe de sintomas.

Classificou o meu nistagmo, depois, forçando-me rudemente a inclinar a cabeça para a esquerda, depositou-me algumas gotas de líquido no ouvido direito, para agravar o penoso fenómeno: é com efeito, o espasmo ocular tornou-se tão violento, que eu me senti desvairar. No meu estonteamento intolerável, a sala girava em torno de mim, senti-me oscilar e rotar na cadeira, fraco, miserável e banhado em sofrimento. Percebi que ia perder a consciência, que ia cair ao desamparo no chão, e provávelmente geni de dor. De vez em quando a mão brutal sustinha-me pelos cabelos, sacudia-me barbaramente, e a voz continuava a explicar com um entusiasmo digno de melhor objecto.

A enfermeira, que assistia a tudo isto de pé, ao meu lado, tentava interrompê-lo, agarrou-me num ombro, e acabou por dizer: «Ele vai desmaiar! Está cheio de dores!» O chefe continuava empenhado em demonstrar ao visitante o nistagmo provocado, e não a ouviu. Sentindo o apoio da **nurse,** virei-me para ela, como pude e supliquei: «Éter! Dê-me éter!» (Donde me veio esta ideia?). Ela correu a uma estante e voltou com um frasco e algodão ensopado no volátil, que eu aspirei com veemência. Senti-me reviver. Ainda posso lembrar o olhar de censura que ela atirou ao carrasco indiferente.

O que é que faz as mulheres tão boas, tão sensíveis á nossa dor? Quanto temos que agradecer-lhes e esperar delas! De quanto temos que penitenciar-nos, e quanto nos resta reparar e compreender!

Saí dali sem que o monstro tivesse uma palavra ou um gesto. Mas a memória daquela **nurse** anónima, cheia de solicitude para o estranho, o mero caso de hospital, ia unir-se agora em mim á de Miss Goldis, para me dar da Mulher uma visão nova, impessoal, fraternal, e uma nova tolerancia e simpatia pelos seus problemas.

Terna e compassivamente, a **nurse** aconchegou-me no cobertor, fez-me rodar para fora daquele antro de dor e humilhação, compôs-me a cabeça torturada, murmurou-me não sei que palavras de consolação, e restituiu-me ao dr. Bigby e ao meu refugio. Aquele meu primeiro retrocesso ao mundo dos vivos, após ter transposto a invisível fronteira, só me fazia desejar mais intensamente a rápida resolução do meu caso: pelo aniquilamento.

Ao reentrar na cama e no repouso, e apesar disso esmagado e exausto, eu tinha apenas um pensamento: «Porque é que eles nos não deixam morrer em paz? Para que prolongam isto?» Morrer parecia-me, então, libertar-me e repousar. Não era a morte, o aniquilamento, o que me aterrorizava: era este inglório e degradante sofrimento de ser manuseado com uma coisa, um nada, ninguém, — esta perda total da personalidade diante do «caso», muito mais dolorosa do que as lançadas que continuavam a fender-me o cérebro.

(Não vão supor que este quadro de calejamento profissional, de crueldade pessoal, envolve uma generalização ou condenação: ao contrário, eu desejo antes acentuar os traços de devoção, humanidade e sacrifício que tenho encontrado na classe médica. Uma andorinha não faz o Verão...)

A atmosfera não era o que, a rigor, pode dizer-se alegre. Se o leitor foi alguma vez internado numa vasta enfermaria dum velho hospital publico, o mais certo é que não tenha gostado nada do ambiente: a não ser que estivesse demasiado doente para notar fosse o que fosse. Ora eu estava perfeitamente lucido, e portanto consciente da estranha, desoladora e fatigada paz que se segue ás tarefas matinais numa enfermaria hospitalar; do silêncio, indiferença ou curiosidade solidária ou hostil com que os internados acolhem o recem-chegado.

O que me rodeava não era nem atraente nem animador (embora o atenuasse o meu optimismo, adquirido no Beth Israel): cerca de quarenta homens, ou mais, jaziam nas camas, algo apertadas, da sala grisalha e obscura, de tetos muito altos. Alguns convalescentes e ambulatórios estavam agrupados junto das janelas, a Este, lendo os jornais, conversando ou jogando as cartas. Outros circulavam á toa, de olhar vago e triste. A' minha direita, um homem enorme, de cabeça envolta em ligaduras, amarrado ás pranchas laterais da cama, grunhia e gemia, inconsciente, ás vezes com movimentos convulsivos. A médica que o tinha operado, nova e atraente, vinha curvar-se para ele e indagava aos gritos:

«Mr. Hartman, Mr. Hartman! Ouve o que eu lhe digo? O homem regougava lá das profundezas da sua miséria — sinal de que um raio de consciência persistia no seu cérebro meio desfeito... Ela insistia: **«Mr. Hartman,** responda!»

A' minha esquerda, um negro claro, ainda novo, bem parecido e bem falante, travou conversa comigo. Tinha sido esfaqueado numa desordem do Harlem, e ficara com alguns nervos seccionados, parcialmente paralisado. Depois de várias operações, tinha uma larga experiência da enfermaria, seus usos e costumes, e disse-me logo que eu ia ser operado: «Esta fila de camas está reservada aos casos cirurgicos». Percebi que me tinham piedosamente iludido, e que sofria de facto de um tumor ou obcesso... Mas, no meu sofrimento, eu já estava por tudo.

Do nosso lado, perto das janelas, um paralítico reclamava a enfermeira em gritos: ela acudiu, tarde demais, com a arrastadeira, e houve risos em volta. O fétido espalhou-se. Outros doentes dormiam, esperavam, deliravam, gemiam, protestavam, eram empurrados em cadeiras de rodas, ou estavam de olhos perdidos nas paredes grisalhas e nuas, no teto distante e enfeitado de sombras. Alguns agonizavam, num coro de estertores.

O negro do lado, sorridente, pôs-se a ler magazines com fêmeas nuas na capa. (Em alguma coisa um impotente há-de entreter o seu tempo, não é assim?) Mr. Hartman roncava a espaços, surdamente, e tinha convulsões que ameaçavam rebentar com cordas, tábuas e grades. Na fila de camas do lado oposto, um moço pálido fitava-me com tristeza, como se quisesse dizer ou ouvir alguma coisa: procurava talvez um olhar de comiseração? — dizia-me a sua piedade? ou tentava fazer-me sentir a identidade dos nossos destinos? Não sei. O certo é que me fez sentir que pertencíamos ao mesmo mundo, o mundo dos homens excluídos, condenados; e, com a consciência disso, deu-me o meu primeiro momento de agonia e fez-me subir lágrimas aos olhos.

Convenci-me, de pronto, de que estava acabado: o mulato tinha razão, eu ia ser operado; abcesso ou tumor, a localização do meu mal — na base do encéfalo — traçava a minha condenação. Ou então a infecção tinha lavrado por demasiado tempo, alastrara ao ponto de que o tratamento ia ser ineficaz. Aquela massa de pus em aumento ia esmagar-me os centros

Picasso

Em 25 de Outubro de 1881, nasceu Picasso, um dos homens mais discutidos do nosso tempo. Tal como a sua existência futura, a sua entrada no Mundo foi diferente da dos demais bebés. Sem nenhuns sinais de vida, tudo se fez para que cobrasse alento. Pelo menos, o que é normal fazer-se. Em vão. Os médicos desesperavam. Mas um deles, tio do recém-nascido, que ao gosto da época fumava charuto, lança-lhe no rosto uma forte baforada de espesso fumo. Tanto bastou para que o bebé acordasse. A esse charuto se deve a vida do que viria a ser Pablo Picasso. Teria este nascimento anormal influido na personalidade tão discutida de Picasso? Mais tarde, observado por vários médicos, feito um encefalograma, chegou-se á conclusão de que ele era absolutamente normal. A que secreto desígnio se deve ele ter-se tornado esse homem estranho, esse artista extraordinário? Picasso teve, em pequeno, um ambiente calmo, quase melancólico. Aos oito anos pinta o primeiro quadro—um toureiro.

O gosto pela pintura vem-lhe do pai, pintor também; a simpatia pelos toureiros vem da frequência com que o pai o leva a tais espectáculos. Nesse quadro, a pintura dos olhos parece-lhe difícil. A irmã, então de cinco ou seis anos apenas, resolve o problema da maneira mais fácil e inesperada: fazendo dois buracos com um prego. Pela vida fora, os olhos dos seus modelos serão, sempre, um elemento digno de nota. Imensos sempre, profundos, dolorosos, mudamente eloquentes, como se transmitissem uma mensagem de desanimo recalcado

Aquele sentimento que ele não soube exprimir em criança, mas que decididamente, já sentia, na vida dos seus semelhantes, pelo menos daqueles com quem irá contactar, infelizes todos eles. Cada um á sua maneira.

Aos 10 anos vai para a Corunha. Aí, passa dias e dias, sem poder sair, impedido pela chuva. Dias consecutivos ela cai sem tréguas, empapa as ruas e as almas O pai do pequeno Pablo sente-se deprimido, não sai de casa; a criança sofre essa dolorosa influência. Não tem amigos. O pai é um espírito mediocre. A ociosidade toma conta do pequeno Pablo. Nem já a pintura lhe interessa. Os quadros ficam por acabar. Também os temas são sempre os mesmos—os predilectos do pai: pombos. Este pormenor virá reflectir-se na sua obra, lançando o Mundo a pomba, lendária já. Dos pombos, passa aos gestos. Mãos e pés. Destes, passa aos retratos. São sempre modelos de velhos, de cegos, modelos de faces escavadas e tortuosas, mais fáceis de pintar, talvez, mas que deixam na criança o amor pelos infelizes. Mais tarde, já homem, volta a esses gessos que havia guardado. Deles faz «naturezas mortas» cheias de vida, da vida que Picasso interpreta para eles: Mãos descarnadas, gretadas pelo trabalho, bruto, dedos torturados, pés inchados e informes; os mesmos que pintara em criança, mas que agora via com outros olhos. E' assim que ele vê a Humanidade, pelo menos aquela que pinta, pés e mãos de animal de carga, que não tem nem sente, no lombo, senão o peso da canga. Mas Picasso vê muito mais. Esse muito mais pinta-o ele nos olhos enormes de animais acossados, mudos e eloquentes de quem nem sequer tem coragem para revoltar-se. E' assim que ele se evade dos ensinamentos do pai; e de tal maneira, que este sente quanto o filho se distancia e, possívelmente, quanto sabe mais do que ele. Então abandona a pintura para sempre; dá ao filho os pinceis e a paleta — homenagem dum homem ao artista.

Não mais Picasso deixará este caminho agora encetado. Os modelos, para ele, pouco contam. Sobre aquilo que os olhos vêem, põe tudo o que tem dentro de si. O pincel traduz uma prodigiosa imaginação e uma grande tortura. Talvez nem ele próprio saiba dizer «porque» e «como» sente o que pinta; nem ele deve saber os limites do razoável e da loucura. A pintura deve ser um alívio para a sua insatisfação congénita; todos aqueles sentimentos violentos, impetuosos que sempre o torturaram, são reproduzidos em tintas, em lápis ou em carvão; é mais o que sente do que o que vê. As cores o dizem. Ele sabe dosear as rosas e os azuis para uma fase de ternura, os negros e os cinzentos para a loucura da guerra, os tons neutros para a perda de um amigo. Pela peneira da sua espantosa personalidade, passa tudo o que vê na vida quotidiana. A qualquer modelo que trabalha, acrescenta um pormenor que não existe senão no seu espírito, confuso, mas que representa o porquê daquilo que pinta.

Em Paris, dedica-se a temas sociais. Os favoritos são as mulheres e o vinho, os dois flagelos que lhe levam o então melhor amigo—Casagemas. Picasso que tanto amava a vida sente-se acabrunhado com aquela perda. A solidão, que tanto teme, sugere-lhe os quadros «O morto». «A invocação», «A vida». Esta morte não tem só influência nas suas telas; tem-na, também, na vida do artista: Foge ás ligações amorosas duradouras, com medo das complicações que haviam levado Casagemas para a morte.

Pela primeira vez, em 1901 ele defronta o publico parisiense. Fala-se dele. Tão mal que Picasso quase duvida das suas possibilidades. E' criticado e incompreendido, mas não desiste. A pintura é para ele o que os alimentos e a água são para o comum dos mortais. As estravagancias são próprias da sua natureza estranha. Vai do riso á melancolia, com extrema facilidade. Mistifica sem esforço. Mas sobre isto tudo, tem um fundo de compreensão e generosidade que faz com que a casa se lhe encha de amigos. Nas diversas fases da sua pintura encontram-se algumas «maternidades», que bem revelam a sua sensibilidade. As «mães» que pinta nada têm das Virgens dos clássicos. Elas são humanas, são mulheres tal como as que conheceu na vida aventurosa—mulheres para quem a maternidade tem um sabor amargo de pecado. A beatitude de expressão dá nelas lugar á angustia, á dor de saber a vida que espera o filho nascido das suas entranhas. Se ele um dia pintar aquele filho, certamente o verá herdando da mãe uns imensos olhos onde a angustia do inevitável põe uma expressão como que de pejo por manifestar a própria incerteza da vida.

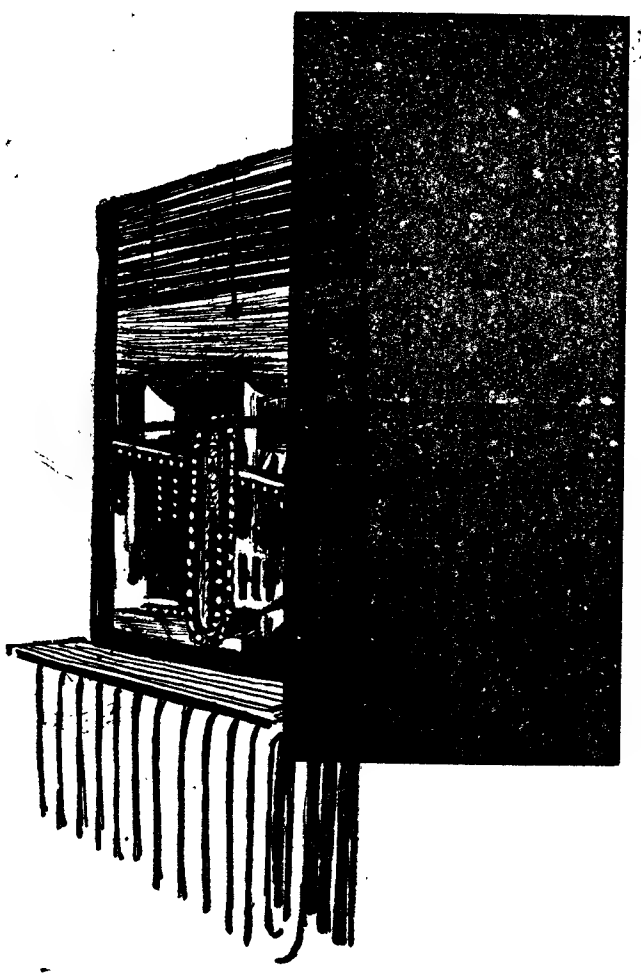
MARIA GABRIELA WALTER

Auto-retrato de 1906

LIVROS DO BRASIL
Têm a honra de anunciar
a edição portuguesa de

PICASSO
A SUA VIDA E A SUA OBRA

obra excepcional
de
ANTONINA VALLENTIN



nervosos, propagar-se ao bolbo, aniquilar-me. Eu tinha da barreira cerebral noções suficientes para entrever a dificuldade da actuação do antibiótico. Ainda que me salvasse a vida, ia-me tornar um «caso de asilo» — um entrevado, uma ruína física e mental, torturado de espasmos e dores, incapaz de ver bem, de lutar e trabalhar, — um trambolho, e agravar as dificuldades e apoquentações dos meus. E eu não queria viver a existência larvar dum tolerado, um peso-morto digno de piedade e alvo dela. Não, antes morrer! A vida é a um tempo demasiado boa e demasiado exigente para tolerar a presença de tais seres entre os que lutam e criam. Todas as minhas esperanças, tudo aquilo — ideais, sonhos, obras — para que eu tinha vivido e lutado, — tudo acabado, baldado, **finished.** O caminho estreitava-se na minha frente, descendo, cada vez mais apertado e mais fundo, para se ir perder no negrume do nada, no seio indiferente da Terra. Não, eu não queria viver assim nem um minuto, era melhor morrer, eu queria, eu **devia** morrer. E quanto mais cedo melhor! Então, com os olhos turvos de amargas lágrimas, através das quais mal podia entrever o vulto pálido do meu silencioso interlocutor da fila em frente — supliquei que Ela viesse, depressa, benéfica e ropousante, recolher-me nos seus braços de frio e de vermes.

Foi nesse instante, posso jurá-lo, que transpus resolutamente a invisível fronteira que separa os Vivos dos Mortos. Encarei o negrume, e avancei para ele com amor e convicção. Os meus olhos secaram quase de repente. O rapaz pálido continuava a fitar-me: sorri-lhe carinhosamente — pertencia agora também ao seu mundo, o mundo dos homens em transição.

* * *

«O **chefe** quer saber o que pensam do seu caso os camaradas do nariz e ouvidos», disse o dr. Bigby. «Vamos lá baixo á Clínica». Ergui-me contrariado e titubeante, a tremer de fraqueza e dor, para mais aquela prova. Teimavam em me fazer regressar ao mundo dos vivos, com o qual eu acabava de romper gloriosamente.

Sentei-me na cadeira de rodas, abafado num cobertor, e o médico empurrou-me pela enfermaria fora e ao longo de sombrios corredores varridos de vento e atravancados de doentes em camas, em macas, em cadeiras de rodas e bancos, ou circulando vagarosamente. Passámos por outras enfermarias transbordantes, através de cheiros enauseantes de cozinha, de desinfecções e supurações, e por entre gemidos e brados. O dr. Bigby inclinou-se para mim e sorriu: «**C'est la guerre!**» Parecia, com efeito, um hospital de campanha.

Descemos escadas, transpusemos outros corredores desertos, e chegámos enfim á Clínica de Nariz, Garganta e Ouvidos. O médico entregou-me a uma nurse e desapareceu. Fiquei na minha cadeira de rodas, com a cabeça pesada de dor e opressão, eu que sempre tinha sido leve, ágil e equilibrado. Esperei muito tempo, em náuseas, na sala inóspita e por contraste gélida.

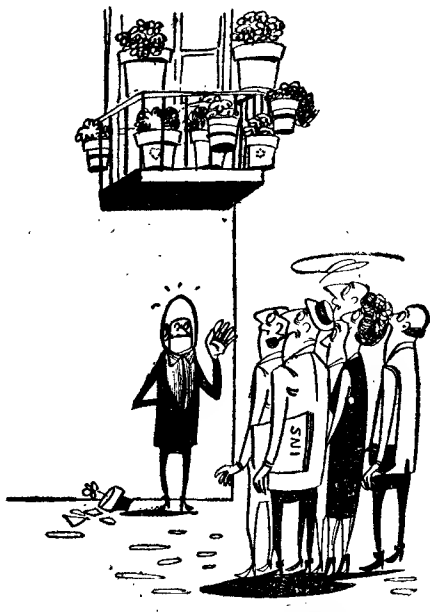
O chefe da clínica, julgo eu, homem robusto, vermelho e talvez de uns quarenta anos, conversava com um colega visitante e deixou-me ali que tempos, esquecido. Eu estava agora na presença de estranhos, que não sabiam nada de mim, nem tinham comigo nenhum laço, e para eles eu era apenas mais um caso de hospital, um objecto de curiosidade clínica, uma simples trouxa humana.

Depois dum rápido olhar á papeleta, o chefe agorrou-me com brus-

foguetes e MANGERICOS

ENTÃO TU, É QUE ERAS O ANIMADOR DAS MARCHAS LÁ DO TEU BAIRRO!...

ESTA LÁ... É DOS BOMBEIROS?



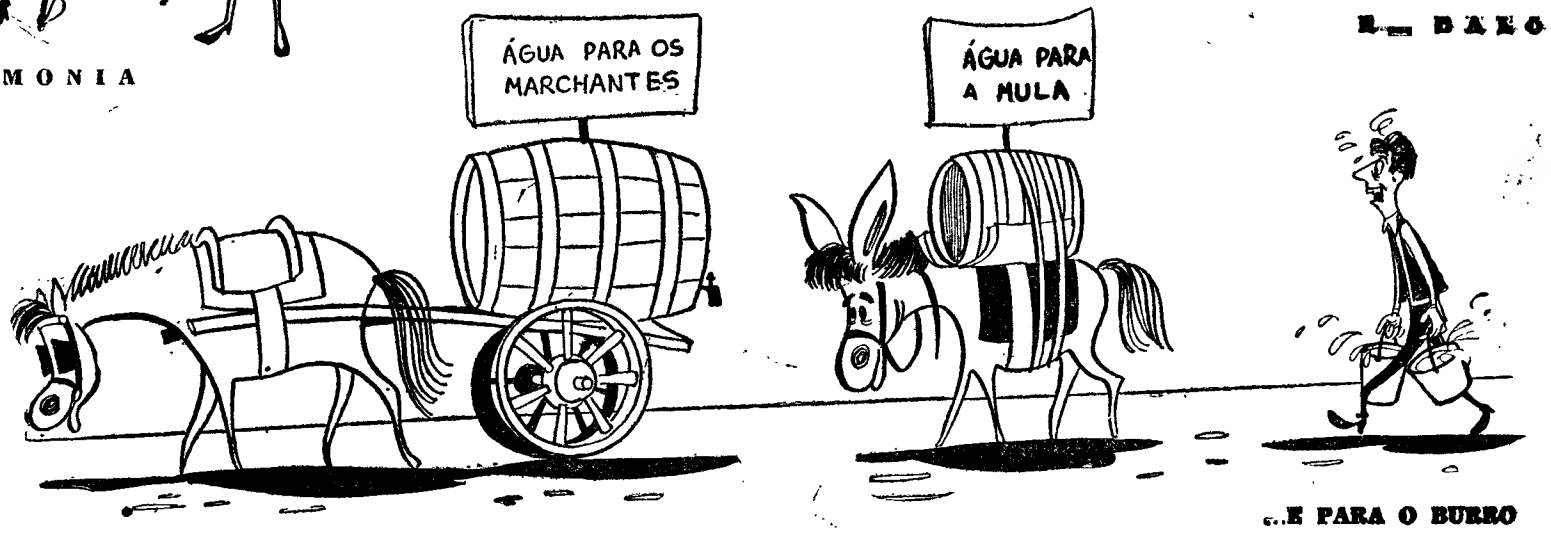
JANELAS FLORIDAS
O GUIA — Não se aproximem.

R I T M O

ORA BOLAS... É AGUA...

H A R M O N I A

E... BALOES



...E PARA O BURRO

PAGINA DA

Toalha singela para a casa de campo

E' de bom gosto usar na casa de campo elementos de carácter ornamental representando assuntos da vida campestre que possam ter qualquer encanto. Aqui temos uma toalha de linho branco, guarnecida por uma renda onde podemos admirar grupos de coelhos bravos, em plena liberdade, junto da urze selvagem.

A renda que tem 0,20 metros na largura foi executada na malha de duas laçadas com linha Mercer corrente branca n.º 20. Uma amostra desta malha importa em 6$00 e o desenho da renda em 7$00 que podem ser enviados em selos. À cobrança, mais 2$00. Pedidos á Página da Mulher. «Diário de Lisboa», Rua da Rosa, 57, 2.º, Lisboa.

VARIEDADES

O moralista é como um poste indicador da estrada: aponta a direcção de um lugar onde ele nunca vai...

*

Algumas viagens de recreio são motivadas pela «gracinha» de um amigo que manda um postal dizendo: a polícia descobriu tudo. Fuja.

*

Se as mulheres dirigissem os negócios do Mundo acabariam com todas as armas de guerra, menos a língua...

*

Era um casal que brigava constantemente. E não porque tivessem opiniões diferentes, pelo contrário, tinham sempre a mesma opinião: qualquer deles queria mandar.

*

Um senhor dizia:
—A minha religião diz-me que tudo quanto se dá, nos é devolvido no dobro!
E logo o outro que o ouvia respondeu:
— Pois, a minha religião devolve no triplo! Dei minha filha em casamento, e já a tenho a viver na minha companhia, acompanhada do marido e de um «bebé».

*

Os sinos, ao contrário do que muita gente julga não têm a sua origem ligada ás cerimónias da religião católica. Na antiga Roma o toque dos sinos servia para chamar as pessoas que quisessem utilizar-se dos balneários publicos.

Eis duas graciosas «toilettes» de criadores diferentes, realizadas com material igual. O modelo da esquerda é de Manguin e o da direita de Jacques Heim. Empregaram o tule branco bordado e fitas negras de «satin» para o modelo da esquerda, e de veludo, para o da direita

C

Ba

Demol
de bacal
te ou p
triga. E
ás roda
tacho á
bacalhau
ta, uma
que ser
e um p
lho c
calhau
Logo
com ro

Pe

Para
-se um
partir e
tamanh
xe espa
corvina
Come
maneira
Faz-se
picada
centano
água. E
junta-se
deixa
disto, e
mesa, t
tão deix
ta-se-lh
ovos, q
lume p

Pergunte para saber

MARIA DA PROVINCIA — Os artigos a que se refere não têm nome especial. Chamam-se, muito simplesmente, «amorteccdores para brincos» e constam de umas pequeníssimas esponjas que têm uma parte colante para aderir ás molas dos brincos e impedir que estes magoem as orelhas. Tiram-se, põem-se, e mudam-se de uns brincos para os outros, muito fácilmente. Encontra-os na Casa Batalha — Rua Nova do Almada, 77, Lisboa.

MARIA DA VOZINHA — As torradas á francesa são feitas da seguinte maneira — cortam-se fatias de pão, untam-se com manteiga de porco, sal em ambas as faces, e levam-se ao lume sobre uma fregideira bem limpa. Depois de aloiradas servem-se quentes e são deliciosas.

Para sobremesa das crianças é uso polvilhar estas torradas com açucar e canela, enquanto estão quentes.

Na casa onde passamos os escassos e bem ... vemos estabelecer o máximo de comodi... uma solução para o problema que tanta ... de habitações para diversas finalidades. ... dorme, são também servidas as refeições ... que possam aparecer. Mas tudo se arran... sempre estabelecido um ambiente de agrad...

Elegância e Beleza pelas Especies Vegetais
OBESYL
chá
Combate as gorduras
Regula o intestino, normalisa o figado, activa a função renal.
A venda nas bôas Farmácias

MAQUINAS DE
ESPECIAIS PARA A GRANDE IND
DUSTRIAIS PARA O AR
SINGE
SEMPRE CONSIDERADAS. MUNDIA
CATEGORIA. AS MAIS PERFEITAS E
NA VANGUARDA DOS APERFEIÇOAM
MUITOS MILHARES EM USO NO
CERCA DE 2.000 MODELOS DIFER
FINS DA COSTURA INDUSTRIAL.
* Marca Registada de The S

O ALIMENTO FAMILIAR POR EXCELÊNCIA DADA A SUA ECONOMIA, FÁCIL E RÁPIDA PREPARAÇÃO E ALTO VALOR ENERGÉTICO.

UM BOM PRATO DE MASSAS TEM LUGAR EM QUALQUER MESA.

É bom... é saudável, por isso... o Homem das Massas aconselha:

RECEITA 2

Sopa à Pescador com Cotovelos

Põe-se ao lume, numa caçarola, um decilitro e meio de azeite, duas cebolas medianas, cortadas miúdas, e dois dentes de alho esmagados. Quando a cebola estiver estalada, juntam-se 4 cenouras e 4 batatas, descascadas, cortadas aos bocados, dois litros de caldo de cozer a cabeça de qualquer peixe, um bom copo de vinho branco seco, salsa inteira, sal e pimenta.
Estando tudo cozido, junta-se 500 gramas de peixe prèviamente cozido, que ferverá mais 3/4 de hora. Passa-se depois tudo por peneiro metálico e o caldo volta ao lume com 250 gramas de «cotovelos». Logo que a massa esteja cozida, rectificam-se os temperos e serve-se em seguida.

ovic

COM MASSAS... A VIDA É MAIS GOSTOSA

OIÇA TODOS OS DIAS EM RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS O «HOMEM DAS MASSAS»

Maravilhosamente com SKOL

que não é gorduroso nem oleos

Bronzeie-se desde o primeiro dia ao sol — confor... tàvelmente sem os inconvenientes dos produto... gordurosos ou oleosos. SKOL opõe uma barreir... aos raios solares que queimam — só deixando filtra... os que bronzeiam — Não suja a pele — Não deix... que a areia se agarre.

Usada por mais pessoas do que qualquer

DA MULHER

CULINÁRIA

Bacalhau encapotado

Demolhadas e enxutas, 3 postas de bacalhau fritam-se em bom azeite ou passam-se por ovo e farinha triga. Fritam-se, também, batatas ás rodas, finas, e colocam-se num tacho ás camadas, alternadas com bacalhau. Com salsa, cebola, pimenta, uma gota de vinagre, o azeite que serviu para frigir o bacalhau, e um pouco de farinha, faz-se um molho que se deita por cima do bacalhau e se deixa cozer.

Logo que esteja apurado, serve-se com rodelas de limão.

Peixe frito de fricassé

Para este prato deve empregar-se um peixe grosso, que se possa partir em filetes ou em postas de tamanho médio, por exemplo: peixe espada, pescada, pargo, goraz, corvina, etc.

Começa-se por fritar o peixe da maneira que toda a gente sabe.

Faz-se um refogado com cebola picada e manteiga, que se vai acrescentando com umas colheres de água. Quando a cebola está loura, junta-se-lhe o peixe frito, que se deixa passar no refogado. Depois disto, e quase á hora de ir para a mesa, tira-se o peixe do molho. Então deixa-se arrefecer o molho, junta-se-lhe duas ou três gemas de ovos, que se ligam bem. Volta ao lume para cozer as gemas, tempera-se de sal e sumo de limão, polvilha-se com salsa e deita-se este molho sobre o peixe frito, já disposto na travessa em que se há-de servir.

Bacalhau assado no forno

De véspera, põem-se de molho algumas postas de bacalhau grosso. No dia seguinte lavam-se muito bem, escamam-se, e colocam-se, inteiras, numa frigideira de barro.

Cortam-se rodelas de chouriço e fatias de toucinho, e, com elas, se lardeia o bacalhau. Deita-se uma colher de banha de porco, rodinhas de cebola, salsa, pimenta, dois dentes de alho, colorau doce, e rega-se tudo com bom azeite.

Mete-se a frigideira no forno, e deixa-se assar bem o bacalhau, tendo o cuidado de o voltar assim que esteja assado dum lado, para ficar bem lourinho por igual.

ARTE em tudo e sempre

Dar a todos os pratos de culinária um aspecto agradável não é tão difícil como parece. Depende apenas de um pouco de paciência e de bom gosto. Este prato, que está muito apresentável, foi preparado da seguinte maneira: tiraram-se as espinhas a uma pescada cozida e dispuseram-se os lombos numa travessa. Cobriram-se com uma camada pouco espessa de puré de batata e sobre este foi posta uma camada de «mayonaise». Para enfeitar foram colocados lombos de sardinhas de lata, formando uns quadrados dentro dos quais se puseram azeitonas recheadas.

De cada lado do peixe foram colocadas meias rodelas de limão e sobre estas azeitonas recheadas.

Nos topos da travasse veem-se metades de ovos cozidos, tendo sobre as gemas bocadinhos de beterraba cozida e temperada com vinagre.

Umas cenouras cozidas e bocadinhos de couve-flor completam a guarnição.

Prático e elegante

Nem todas as senhoras fisicamente — ou do ponto de vista psicológico... — se adaptam á linha saco e trapézio. Para essas, que são em maioria, a moda continua a impor modelos clássicos, como este, de saia toda pregueada, um corpo comprido rematado na frente por laçada e que aperta com quatro grandes botões. Repare-se que o chapéu é pequeno, porque a moda, com todas as suas leis de compensações e equilíbrios, ditou, ao lado dos grandes chapéus enterrados, estes no alto da cabeça e pequeninos

escassos e bem merecidos dias de férias de-cimo de comodidades. Aqui se apresenta ema que tanta vez se nos depara da falta sas finalidades. Neste aposento onde se idas as refeições e recebem-se as visitas s tudo se arranja de modo a que esteja biente de agrado para qualquer dos efeitos

S DE COSTURA

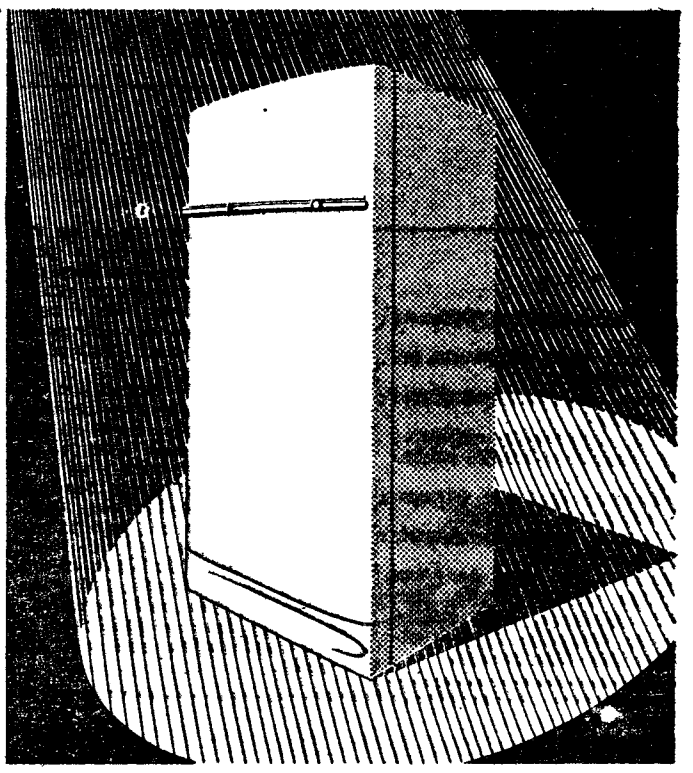
GRANDE INDÚSTRIA E SEMI-IN-
PARA O ARTESANATO

NGER*

DAS. MUNDIALMENTE, AS DE MAIOR
PERFEITAS E AS MAIS RESISTENTES.
APERFEIÇOAMENTOS TÉCNICOS.
EM USO NO NOSSO PAIS.
DELOS DIFERENTES PARA TODOS OS
USTRIAL.
stada de The Singer Manufacturing Co.

SKOL
nem oleoso
ao sol — confor-
es dos produtos
põe uma barreira
ó deixando filtrar
pele — Não deixa

que qualquer outra loção de bronzear



GENERAL ELECTRIC
-U.S.A.-

Apresenta o mais sensacional frigorífico americano

8,1 P.C. = 228 LITROS 8.750$00
O FRIGORÍFICO PARA TODA A VIDA
EM EXPOSIÇÃO NA
Barata
AV. DA LIBERDADE, 131
VENDAS EM 6, 12, 18, 24 E 36 MESES

Sapataria
ORION
Apresenta as suas ultimas novidades para a estação, desde 170$00.
R. Garrett, 42—Tel. 25943

Máquina de TRICOTAR BUSCH
APENAS POR 115$ MENSAIS
CHEGOU NOVA REMESSA DA MAIS SIMPLES, ECONÓMICA E SENSACIONAL MÁQUINA DE FAZER "TRICOT"
REPRESENTANTES:
AGÊNCIA COMERCIAL SUECA, Lda.
Avenida Fontes Pereira de Melo 37
Telefs. 5 61 61-2-3 - LISBOA

Espuma Seca

Centenas de escudos de economia ! Limpeza a seco de Carpetes e Passadeiras. Estofos de Automóveis e de Moveis. Pelas suas mãos e na sua casa ! Rapidez e simplicidade de aplicação ! Em menos de uma hora, sem nódoas, sem sujidade e completamente eco. Ficando com aspecto novo e brilhante ! Sensacional produto da Química Alemã.

A venda em todo o Mundo, e em PORTUGAL em todos os bons estabelecimentos.

Representantes: SCHROETER & ALMEIDA
Rua da Madalena, 128, 2.º — LISBOA

Seja esperta !

No aproveitar é que está o ganho !

Se o seu vestido já está muito visto ou desbotado, modifique-o, tinja-o ou avive-lhe a cor, em casa, com as famosas tintas RAPOSA, a marca alemã que domina em todo o mundo há mais de 60 anos. As tintas RAPOSA para tingir em casa estão à venda em todas as drogarias.

CASA AFRICANA
VESTIDOS TAILLEURS, SAIAS, BLUSAS, CASACOS
PRONTO A VESTIR

Eduquemos o nosso filho!

Agora, durante as férias...

Se...

...o seu filho mostra falta de apetite,
...apresenta uma curva na coluna vertebral,
...as suas funções musculares são débeis,
...tem as omoplatas salientes e as espáduas muito escondidas,
...o abdomen liso e a evacuação intestinal anormal,
...as pernas exageradamente altas e delgadas
—é quase certo que se trata de uma criança fraca. Embora aparente boa saúde, não se descuide, faça-a observar por um médico.

Eu sei! São tantos os problemas a que tem de prestar atenção, mãezinha, que não lhe é possível seguir os seus filhos hora a hora, passo a passo, embora lhes dispense os seus maiores e melhores cuidados. Mas agora, durante estes dois meses de férias, a sua vida modifica-se por completo, não é verdade? Vai para a praia ou para o campo, na disposição de ser um pouco... «não te rales». Quase não pensa na casa nem nas suas multiplas obrigações. Tudo está bem, tudo serve, tudo se desculpa. Fica o espírito livre, leve para descansar e... tomar sabor á vida! Que bela oportunidade, mãezinha, para se dedicar completamente aos seus filhos!

Vamos correr com eles á beira-mar ou pelas estradas bordadas de pinheiros! Cantemos as suas canções, dancemos as suas danças, joguemos os seus jogos. Sobretudo aproveitemos o contacto com a Natureza, não apenas para lhes fortificar o corpo mais também para despertar neles o amor por toda a obra da Criação e pela vida simples e sadia.

Vamos ensinar-lhes o amor da terra, das árvores, dos animais. Que eles fiquem a conhecer um pouco o labor das plantas e dos insectos. Que eles fiquem a saber como da semente sai a planta e da planta o pão, o azeite, o linho... Vamos entusiasmá-los na organização de herbários, na construção das casinhas rusticas, no desenho das paisagens. Acompanhemos os nossos pequeninos revelando á sua sensibilidade o sentido profundo das coisas e da vida.

Voltaremos de férias mais novas, mais ricas de optimismo e teremos dado aos nossos filhos a melhor lição, a mais proveitosa: ela perdurará pelos anos fora e—quem sabe?—talvez os courace contra o materialismo grosseiro e o pessimismo destruidor que cegam aqueles que complicam e deturpam tudo, talvez porque não tiveram na infancia quem lhes mostrasse o caminho da vida pura e simples, a unica verdadeiramente elevada e bela, a unica que vale a pena viver.

Multiplicam-se, em todos os países, os centros materno-infantis, onde a saude das crianças é seguida regularmente por pessoal especializado, ao mesmo tempo que as mães são instruidas sobre a maneira como devem cuidar dos seus meninos. Este pequerrucho, enquanto espera a sua vez de ser atendido pela enfermeira pediatra, entretem-se com a sua recente descoberta: os seus próprios pés

Concurso-Relâmpago da Boa Educadora

III

Joãozinho não quer comer

Joãozinho está sentado em frente do prato da sopa. A mãe tenta meter-lhe a colher na boca.

— «Era uma vez uma cabrinha que andava no prado»...

Joãozinho ouve a história mas não abre a boca.

— «Vamos, Joãozinho, come. Já está tudo frio».

Mas nada demove o menino. Então a mãe ameaça:

—«Não comas, não! Vem aí o homem do saco, e leva-te. Que medo!»

A criança olha desconfiada. A mãe insiste, vai mesmo até á janela chamar o homem do saco que passa na rua. Joãozinho alarma-se, chora, e a mãe aproveita para lhe meter a sopa pela boca dentro.

*

Aqui tem a leitora outra pequena história vulgar. Faça os seus comentários. Como procederia no lugar da mãe do Joãozinho? Esperamos que nos diga tudo o que entender a respeito deste caso até ao próximo dia 18. Escreva o seu nome e direcção. Querendo, acrescente um pseudónimo.

O melhor trabalho será publicado nesta página. A sua autora receberá, como lembrança, uma assinatura da revista «Os Nossos Filhos».

CAIXA DO CORREIO

Natália — E' claro que também pode concorrer. Fico, até, muito contente por saber que as raparigunhas se interessam por este concurso. Gostei da sua resposta. Mas ela é mais, uma história bonita, do que a solução do problema, tendo em conta a psicologia infantil. Não lhe parece?

Tricana em Beja — Porque diz que não tem «queda» para escrever? Pelo contrário, escreve com facilidade e clareza. A sua resposta foi das melhores.

Maria Alzira Soeiro — Também a sua resposta está muito bem. Fiquei contente por saber que esta página lhe tem sido util.

Maria Lucia — Espero continuar a receber as suas respostas. Esta estava bem. Peço-lhe que escolha outro pseudónimo.

Angolana — As suas ideias estão certas, mas a sua maneira de escrever é um pouco confusa. Procure escrever com mais simplicidade.

Maria Isabel — Peço-lhe que reveja a sua opinião. Gostaria que encarasse de maneira diferente os desejos e os desgostos das crianças.

Pseudo-mamã da Julinha—A sua resposta ficou em terceiro lugar. Continue, pode muito bem ficar em primeiro, como é seu desejo...

■

A melhor solução do primeiro problema

Foram muitas as soluções inteligentes e certas que recebemos. Tanto assim que resolvemos dar dois prémios em vez de um: duas assinaturas da revista «Os Nossos Filhos», uma á senhora D. Maria Alice Ribeiro Costa Rodrigues da Silva, de Algés, e outra á senhora D. Maria Margarida Silva, de Lisboa.

Publicamos hoje um dos trabalhos premiados, e o outro será publicado na próxima página.

A MENINA E A BONECA

Comentários acerca da História da Julinha

A criança é diferente do adulto. Tem manifestações diferentes. Reage de modo próprio e não igual ao do adulto. Por vezes é incompreendida por aqueles que a cercam devido a um desconhecimento absoluto da psicologia infantil. Muitos pais há que descuram este problema tendo, no entanto, possibilidades intelectuais de o estudar e de se interessar por ele.

Ora, o caso da Julinha é muito vulgar. Ela ficou estasiada perante a montra das bonecas.

«Aquela de cabelos loiros e vestido azul era tão linda! E, porque não possui-la? Pensava de si para si. Mas a mãe tinha pressa e não podia satisfazer o seu desejo. A criança chora, a mãe zanga-se, os outros olham, e a tragédia culmina com um par de açoites».

Parece-me que a mãe poderia ter enveredado por outro caminho, talvez mais frutífero, chamando a si um pouco da sua imaginação. Nada melhor para instruir e educar do que as lições vivas e oportunas. A mãe, ao ser instada pela filha, prestava-lhe atenção e por meio de uma conversa simples procurava desviar o seu interesse momentaneo:

— Gostas muito dela? E' bonita, tens razão. Olha que lindos caracois. E que vestido encantador. De que cor é? Quem o teria feito?

— O' mãe, compre-me a boneca.

— Vamos, minha filha, se te portares bem poderás ter a boneca que desejas. Olha, como a mãe não é rica e a boneca é muito cara, poderás ajudar-me na compra dela juntando o dinheirinho que te forem dando, sim? Agora, diz adeus á tua amiga e diz-lhe que qualquer dia a virás buscar.

A criança vai contente, vivendo aquele dia em que possuirá a linda boneca de cabeleira loira e vestido de seda azul.

Convencer uma criança não custa. O que é preciso é procurar entrar no seu mundo e não esquecer que ela é uma criança.

Maria Alice Ribeiro Costa Rodrigues da Silva — Algés

Consultório das mães

Meu pai, meu sogro e meu marido são médicos. Todos tinhamos muito gosto que o meu filho viesse a ser médico, também. Mas o pequeno, que a princípio afirmava que queria ser médico, em certa altura declarou que se quer licenciar em ciências biológicas. Já está no 5.º ano do liceu, e, por mais que eu lhe diga que um médico tem muitas mais possibilidades, continua na sua. Diz que sente grande vocação para a biologia. Ele é uma criança tem apenas 15 anos. Acha que devemos impor o nosso ponto de vista, ou deixar seguir a sua vocação?

Resposta:

— Penso que, perante uma vocação evidente, não se deve lutar. A não ser que se oponha uma razão muito forte, por exemplo, a saude, os pais não devem contrariar a vocação dos filhos. Se o seu filho sente verdadeira vocação para as ciências biológicas, obrigá-lo a seguir Medicina é fazer dele um deslocado, um insatisfeito, um revoltado talvez. Ainda que a carreira por ele preferida lhe pareça menos brilhante—será?—deixe-o segui-la. Ele saberá fugir á banalidade, elevar-se, vencer as dificuldades, desde que a vocação o arraste. Pense que a profissão não faz o indivíduo; o indivíduo é que faz a profissão. Quando se trabalha sem prazer, sem interesse, não se pode ir além da mediocridade, mesmo nas posições de mais largo horizonte. Quando, pelo contrário, o trabalho agrada, atrai, inspira e empolga, sai-se dos limites que pareciam intransponíveis e o fruto desse trabalho, por mais humilde que seja, brilha, desdobra-se, enobrece-se como todas as coisas grandes e belas. Ora, se isto acontece em relação a profissões modestas, com mais razão se aplica ao estudo de uma ciência de tão grande e apaixonante interesse como é a biologia. Como professor, ou como estudioso e investigador, seu filho, pode vir a ter um futuro brilhante e, o que será melhor, sentir-se feliz, porque realizou a sua aspiração.

Guerra à vaidade

Ensinemos as nossas meninas a serem simples e modestas. Comecemos por não criar nelas o culto da própria beleza: não se ensine a uma criança que é bonita, não nos extasiemos diante das suas graças e atavios, não a deixemos assistir a conversas que, de perto ou de longe, possam despertar ou estimular a vaidade. Isto não significa que devemos fazer das nossas filhas uns monozinhos desajeitados. Pelo contrário: cultivaremos a sua beleza, os seus encantos, mas de forma a sublinhar esses encantos e essa beleza pela graça incomparável da naturalidade, pois só assim elas se tornarão simpáticas e insinuantes. Podemos — e devemos — ensiná-las de pequeninas a cuidar dos dentes, da pele, dos cabelos, das unhas; da harmonia do corpo e das atitudes; da elegancia do vestuário e do penteado — mas sem as fazer vaidosas. Basta explicar-lhes que se trata da higiene, da saude, do arranjo, do bom gosto. Basta incutir-lhes esses hábitos simplesmente, naturalmente, acompanhando-os de raciocínios claros, inteligentes, bem orientados, próprios das suas idades e nunca de pretensões tolas e mesquinhas: para serem bonitas, para dar nas vistas, para parecerem melhor do que as outras.

Não devemos permitir ás nossas pequeninas e raparigas muito novinhas o uso de modas excêntricas, de pinturas, de perfumes activos, de joias valiosas ou complicadas. Não as deixemos ser mulheres antes de tempo, nem as deixemos enfermar dos defeitos feminis — o que se torna ridículo, direi mesmo, criminoso. Pois não será crime consentir que a malícia e o preciosismo ocupem o lugar da candura e da simplicidade?

Nestes dias de calor...

...Não dê bebidas geladas aos seus pequeninos. Isso tem os seus inconvenientes e nenhumas vantagens, tanto mais que a criança aprecia muito mais a palhinha e o formato do copo do que pròpriamente o líquido e a sua temperatura. Dê-lhes, portanto, mas ao natural, sumos de frutos, ou qualquer refresco inofensivo, como, por exemplo, estes de que lhe ensinamos a receita:

—Deite no copo uma colher, das de sopa, de café de cevada forte, outra de mel, a casca (vidrado) de meio limão, e acabe de encher com uma boa água de mesa.

—Deite no copo uma colher, das de sopa, de xarope de romã e acabe de encher com uma boa água de mesa.

Pequenas coisas...

- As crianças têm necessidade de admirar os pais. Que eles o não esqueçam e procedam de forma a merecerem essa admiração.
- Ensine os seus filhos a serem amáveis e bem educados. Isso contribuirá, mais do que pode supor, para o seu triunfo na vida.
- Os pequeninos têm boa memória. Não lhes prometa o que não lhes pode dar.
- A ternura das mães não deve ser violenta, espalhafatosa, intermitente. Mas calma, discreta e constante.
- Amar os filhos não é satisfazer-lhes todos os caprichos. E' tentar tudo para fazer deles seres conscientes, bons e honestos.
- Não faça troça das crianças, não ria dos seus ditos e atitudes. Tome-as a sério, compreenda-as, «acompanhe-as». As crianças não gostam que as troçem, isso irrita-as. E não se devem irritar as crianças.

Diario de Lisbôa

9-8-958

Textos
Augusto da Costa Dias, Mário Castrim e Manuel Salgueiros
Ilustrações
Tóssan e Figueiredo Sobral

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Rua Luz Soriano, 44 a 48 — LISBOA

CONCURSO

GIGANTES DA HUMANIDADE

Eis um verdadeiro exemplo: para os jovens, para os artistas, para todo o ser humano.

Para os jovens, porque, apesar de todas as oposições, éste genial pintor holandês do século passado soube lutar para seguir a carreira

que desejava, nunca se dobrando a considerações de ordem material, nunca aceitando uma profissão porque ela era mais rendosa.

Para os pintores, porque aliou a mais profunda e comovente modéstia ao amor da sua independência de artista. Nunca pintou para agradar aos compradores de quadros. Nunca pintou mentiras de encomenda. Pintou para oferecer aos homens, seus irmãos, uma imorredoira mensagem de beleza e de verdade.

Para todos, porque, escolhida uma causa justa, ou como presbítero ou como artista, sempre se mostrou capaz de viver e morrer por ela. Morreu pela Arte, esgotado de trabalho e de privações.

A loucura que o levou a cortar uma orelha — era a reacção de um organismo depauperado até aos ultimos extremos.

As respostas devem estar na Redacção até ao dia 18 de Agosto, acompanhadas dos seguinte elementos: data de nascimento dos concorrentes que ainda no-la não enviaram, e menção dos três artigos que mais lhes agradaram no «Juvenil» desta semana.

Além dos prémios habituais, distribuiremos um prémio especial para o melhor trabalho dedicado ao grande pintor que hoje homenageamos.

2.º CONCURSO

REPORTAGENS DE FÉRIAS

Vamos hoje dar uma grande notícia aos nossos jovens leitores. Decerto que muitos já esperavam por ela. Estes tiveram razão em esperar. Pois com certeza que não poderíamos faltar este ano com o

2.º CONCURSO «PORTUGAL E A JUVENTUDE»

De que se trata? — perguntam os jovens que a ele não concorreram o ano passado.

Apenas disto: aproveitando as férias os nossos jovens leitores farão uma ou mais reportagens sobre qualquer dos seguintes motivos, á escolha:

1. — costumes regionais do nosso povo.
2. — seus cantares e festas
3. — a beleza da nossa paisagem.
4. — os nossos monumentos.
5. — arte popular.
6. — lendas populares.
7. — a forma de falar do nosso povo.
8. — riquezas da nossa terra.
9. — como trabalha e vive o nosso povo.
10. — Educação, distracções e vida da juventude camponesa.

Em suma, Amigos: trata-se de revelar o nosso belo País á juventude; trata-se de levar os nossos leitores a ter interesse em observar com profunda atenção, a conhecer a sua pátria e o povo a que pertencem.

Maos á obra, portanto! O prazo para a entrega dos trabalhos acabará em 31 de Dezembro. Haverá três classes de concorrentes:

1.ª até aos 12 anos (inclusive).
2.ª dos 13 aos 15 (inclusive).
3.ª dos 16 anos até aos 20.

Na próxima semana falaremos de outros aspectos do nosso Concurso. Atenção, pois, á próxima semana!

Diz-me, amor

Diz-me, amor,
porque é que
a luz só me tem
quando os meus olhos
descansam
diz-me, amor,
porque é que
há tanta coisa tanta
que não desejo
e tanta coisa
que me vive
depois de morta
diz-me, amor,
porque é que
os meus sentidos
não são mais que
a contemplação do
brilho das estrelas,
a frescura inexprimível
duma gota de chuva
ou
o murmurio do silêncio
duma árvore deserta
vá, diz-me, amor,

PROBLEMAS DOS JOVENS

A ESCOLHA DE CURSO

Ana Maria Quintans Ferreira
17 anos — (Amiga 534)

Nesta época de exames, que serão imediatamente seguidos das matrículas, acho que este problema, mais que qualquer outro, deve ser ventilado no nosso Juvenil». E digo mais que qualquer outro, porque estou convencida de que dele depende que os jovens de hoje não sejam amanhã adultos que fracassaram completamente.

E' corrente que a escolha de curso tenha a presidi-la a maior interesse material. E assim, um rapaz ou rapariga com dotes literários, que se interessa pelo passado e com certo poder de observação, renuncia a históricas e vai para Engenharia. Haverá ainda outro, com grandes aptidões técnicas, que irá para Medicina, pois essa profissão é tradicional na família. E uma vida que poderia dar 100 por cento á sociedade, limita-se a ser medíocre, sem interesse.

Pergunto a mim mesma por que é que não existem junto dos estabelecimentos de ensino, institutos psicológicos—orientados talvez pelos professores—que indicassem ao jovem menos conhecedor de si próprio, o caminho a seguir. Pergunto a mim mesma por que há famílias que parecem apostar-se a cortar sem dó um pouco da felicidade a que cada homem tem direito.

Peço-vos que não encarem o meu artigo como protesto ou manifestação de revolta, salvo se para vós revolta significar amor á liberdade humana. Compreendo que, por vezes, a parte material tem imenso valor, mas a felicidade de se saber que estamos no verdadeiro caminho, ou a que experimentaremos no fim dele, não é para desprezar.

VISTOS PELOS JOVENS

FLASH

Por Manuel Agra

UM ROUXINOL NA CIDADE

De manhã é que se começa o dia. Pois. O ultimo bocado de pão na boca, bebido o ultimo golo de café com leite — as escadas descidas á pressa para não perder o «eléctrico» das sete e quarenta.

Conheço quase todas estas pessoas que descem comigo a rua para começar o dia. Aquele sujeito magrinho, que leva uma pasta. Trabalha em Cabo Ruivo, parece. E o da boina, de lancheira muito bem tratada, protegida por duas correias. Operário do alfeite. E aquela senhora nova com a expressão de onde se espera sempre que um sorriso levante voo. E o rapazinho aprendiz não sei onde. Os óculos carregam-lhe o ar fatigado. Parece um velho...

Conheço-os. Pois nunca nos falámos. Nem ao menos Bom Dia! Nem ao menos um gesto bom, para começar a faina quotidiana. O gesto bom que está nos braços de nós todos...

Não querem saber? Ao pé da minha casa há aquele poste dos telefones. E lá em cima, todas as manhãs, vai pousar uma ave que parece arrancada a alguma lenda maravilhosa. Canta que se desfaz. A fantasia, a alegria, o desembaraço daquela voz matinal! Não estou a inventar. Passem pela minha rua se quiserem ver e ouvir a mensagem de amor e de confiança do pequenino ser.

Hoje descia eu a rua e que vejo? Um grupo parado no passeio, e constituído pelo da lancheira, o guarda-livros, a senhora com o sorriso-para-já, o aprendiz. Aproximei-me. Interessado.

—E' um melro...

—Não, não é. E' um ferreirinho...

—E' um tentilhão...

Eu aventei que era um cochicho, vagamente recordado das aves da minha terra. Mas o sujeito alto, o da pasta, foi categórico: tratava-se pura e simplesmente de um rouxinol... Ele sabia. Quando era pequeno, há muitos anos... Na sua terra, em Miranda do Corvo, não sei se conhecem... Aí é que eles cantam! Só queria que ouvissem... Nunca mais lá voltei, a vida, vocês sabem... Mas eu ouvia-os do meu quarto...

...E o rouxinol não pára. Incansável. Como quem tem pouco tempo para dizer tudo e não pode perdê-lo. Em baixo, no passeio, a assembleia interessada escuta-o. Descemos, depois, a rua sem desfazer o grupo. Conversamos. Já não somos desconhecidos. Quer dizer, começamos a aprender a lição do rouxinol.

...e o castelo rendeu-se

Por volta de 1381, Beja era uma pequena vila, entregue aos mil cuidados da lavoura. O seu povo vivia quase exclusivamente da terra. E' fácil imaginar como sofria nas épocas de crise, quando o Sol torrava as searas ou a azeitona morria na árvore. Mas os momentos de aflição passavam, renasciam as esperanças em melhores dias... E assim, Beja arrastava ao longo dos anos a sua pacatez que os moiros já não turvavam...

Naquele dia, á vila não parecia a mesma. A atmosfera carregava-se de electricidade, de nervosismo, de inquietação...

Fora o caso que, na véspera, um pregoeiro saira á rua:

Ficam avisados os principais deste lugar de que devem comparecer amanhã na porta de Santa Maria da Feira, para ouvir recado de cartas que a senhora rainha D. Leonor mandou!

O povo miudo que tal ouviu ficou sobressaltado. De boca em boca, como quem, pacientemente, enfia um colar de pequeninas contas, as notícias iam passando. E os temores e os boatos não tardavam a formar um rio caudaloso...

No dia seguinte, quando Estêvão Mafaldo, João Afonso Neto, Mendo Afonso e outros maiorais estavam reunidos para escutar «recado de cartas», o povo começou a juntar-se no ádrio á espera de saber que recado vinha a ser aquele da rainha. Mas havia demora — o tempo escoava-se e alguns, mais insofridos ou mais experientes, murmuravam:

—Mau sinal, amigos... As boas novas não têm por hábito tardar tanto... — Grandes cartas são aquelas que tanto demoram em ser lidas... — comentava outro.

A inquietação apoderava-se da arraia miuda que começou a movimentar-se, em vagas curtas, como as do mar que presagia tempestade. E uma voz, partida de um grupo mais afoito, rompeu: —Afinal que gente somos nós que ninguém vai saber o que elas dizem?

Ergueram-se braços, uma floresta deles:

—Vou eu!
—E eu!
—Contem comigo!
—E comigo!

—E de mim, Vasco Rodrigues Carvalhal, não se diga nunca que nesta hora dormia á sombra das carvalhas. Aqui estou. Mas nem todos, evidentemente, podiam ir. E assim, trinta dos mais decididos e ao par da questão lá foram aonde os maiorais tinham conselho. Foi, para estes, uma desagradável surpresa. Com dificuldade recobraram a calma. D. Estêvão Mafaldo, veio arrogante ao encontro dos homens que levavam á frente Gonçalo Nunes. Com voz autoritária perguntou:

—Que ajuntamento é esse?

—Não é ajuntamento nenhum — respondeu firmemente Gonçalo Nunes — E' só para saber o que dizem as cartas da rainha...

D. Estêvão pasmou do atrevimento. E a sua voz vinha carregada, ao mesmo tempo, de despreso e de receio:

—As cartas não vos dizem respeito.

Gonçalo Nunes não se deixou confundir:

—Tudo nos diz respeito, a nós, amigos do senhor Mestre de Avis, com quem está a razão de Portugal.

—A razão está com el-rei de Castela.

—Senhor — volveu Gonçalo com terrível carregar de sobrecenho — olhai que nossos avós vos podem estar ouvindo debaixo desta terra...

—Mas sabeis vós, acaso, míseros ovelheiros, o que se passa?

—Sabemos que morto D. Fernando e casada sua filha, D. Beatriz, com o rei de Castela, ficou o reino dividido em duas partes. Uma, com a rainha D. Leonor por cabeça, entende que devemos ficar sujeitos ao castelhano; a outra, que é raiz e alma de Portugal, entende conservar livre a terra que livre herdaram... A primeira é a parte mais fraca e pelo mais fraco se julga que a corda parta...

D. Estêvão teve um meio sorriso irónico:

—E como sabeis vós que essa é a mais fraca?

—A parte mais fraca, senhor, é sempre aquela onde o povo não está...

—Mas vós não avaliais com justeza a questão de direito...

—Ah. de direito sabemos nós que bonde! Do direito que tem cada qual de defender a sua terra.

D. Estêvão Mafaldo sentiu que o chão se tornava movediço debaixo dos seus pés.

Tinha dificuldade em enfrentar aqueles olhos severos que o fitavam. E resolveu-se, num golpe teatral, a recorrer á arma que tantas situações resolvera já na sua vida: a autoridade que derivava do seu alto nome:

—Acabou-se! — exclamou em voz vibrante — Não pedimos a ninguém lições sobre o caminho a seguir!

—Pois é bom que escolheis o melhor, pois sois vós uns quatro ou cinco e não me parece isso bastante para defender a vila...

—Basta de palavreado, Gonçalo Nunes! — bradou atrás dele um companheiro — Portugal não é carneiro que se leve á praça. Eles que digam, e depressa, o que vem nas cartas da rainha...

Mendo Afonso, temeroso, achou que o melhor era mesmo publicar as cartas e entregou-as a um tabelião que se adiantou:

—As cartas dizem que o rei de Castela é forte e vem aí com quarenta mil homens...

—Pois que venham! — gritou uma voz de mulher — os que não couberem em cima da terra hão-de caber debaixo dela!

—Manda — prosseguiu o tabelião — que lhe façamos bom agasalho...

—Não! Nunca!

—Viva o Mestre! Viva o Mestre de Avis, o filho de el-rei D. Pedro!

—Arraial, arraial, pelo Mestre de Avis, defensor de Portugal!

Gonçalo Vasques de Melo, alcaide do Castelo de Beja, saira da reunião por portas travessas, e guarneceu de homens de armas os muros do castelo. O povo deu conta do que se passava. Precisava de tomar o forte. Mas não tinha armas nem estava preparado para combater os de dentro do castelo. Homens e mulheres avançavam a peito descoberto. Das ameias choviam virotões que os dizimavam, sem piedade. Subitamente, esgueram-se vozes de todos os lados:

—Fogo ao castelo! Fogo ao castelo!

De rastos, Gonçalo Nunes, Vasco Rodrigues, Nunes de Alvelos e Gonçalo Ovelheiro, iam amontoando lenha junto ás portas. Depois, uma tocha voou como se fosse arremeçada pelo braço gigante da multidão...

Em breve, as portas do castelo ficavam transformadas em cinza e os defensores rendiam-se.

...Aquela mesma hora, por toda a terra lusitana, ardiam as portas de castelos. Portas que o nosso povo depois reconstruiu para defender a terra sagrada de Portugal. Para que a terra, que herdaram livre, continuasse livre!

MARIO CASTRIM

> **...Aquela mesma hora, por toda a Lusitania, ardiam portas de castelos... E a terra sagrada de Portugal continuou livre...**

E A VIDA CONTINUA...

por Alberta Manuela Morato de Melo
(12 anos)

A noite estava fria. O vento era cortante, fustigando as pessoas que se atreviam a sair á rua.

A chuva caia encharcando tudo e todos e a trovoada aproximava-se.

As ruas tinham um aspecto sinistro, apesar de os candeeiros estarem acesos e certos cantos davam a impressão de nunca terem conhecido o que era a luz de uma lanterna.

Os pobres, famintos e esfarrapados, procuravam abrigo nas escadas que se encontravam abertas e, alguns, atreviam-se mesmo a bater ás portas.

Nesse momento passava na rua uma mulher levando pela mão duas crianças magras e mal vestidas, que choravam com fome.

Encaminhavam-se para uma casa já muito velha, e em parte arruinada, que ficava num recanto de triste aspecto. Uma janela frouxamente iluminada e o ruido de uma máquina de coser eram o unico sinal de vida no meio de tanta miséria.

Entraram. Lá dentro, num quarto pobre mas limpo, uma mulher ainda nova mas envelhecida alguns anos pelos desgostos cosia á máquina, muito curvada para a costura.

O quarto tinha por móveis apenas uma cama, três cadeiras e uma máquina de costura, já muito velha e antiga.

Quando a rapariga entrou com as crianças pela mão, a outra mulher levantou-se bruscamente e ordenou-lhe que as deitasse.

Depois, fez-lhe sinal para que se conservasse calada, até que as crianças adormecessem.

Pediu-lhe então que falasse ao que a outra não se fez rogada:

— Já não nos dão nada. — Disse. — De nada servem as lágrimas das crianças e as minhas, nem os miseráveis farrapos que nos cobrem.

—E eu... Eu já não suporto mais! Estou farta! Farta da vida que levo, farta da fome e da miséria que passo, farta de mim mesmo! Ouve? Estou farta! — exclamou soluçando.

A outra escutava-a com um sorriso irónico, distendendo-se-lhe os lábios e um brilho de astucia nos olhos que quase desapareciam nas pálpebras enrugadas.

A rapariga, por fim, esgotada pela fadiga e pela fome, deixou-se cair, sem forças, em cima de uma cadeira.

A mulher continuava a coser murmurando qualquer coisa inintelígivel, enquanto o mesmo sorriso irónico lhe bailava nos lábios.

Ana, assim se chamava a rapariga mais nova, deixou-se envolver pelas suas recordações, esquecendo-se do sítio onde se encontrava, tão distante estava ela nesse momento.

*

Via-se outra vez criança e feliz. Pertencia a uma familia abastada e vivia num palacete que seu pai mandara construir quando casara. Cresceu, levando uma vida despreocupada. Era muito amiga dos pobres e, como a fortuna lho permitia, distribuia grandes esmolas, sendo estimada por todos os seus protegidos.

Um dia, porém, sem se saber como, houvera um incêndio em sua casa.

Seu pai, sua mãe e a maior parte dos criados morreram. Foram apanhados de surpresa, a dormir. Ela conseguira salvar-se saltando por uma das janelas, no desejo de fugir ás chamas que irrompiam pelo quarto, devastadoras.

Mas ficara na miséria e, mais tarde, já sem recursos alguns, encontrara aquela mulher que a obrigava a pedir juntamente com as duas crianças a troco de uma magra sopa e de uma côdea de pão.

Várias vezes se revoltara, mas a outra, sabendo que, sem ela, Ana ficaria sem abrigo e que, portanto, não fugiria, não se importava com isso.

Por fim, esgotada, Ana adormeceu e a mulher abandonou a costura e foi deitar-se apagando a luz.

A casa mergulhou na penumbra e no silêncio, como se os seus habitantes tivessem deixado de viver. Mas, lá fora, na rua, sob a chuva e o vento, a vida continuava...

O SEU,

a seu dono...

Escreve-nos a Isabel Trindade Nunes, pedindo a rectificação de um erro do passado «Juvenil». Com muito gosto o atendemos, pois dá-se o caso de que nós não reparámos nele. Ela é autora da poesia «Nazaré» e não do conto «Sonho», da autoria sim, da Maria Teresa Alves Trigo. Desculpem as respectivas autoras, esta involuntária troca

Diário de bordo

Atenção, Amigo 1139 (Maria Manuela Januário da Costa).—O teu prémio cá fica á espera da morada, que não temos.

Amigo 1172—Zé Lencastre (?)—aqui tens o teu numero. Não é preciso pagar-se nada para se ser Amigo do «Juvenil», a não ser o jornal de sábado. E fazer dele propaganda, para que cada vez haja mais leitores e mais Amigos.

1169—Julio dos Santos Freches (Covilhã)—Obrigado pelas tuas belas palavras de incentivo.

39—Carlos Braga (Lisboa)—Podes mandar a quantia em selos (4 semanas ou 8, conforme queiras um ou os dois meses de assinatura). E claro está, a morada de férias. Quanto ao resto não desesperes, porque demorará um pouco a correspondência.

1156—Eduardo Augusto Eugénio Pedroso (Lisboa)—És tu, na verdade. Foi engano, como bem calculaste. Desculpa estes dias de duvida.

386 — Maria Helena da Cunha Rato (Lisboa) — Recebemos o trabalho. [...] a nota sobre o jap[...] Esper[...] que bem se entendam [...] vez que há tão grande di[...] de id[...]es. Procura mandar [...] calcules lhe interessa[...] não te interessa c[...]rrespondência, precis[...]ssa diferença de idad[...] arranjar outro Amig[...], e para ti, um estudante mais novo, portanto com interesses mais próximos dos teus. Não achas?

1163—Francisco Calado (Lisboa) — Gostariamos, por razões muito especiais, o grau de parentesco entre o Luís Calado, a Otília de Jesus Almeida e tu. Depois te direi porquê, em carta particular.

Amigos novos entrados esta semana:

1169 — Julio dos Santos Rocha Freches (Covilhã); 1170—Ana Maria S. Canário (Aljustrel; 1171 — Maria Teresa Rodrigues (Torres Vedras); 1172—Maria José Lencastre (?); 1173 — João Joaquim Alferes Gonçalves (Ponte de Sor); 1174—Joaquim Pires Gonçalves (Lisboa); 1175—Maria Helena Matos da Cunha (Correio do Sabugo); 1176—Manuel Marques; 1177—Maria Odete Pires dos Santos (Rinchoa); 1178—Maria Cecília da Cruz Garcia (Lisboa); 1179—José Carlos Ramalhete (Venda Nova); 1180—Serafim Meneses Ferreira (Vila Nova de Gaia); 1181 —Paulo dos Santos Ferreira (Lisboa); 1182 — Agostinho José Gonçalves (Carriço); 1183 — Graziela Coelho (Salvaterra de Magos); 1184 — Luís Calado (Lisboa); 1185 — Otília de Jesus Almeida (Amadora); 1186—José Carlos Rocha (Lisboa; 1187 — Jorge Almeida Rino (Agueda).

CONCURSO

As vogais estão de férias

Algumas palavras há
que vão sem vogais. Enfim,
meu caro Amigo, vê lá
se as descobres mesmo assim...

Destino dos Portugueses
riqueza fomos buscar
(e desgraça, quantas vezes!)
pelos caminhos do M R.

«Vá, acorda! Acorda! ó, ó
homem que dormes! deixá-lo
o sono!». cócóricó
canta de manhã o G L...

Seus dois grandes mares sonda.
Democracia que marca
Pátria de Andersen—e bonda
p'ra ser grande a D N M R C.

Já teve em seu nome Augusta
a cidade portuguesa.
Saber que é B R G não custa
nada agora, com certeza.

O Dom Quixote engenhou.
E maior do que era dantes
a grande Espanha ficou
depois que nasceu C R V N T S.

Tu agora as vogais pões.
E se a bons livros tens gosto
manda-nos as soluções
até dezanove de Agosto.

Intercâmbio juvenil

1188—José Almeida Rino (Agueda)—Tem 17 anos e gostaria de corresponder-se com jovem estudante até 16 anos, que se interesse por tudo, em geral.

1020—Artur Gusmão Belo Morais, Rua Elias Garcia, 172, 4.°, dt.°, em Lisboa—Gostaria de arranjar correspondentes em qualquer parte do País.

1171 — Maria Teresa Rodrigues (Torres Vedras)—Dentro de algum tempo publicaremos os nomes dos jovens suecos, que muito nos têm sido solicitados.

534 — Ana Maria Quintans Ferreira (Granja)—Vê na minha carta que segue juntamente com o livro, o que penso sobre o assunto. No entanto, sabes que é natural esta demora que tanto te preocupa. Os nomes franceses só os podemos publicar em Outubro, logo que reabram as aulas.

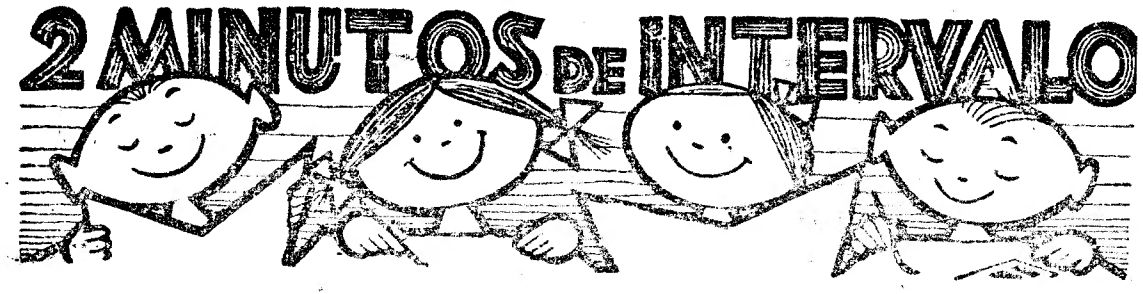
1123—1099—Só em Outubro, como digo á Ana Maria, podemos publicar os nomes que pedem. Mas, acreditem, não os esqueceremos.

Augusto Gil

Consagramos hoje umas linhas ao grande poeta Augusto Gil. Dele disse Agostinho de Campos, mestre da História da Literatura Portuguesa:

«O justo prémio do seu feliz equilíbrio artístico, da sua lucidez de pensamento, da sua clareza de expressão, da sua sinceridade literária, já em boa parte o recebeu, com a geral consagração contemporanea, o autor de tantas redondilhas lapidares ao gosto do fado literato ou popular; o poeta do «Passeio de Santo António», da «Toada para as Mães», da «Balada da Neve», do «Púcaro de água», dos admiráveis tercetos «Hora Mortis», de belíssima poesia «A Bárbara Palavra», etc., etc. E esse prémio actual não é mais do que um adiantamento por conta do que a posteridade lhe tem reservado e lhe há-de dar, tão certo como serem aquelas, e outras produções suas, da mesma massa de que são feitos, por exemplo, os sonetos camonianos da Alma Minha e da constancia de Jacob: nitidez, sinceridade, simplicidade, humanidade, e, portanto, eternidade».

A Portugália Editora dedicou-se á meritória tarefa de editar toda a obra do poeta. Acaba de sair agora mais um volume: «Musa Cérula». Todos os jovens devem conhecer Augusto Gil. Por isso lhes recomendamos: adquiram este belo e límpido livro.



Pensamentos... que fazem pensar

Grande êxito para este nosso pequeno-grande concurso! Campeão de simpatia, continua a interessar vivamente os nossos jovens leitores, alguns dos quais nos mandam listas enormes de pensamentos... á nossa escolha. A esses amigos quero lembrar que não é a quantidade que importa, mas sim a qualidade. E não devem esquecer que a finalidade deste concurso é educativa e que, portanto, os pensamentos escolhidos devem enaltecer valores e os melhores sentimentos; aumentar a experiência de todos os jovens fornecendo-lhe observações judiciosas sobre a vida—e que possam servir de guia e bordão na vida. Os pensamentos escolhidos para hoje pertencem ao José Marques Viegas. Amigo n.° 896, que tem assim direito a um belo livro como prémio.

Eis aqui os pensamentos:

«Sem nada se ensinar a um homem ele nunca poderá aprender».

(BERNARD SHAW)

«A palavra «impossível» é uma palavra infeliz; nada se pode esperar daqueles que a usam frequentemente».

(CARYLDE)

«Quando qualquer homem possui o segredo da vontade, ainda que seja pobre e o ultimo de todos, com certeza um dia há-de ultrapassar os outros».

(LACORDAIRE)

«Nos momentos difíceis não penses em ti. Pensa nos teus».

(JOSÉ MARQUES VIEGAS)

E antes de acabar, parabéns ao Marques Viegas por este seu belo pensamento. Vou copiá-lo para o meu caderno.

Por acaso tu sabias que...?

O esqueleto humano conta 208 ossos. Toma nota porque te podem fazer esta pergunta no «Quem sabe, sabe...».

*

As nossas orelhas possuem de 12.000 a 30.000 cordas vibrantes. Só admira é a paciência de quem as contou!

*

O corpo humano contém 5 a 6 litros de sangue. De mau sangue, ás vezes...

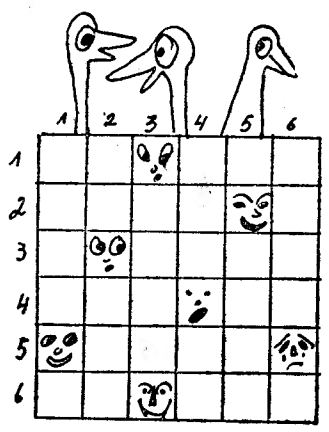
*

A quantidade de sangue que circula diáriamente num pulmão é de 10000 litros. Imagina tu agora a quantidade de ar puro que não é precisa para lavar esse sangue todo...

*

O coração humano pesa cerca de 300 gramas. Alguns, porém, com os remorsos que o sobrecarregam devem pesar para cima de uma tonelada...

PALAVRAS CRUZADAS



HORIZONTAIS: 1 — Ano do Senhor. Transpira. 2 — Ponto para onde convergem todos os raios que incidam num espelho côncavo paralelamente ao eixo principal. 3 — Capital da Noruega. 4 — Planeta (invertido). Povoação portuguesa ao pé de Oliveira de Azemeis. 5 — Bosque. 6 — Siga. Raiva.

VERTICAIS: 1 — Aguça. 2 — Pena. Artigo indefinido. 3 — Pega. 4 — Isolados. Pronome pessoal complemento. 5 — Luz do Sol reflectida pelo satélite. 6 — Ilha de coral.

Resultados

HORIZONTAIS: 1 — AD. Sua. 2 — Foco. 3 — Oslo. 4 — Aul. Ul. 5 — Mata. 6 — Va. Ira.

VERTICAIS: 1 — Afia. 2 — Da. Uma. 3 — Cola. 4 — Sós. Ti. 5 — Luar. 6 — Atol.

Nenhuma complicação

O senhor professor chamou o Periquito e pôs-lhe o seguinte problema:

— Dize lá como procederias para repartir igualmente três pães por catorze meninos... Complicado hem?

— Mesmo nada, senhor professor!

— Então que fazias tu?

— Fazia uma açorda...

Dez minutos bastam...

Mértola, Serpa, Elvas, Lagos.

...para resolver o curioso passatempo que te ofereço aqui. Trata-se de descobrir quais as terras portuguesas encobertas nas seguintes palavras:

Martelo
Rapes
Vales
Gados.

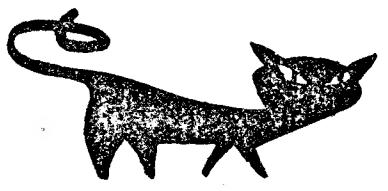
Se descobrires dentro de 10 minutos, podes gabar-te de possuir um bom golpe de vista. «Bonne chance»...

Teste de inteligência para os teus irmãos mais novos

19)—«Minha mãe, minha mãe, quem me dera ter asas para voar...» Era um menino quem dizia isto. Também gostavas de voar como os passarinhos? Ou não gostavas? Porquê?

20)—Uma musica alegre, comunicativa, movimentada, convidativa á dança, ao movimento, sugere-te um clima quente ou frio? Porquê?

21)—Imagina que fazes uma visita ao estrangeiro e que lá te perguntam o sítio, a paisagem, o monumento, etc., que achavas mais belo na tua própria terra. Que responderias?



Dizem que esta é verdadeira

A avó da Periquitinha, irmã mais nova do nosso Periquito, quis ser agradável á neta e disse-lhe:

— Tive uma boa ideia, queridinha! E se nós fossemos dar uma voltinha no carrocel?

E a Periquitinha, condescendente:

— Pois, sim, avó. Se isso lhe dá prazer...

Concurso da semana

SOLUÇÕES DOS CONCURSOS DO SUPLEMENTO N.° 65: I — AS VOGAIS ESTÃO EM FÉRIAS: pardal, vénus, nuvem, trigo, vinho. II — GIGANTES DA HUMANIDADE: Einstein

Prémios

1. — Amigo n.° 53—Maria do Céu Bilet Alves (Coimbra).

2. — Amigo n.° 1112 — Noémia Fernandes (Caldas da Rainha).

3. — Amigo n.° 112 — Lídia Montez (Santarém).

4. — Amigo n.° 1129 — Alda Celeste Meneses Ferreira (Gaia).

5. — Amigo n.° 467 — João Manuel Pires de Melo (Aveiro).

6. — Amigo n.° 491 — João Jorge Antunes de Matos (Moimenta da Beira).

7. — Amigo n.° 1147 — Luís Manuel Monteiro Guerra (Lisboa).

8. — Amigo n.° 1151 — Gil da Silva Patrão (Coimbra).

9. — Amigo n.° 1173 — João Alferes Gonçalves (Ponte de Sor).

10. — Amigo n.° 937 — Maria Elisa Duarte Saraiva (Lisboa).

11. — Amigo n.° 1186 — José Carlos Rocha (Lisboa).

12. — Amigo n.° 1160 — Maria Beatriz Goulart da Silva (Lisboa).

13. — Amigo n.° 1107 — Veríssimo Manuel da Luz (Ponte de Sor).

14. — Amigo n.° 1133 — António Manuel Bandeira (Faro).

15. — Amigo n.° 1143 — Aníbal António de Lima Nobre (Queluz).

16. — Amigo n.° 1174 — Joaquim Pires Gonçalves (Lisboa).

17. — Amigo n.° 1187 — Jorge Almeida Rino (Agueda).

18. — Amigo n.° 1176 — Manuel Marques (Sintra).

Vencedores

1 a 4: «HOTEL DO NORTE», por Eugène Dabit, volume n.° 92 da Colecção MINIATURA, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

5 a 9: «A LONGA ESPERA», por Mickey Spillano, volume n.° 134 da Colecção VAMPIRO, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

10. — «A SUCESSORA», por Carolina Nabuco (LIVROS DO BRASIL, LDA.).

11. — «BAGACEIRA», por José Américo de Almeida (LIVROS DO BRASIL, LDA.).

12. — «ALBA PLENA», por Augusto Gil (Obras Completas) — PORTUGALIA EDITORA.

13 a 18: «FANGA», por Alves Redol — Colecção «OS LIVROS DAS TRÊS ABELHAS» — editada pelas PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA.

PRÉMIO ESPECIAL PARA O MELHOR TRABALHO SOBRE EINSTEIN

19. — Amigo n.° 375 — Maria Candida Fronteira da Silva (Lisboa).

19. — «HOMENS E BICHOS», por Axel Munthe e «MADAME CURIE», por Eve Curie — 2 livros da Colecção DOIS MUNDOS, editada por LIVROS DO BRASIL, LDA.

A LONGA ESFERA

Não desejamos enganar os nossos jovens Amigos com este livro. Os milhares de adeptos da boa literatura policial, não podem queixar-se de a colecção «Vampiro» os ter obrigado a uma longa espera. Acaba precisamente de sair mais um emocionante volume desta colecção, que se chama—cá está a solução do mistério—que se chama «A longa espera» e é da autoria de Mickey Spillane.

Não vou revelar mais nada sobre o assunto. O que os leitores precisam é de ler este curioso livro da primeira até á ultima página, resistindo contra a tentação de ir ver ao fim como tudo acabou...

Vocês prometem que não farão isso?

E' uma edição de Livros do Brasil, Ld.ª, óptimo para ler nas férias...

ANIMAIS, ESSES DESCONHECIDOS...

Armas de defesa

A maior parte dos animais está armada e equipada para travar batalha com outros animais, sejam ou não da mesma espécie. A's vezes não se trata de força nem de astucia, mas simplesmente de equipamento bélico.

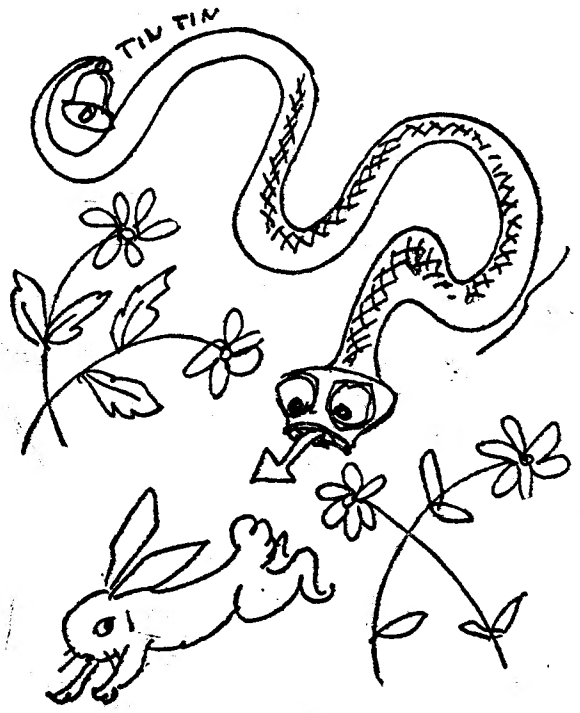
A luta pela existência pode ser travada em todos os níveis de vida, em qualquer espécie animal. Mas muitos animais nasceram, um dia, com poucas condições de sobrevivência. Logo pensaram em equipar-se para o futuro, produzindo ou desenvolvendo armas especiais. Nunca homem algum observou um combate entre a baleia e o polvo gigante. Mas supõe-se que seja terrível, dada a corpulência e força dos contendores. Os resultados têm sido observados pela existência de tentáculos no estômago de baleias e por terríveis feridas no dorso destas. Já imaginaram como deve ser terrível um combate destes? Dois monstros combatendo corpo-a-corpo, no seio dos mares, espadanando as águas e soltando sons estranhos... O melhor é nem pensarmos.

Há um tipo de serpente terrivelmente perigoso — a chamada serpente de campainha. A sua mordedura é terrivelmente venenosa, mortal, e dela faz uso para se defender. Na ponta da cauda tem uma espécie de sineta que alarma o inimigo. Este, se é prudente, sabe que aquele toque representa a ira da bichinha. E põe-se ao largo (o que chamamos «campainha» não passa de fragmentos de pele ressequida que, chocando-se, produzem um som de alarme para a bicharada).

Há outros animais que inoculam o veneno, mas não por mordedura. Como o escorpião, transportam o veneno na ponta da cauda; injectam-no com a ajuda de um aguilhão semelhante a qualquer agulha bem afiada. Segura a vítima com as pinças, fortes, recurva a cauda por sobre a cabeça. E não digo mais nada.

O veneno do escorpião não causa, em geral, a morte do homem, como é voz popular. Nos países quentes, há um medo horrível a estes animais; mas explica-se, porque alguns atingem o tamanho de lagostas grandes e negras; e outros são tão perigosos, que infundem respeito. Mas vejam lá, que capricho: estes ultimos são cinzentos e do tamanho de um dedo humano. (Os escorpiões não se medem aos palmos).

Já sentiram, acaso, um choque eléctrico? Já? pois existe um animal — o gimnota — semelhante á enguia, que causa a morte por este processo. O choque é produzido por um órgão especial e causaria a morte de um homem, se este fosse tão tolo que se atrevesse a lutar com o gimnota. Os peixes têm-lhe grande respeito e passam de largo. Mas ao nadar, o gimnota não electriza tudo o que toca; apenas o faz como defesa.



E já não é pouco, porque morte por descarga eléctrica, até aposto que só conheciam na América?!

MARIA HELENA COSTA DIAS

XXI — Uma invenção de Benjamim Franklin

Naquela família o jantar de sábado era sempre o mais apetitoso da semana: todos iam com o corpo fresco para a mesa, depois do banho completo, quer dizer ao corpo inteiro. Sentados á roda duma longa mesa sobre que resplandecia uma toalha alva como requeijão — os donos da casa e os seus hóspedes passaram umas duas horas repartidas entre o comer e o conversar.

— Vossa Mercê — disse a certa altura o filho mais novo de Mr. Deane, dirigindo-se a Porter — Vossa Mercê entende, pelo que outro dia me foi dado ajuizar, que o homem não é *limpo por natureza*. Muito gostaríamos de escutar a sua douta opinião, pois ela desacorda com o que sobre a natureza do homem disseram os grandes filósofos do século. Eles não se referiram, claro, ao asseio, mas definiram o homem como um *ser bom, livre e igual aos demais por natureza*. Sendo assim, também se me afigura que o homem deva considerar-se *asseado por natureza*. Que me diz Vossa Mercê?

— Eu digo (e falo não como filosofo, mas como historiador) que *o homem não é asseado por natureza*. Como explico esta grave afirmação, eis o que Vossas Mercês terão a bondade de escutar, se permitirem que lhes roube uns momentos com a minha enfadonha teoria.

De todos os lados se ergueram amáveis vozes de incitamento e então Porter iniciou o seu discurso da maneira que segue:

— Vossas Mercês acabam de instituir no vosso grandioso país o mais belo regime que poderia governar as sociedades humanas: a democracia! Outros e outros povos seguirão Vosso exemplo. Eis, senhoras e senhores, um enorme, um maravilhoso progresso. Ao mesmo tempo que isto sucede, outras grandes transformações se estão verificando na vida da Humanidade. Antigamente era o homem que tecia a fazenda da sua roupa e ao inventar máquinas para o auxiliarem na tarefa, era ainda com a sua força que movia tais máquinas. Que dirá o pensador ao observar tais factos? Eu penso que dirá: o homem está a sair da animalidade para a humanidade. Ora tempos passados, esse mesmo homem deixou de mover as máquinas, pois inventara uma força que o libertava duma função puramente animal. Refiro-me á utilização da força da água. Essa força da água ao cair dum plano mais alto para um mais baixo fazia mover rodas e este movimento transmitia-se ás máquinas.

Ora muito bem, prezadas Senhoras e Senhores! Este processo ainda possuia largos inconvenientes: as fábricas eram obrigadas a escalonar-se ao longo dos cursos de água, muitas vezes fora das zonas de produção das matérias-primas, como o linho, o algodão, etc. Pois a inteligência humana também este problema resolveu: a máquina a vapor permite que se ergam fábricas em qualquer ponto do Globo, lá onde elas forem precisas. Mas há mais: a máquina a vapor permite o fabrico de tecidos muito mais baratos, permite que toda a gente se possa vestir decentemente. Como vedes, a História do Homem é a história duma luta encarniçada para o libertar da animalidade, para o tornar tal como já hoje é, para o tornar ainda melhor amanhã... Os homens de há milhares de anos viviam como verdadeiros animais. Que grande caminho andado! Que orgulho sentimos ao olhar para o passado da nossa raça e ver como fizemos da nossa História a história do progresso!

Eu vou terminar o meu discurso, prezadas Senhoras e Senhores. Perdoai-me se fui obscuro e se as minhas ideias não são tão brilhantes como o meu auditório merece. Nas minhas andanças pela História humana verifiquei que no passado os povos, salvo uma minoria entre os Gregos, os Romanos e, mais amplamente entre os Arabes — salvo estes, repito — viveram na mais completa imundície, em nada se distinguindo dos animais. Foi inventando o sabão ou coisa parecida que eles começaram a cuidar do asseio da sua roupa e do seu corpo. Hoje, como sabeis, o sabão é ainda um produto muito caro. Quando, porém, a industria do sabão se desenvolver ao ponto de tornar o sabão baratíssimo, repetindo o que está sucedendo com os panos de linho e de algodão — então o asseio penetrará em todos os lares, então os homens ganharão uma nova liberdade — *a liberdade de serem asseados!* Faço ardentes votos por isso. Tenho dito.

O discurso foi aplaudido ruidosamente. As senhoras, comovidíssimas, limpavam francamente as suas lágrimas. Os homens ergueram-se para abraçar o historiador. Chocaram-se taças de autêntico champanhe francês. Deram-se vivas ao progresso, á liberdade. E no fim Mr. Deane afirmou que lhe calava profundamente no coração o ter recebido em sua casa tão ilustre pensador e homem de bem.

— Hei-de, se me permitir essa honra, apresentá-lo a Benjamin Franklin, a Washington, a todos os obreiros duma terra americana de homens livres e iguais.

*

Passados dias, Silas Deane cumpriu o prometido. A primeira visita era para Franklin. Pelo caminho Mr. Deane foi dizendo que Benjamin Franklin, filho dum fabricante de sabão, inventara uma banheira de que se diziam maravilhas, pois, permitia, calcule-se a vantagem! — tomar banhos quentes a toda a hora. Ele ainda não tinha visto, pessoalmente, aquele fabuloso invento. Mas ouvira afirmar a pessoa digna de todo o crédito que as visitas a Franklin eram tantas que este chegava a recebê-las enquanto cómodamente sentado na banheira tomava o seu banho...

O informador dizia a pura verdade, pois foi precisamente assim que os recebeu o grande inventor.

Max não se cansava de mirar e remirar a estranha banheira. Era do feitio duma bota e dispunha no «calcanhar» de uma grelha para aquecer a água...

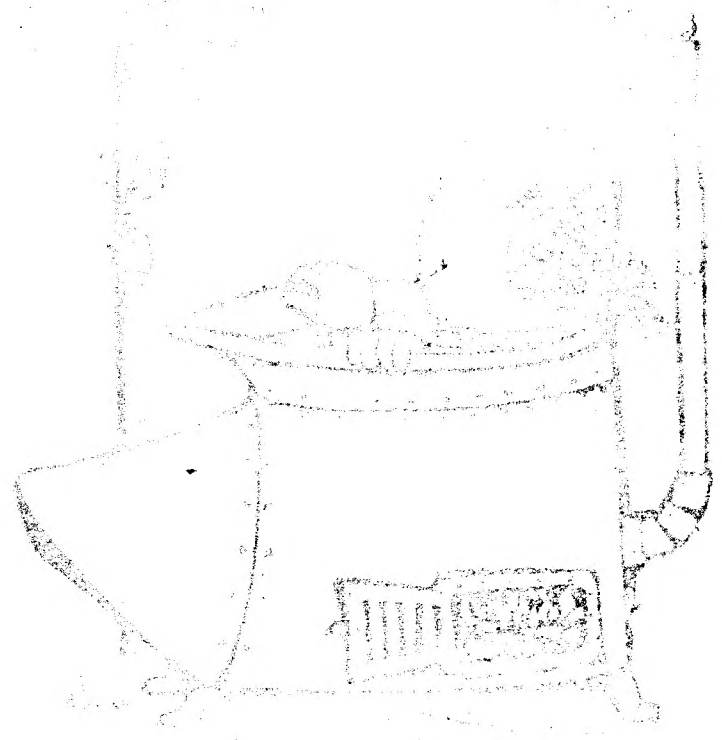
Franklin tinha um ar felicíssimo e repousado. Disse aos seus visitantes que tal facto se devia aos banhos que diáriamente tomava naquela banheira original. Respondeu depois a várias perguntas com que Max o crivou: se a banheira não queimava, sobretudo no sítio do rabiote; se a água não chegava ao ponto em que se tornaria demasiado elevada; se não ficava demasiado tempo imerso; se o fumo da grelha não o incomodava...

Pois nenhuma destas desgraças acontecia. Franklin era um homem feliz e estava a habituar os Americanos em dois bons sentidos: primeiro, o da limpeza diária; segundo, o de não criticar cada um por viver sem preconceitos, á sua inteira vontade, desde que tal não prejudicasse os demais. Ela sabia muito bem que era alvo da crítica de «puritanos» pelo facto de receber visitas assim metido na banheira. Mas não se importava. A verdade é que não ofendia a moral. Nem a paz de consciência. Não prejudicava ninguém. Era, pois, livre de receber nas suas visitas metido até ao pescoço na sua amada banheira...

A' saída, e depois de haverem deixado Mr. Deane em sua casa, Porter explicou ao amigo que Benjamin Franklin havia de fazer o mesmo quando partisse para a Europa como embaixador especial da jovem Republica. Em França o hábito de receber as visitas enquanto tomava banho tornou-se proverbial. Esse hábito não pegou. Mas o amor de Franklin pelo banho teve uma formidável consequência: tornou familiar e indispensável aos Americanos o gosto da limpeza. Progresso tão grande como o da sua descoberta do pára-raios...

Ao fim de milhares de anos de digressão, Max e Porter começavam finalmente a encontrar o ilustre casal do Senhor Asseio e da Senhora Limpeza.

(Isto mesmo veremos no próximo numero)

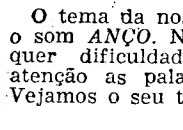


HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA DO SABÃO

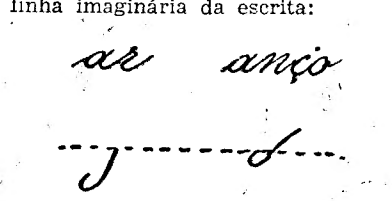
Curso elementar de estenografia

Por Natália da Fonseca

O tema da nossa lição de hoje é o som *ANÇO*. Não apresenta qualquer dificuldade se lermos com atenção as palavras que seguem. Vejamos o seu traçado:



O traço é ascendente, tal como a seta á beira dele indica. Por esse motivo nunca se pode confundi-lo com o som terminal *AR*, já por nós estudado. Reparem no exemplo abaixo, em que o pautado indica a linha imaginária da escrita:

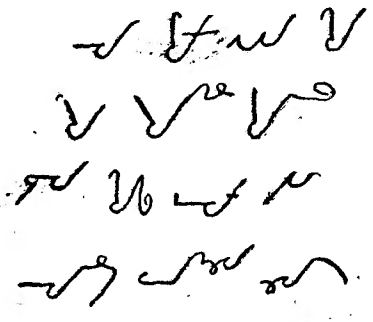


Depois de d, m, q, s, ou qualquer outro signo de idêntica inclinação, a curva do som *ANÇO* deve ser bem pronunciada para facilitar a leitura.

Representação fonética:

anç, enç, inç, onç, unç.
anço, enço, inço, onço, unço.
anso, enso, inso, onso, unso.
ancio, encio, incio, oncio, uncio.
ancho, encho, incho, oncho, uncho.
ansio, ensio, insio, onsio, unsio.
anzo, enzo, inzo, onzo, unzo.

Exemplos de ligação



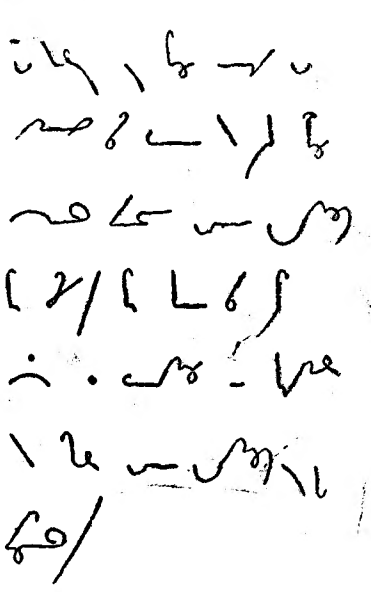
Palavras que os alunos devem estenografar em casa:

Ciência, anuência, eminência (o e inicial não se estenografa) estância, senço, denso, apensado, vencedor, bonança, amansa, lenço, dispenso, tranças, relance, finanças, crença, pronúncia.

E, ainda, as seguintes frases, em que os sons já vão separados para dar uma pequena ajuda:

É/ cr ença/ b em/ a c eite/ a g ora/ q (ue)/ a/ (e)x per ência/ é/ a/ m adre/ d(e)/ (todas)/ a s/ c oisas/ Esta/ v(e) r dade/ ac abou/ por/ v enc (e)r/ e/ con v enc (e) r/ A s/ f in anças/ d o/ p obre/ c ansam/ d(e)/ pr essa/ (Não)/ m(e)/ dis p enso/ d(e) c r (e) r/ q(ue)/ a/ c(i) ência/ t em/ e/ s (e)m pre/ t eve/ u m (i)m enso/ al c ance/

Correcção do exercício do *Juvenil* n.º 62:



(Tradução: O dinheiro era pouco mas o irmão no fim de cada época, trazia sempre um brinquedo para nós. Para quem só podia contar com frascos e carrinhos de linhas, um brinquedo era uma riqueza.).

Podem perguntar...

por que razão a Companhia União Fabril oferece aos jovens Portugueses esta importantíssima História da Limpeza. A resposta é muito simples e os nossos próprios leitores a poderiam dar se se dessem ao trabalho de pensar um bocadinho... Já aqui se falou que foi a Companhia União Fabril que, *há um século*, introduziu o asseio em Portugal. Nestes cem anos ela tem lutado para conseguir que esse mesmo asseio entrasse em todos os lares. Como? Procurando fabricar sabões melhores e mais baratos — que lavem melhor e que estejam ao alcance de toda a gente.

Para completar essa tarefa resolveu oferecer aos jovens de Portugal uma História que lhes faça compreender os benefícios do asseio e quanto foi necessário estudar e lutar para que o homem saísse da animalidade...

Aqui está a resposta á vossa pergunta.

Assinatura do JUVENIL

A' semelhança do que fez no ultimo ano, o «Diário de Lisboa» vai criar uma modalidade de assinatura para o SUPLEMENTO JUVENIL. Este regime de assinatura entra em vigor imediatamente e manter-se-á durante os meses de Julho, Agosto e Setembro. Envia-nos, pois, uma carta com os seguintes elementos:

1—Mês ou meses que desejas assinar.
2—Endereço.
3—Dinheiro, selos ou vale do correio, Cada Juvenil — 1 ESCUDO.

Senão queres ficar com a tua colecção incompleta, PEDE UMA ASSINATURA DE FÉRIAS.

NOTAS DE LEITURA

«Já és um homenzinho»
pelo padre Timann

Na verdade, que melhor opinião sobre este livrinho que as palavras do nosso Amigo Gastão Alexandre Guerreiro, de Faro? Diz ele, entre outras coisas: «Foi de todos os livros ganhos, o que mais apreciei, não só pela maneira suave como foi escrito, mas também porque, em certos pontos, nos penetra até ao íntimo do nosso ser. Para falar francamente, acho que deve ser lido por toda a Juventude, porque é muito bom e educativo, quanto ao comportamento de um jovem».

E tem razão o nosso Amigo. Há problemas que, por delicadeza ou simples convenção, não vêm ás páginas dos jornais, para ser tratados. Mas são prementes, graves, não só porque fazem parte da vida quotidiana da juventude, mas porque são problemas que não encontram solução no segredo falseado em que se escondem. Toda a Juventude devia, pois, ler este livrinho simples, bem escrito, cheio de ternura e de compreensão para com as «faltas» da Juventude, que o padre Tilmann escreveu e as entidades eclesiásticas portuguesas sancionaram. E a Livraria Tavares Martins — do Porto — editou.

«Já és um homenzinho», por Klemens Tilmann, da Livraria Tavares Martins, do Porto.